



**JULIANA DO CARMO JESUS PIO**

**O “CAFÉ FEMININO”: DA ROÇA PARA O MERCADO  
EXTERIOR E OS PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DO GRUPO  
MOBI - POÇO FUNDO- MG**

**LAVRAS-MG  
2020**

**JULIANA DO CARMO JESUS PIO**

**O “CAFÉ FEMININO”: DA ROÇA PARA O MERCADO EXTERIOR E OS  
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DO GRUPO MOBI - POÇO FUNDO- MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Maria de Lourdes Souza de Oliveira  
Orientadora

Prof.<sup>a</sup>. Dra. Viviane Santos Pereira  
Coorientadora

**LAVRAS-MG  
2020**

**Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da Biblioteca Universitária da UFLA,  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).**

Pio, Juliana do Carmo Jesus.

O “café feminino”: da roça para o mercado exterior e os processos de aprendizagem das mulheres do Grupo Mobi - Poço Fundo- MG / Juliana do Carmo Jesus Pio. - 2020.

113 p. : il.

Orientadora: Maria de Lourdes Souza de Oliveira.

Coorientadora: Viviane Santos Pereira.

Dissertação (Mestrado profissional) - Universidade Federal de Lavras, 2020.

Bibliografia.

1. Mulheres rurais. 2. Agricultura Familiar. 3. Pedagogia Social. I. Oliveira, Maria de Lourdes Souza de. II. Pereira, Viviane Santos. III. Título.

**JULIANA DO CARMO JESUS PIO**

**O “CAFÉ FEMININO”: DA ROÇA PARA O MERCADO EXTERIOR E OS  
PROCESSOS DE APRENDIZAGEM DAS MULHERES DO GRUPO MOBI - POÇO  
FUNDO- MG**

**THE “FEMALE COFFEE”: FROM THE COTTAGE TO THE FOREIGN MARKET  
AND THE LEARNING PROCESSES OF WOMEN IN THE MOBI GROUP - POÇO  
FUNDO - MG**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Desenvolvimento Sustentável e Extensão, para a obtenção do título de Mestre.

APROVADA em 02 de março de 2020.

|   |           |
|---|-----------|
| Dr. <sup>a</sup> Maria de los Angeles Arias Guevara | UFLA      |
| Dr. Pedro Rosas Magrini                             | UNILAB-CE |

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Maria de Lourdes Souza de Oliveira  
Orientadora

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Viviane Santos Pereira  
Coorientadora

**LAVRAS-MG  
2020**

*À minha mãe, mulher rural e feminista, mesmo sem saber disso.*

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pela sabedoria e por conduzir meu caminho permitindo a conclusão de mais essa etapa.

À minha família, em especial ao meu pai e minha irmã, pela força, amor e preocupação com as viagens semanais. Agradeço também pelo apoio e compreensão diante das minhas ausências e das poucas visitas realizadas.

Ao Fernando que soube ser calma em meus momentos de tempestade.

Aos meus amigos que de perto ou de longe me deram apoio e se cansaram de ouvir que eu não poderia sair ou viajar porque tinha que escrever e estudar. Agradeço pela amizade e compreensão.

À Universidade Federal de Lavras, ao Departamento de Administração e ao Programa de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Extensão pela oportunidade em realizar esse trabalho.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável e Extensão (PPGDE) pelos conhecimentos compartilhados e contribuições com a minha pesquisa e todo o crescimento proporcionado.

À professora orientadora Maroca pelo acolhimento e direcionamento no decorrer do percurso. Agradeço pelo crescimento que me proporcionou com suas reflexões e alegria de viver, sempre me transmitindo a calma necessária para dar continuidade.

À professora coorientadora Viviane pelo apoio, ensinamentos e leitura atenta. Agradeço à confiança.

À Flávia, pela paciência e disponibilidade na secretaria para ajudar no que precisei.

Aos colegas de turma pelas reflexões e experiências enriquecedoras, pela amizade, pelos momentos agradáveis passados juntos e pela alegria dos cafés coletivos.

À irmã que o mestrado me deu, Flavinha, pela acolhida em sua casa, pelo socorro nos momentos em que precisei, pelas conversas, risos e companheirismo. Agradeço também à Fatinha e Eduardo pela recepção sempre sorridente e carinhosa, vivi momentos felizes com vocês durante essa trajetória.

Aos professores Maria de Los Angeles Arias Guevara e Pedro Rosas Magrini por terem aceitado participar da banca e pelos ensinamentos e contribuições que permitiram o aperfeiçoamento do trabalho.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS) pelo apoio recebido para a realização desta pesquisa.

À Pró-Reitoria de Extensão pelas concessões que permitiram que esta pesquisa acontecesse. Agradeço ainda aos colegas de trabalhos pelo apoio e motivação.

À Aloisia, orientadora de coração, pela amizade e por acreditar desde o começo e me apoiar durante toda a caminhada.

Às mulheres do MOBI pela paciência no decorrer do período que acompanhei o grupo, pelas informações e documentos concedidos e por acreditarem na importância do trabalho.

Por fim, a todos que, de alguma forma torceram e contribuíram para que eu concluísse a pesquisa.

**MUITO OBRIGADA!**

*"O correr da vida embrulha tudo,  
a vida é assim: esquenta e esfria,  
aperta e daí afrouxa,  
sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.  
O que Deus quer é ver a gente  
aprendendo a ser capaz  
de ficar alegre a mais,  
no meio da alegria,  
e inda mais alegre  
ainda no meio da tristeza!  
A vida inventa!  
A gente principia as coisas,  
no não saber por que,  
e desde aí perde o poder de continuação  
porque a vida é mutirão de todos,  
por todos remexida e temperada.  
O mais importante e bonito, do mundo, é isto:  
que as pessoas não estão sempre iguais,  
ainda não foram terminadas,  
mas que elas vão sempre mudando.  
Afinam ou desafinam. Verdade maior.  
Viver é muito perigoso; e não é não.  
Nem sei explicar estas coisas.  
Um sentir é o do sentente, mas outro é do sentidor."  
Guimarães Rosa*

## RESUMO

Esta pesquisa possui como temática a produção e a transformação do conhecimento fora do ambiente formal de educação. Assim, buscaremos compreender as práticas de aprendizagem ocorridas junto a um grupo de mulheres, agricultoras familiares para, assim, entender as relações entre essas práticas e a construção de igualdade e progresso do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI). Para a melhor compreensão dos processos de aprendizagem vivenciados pelas mulheres no decorrer de sua trajetória individual e no grupo MOBI e conseqüente mudança de posição e condição, nesse estudo de caso foi utilizado aporte teórico estudos sobre Agricultura Familiar, mulheres rurais e Pedagogia Social. A metodologia foi pautada nas abordagens qualitativas para estudo de caso, com realização de pesquisa bibliográfica e análise de dados secundários produzidos pelos meios de comunicação a respeito do grupo, bem como análise documental de documentos produzidos pelo próprio grupo. Para a coleta de dados, foi realizado um grupo focal, além de observação participante e entrevistas semiestruturadas. O estudo de caso foi realizado na Cidade de Poço Fundo-MG, mais especificamente com as mulheres produtoras do café da marca “Feminino”, cooperadas na COOPFAM e uma artesã integrante do grupo. O estudo identificou uma complexidade dos aprendizados que em função da intensa rede de apoiadores ao MOBI ocorreram tanto em diferentes conteúdos e em relação ao processo organizativo do grupo, o que sinalizou o foco na busca por igualdade entre homens e mulheres, em diversas dimensões. Os aprendizados se referem tanto a questões individuais, quanto à família, a Cooperativa, as relações de mercado, quanto ao processo organizativo do grupo, as relações com as instituições de ensino. Destaca-se que os resultados desta pesquisa poderão contribuir com projetos futuros do Departamento de Mulheres e Juventude da COOPFAM.

**Palavras-chave:** Mulheres rurais. Aprendizado. Igualdade.

## ABSTRACT

This research has as its theme the production and transformation of knowledge outside the formal educational environment. Thus, we will seek to understand the learning practices that took place among a group of women, family farmers in order to understand the relationships between these practices and the construction of equality and progress of the “Mulheres Organizadas Buscando Igualdade” (MOBI) group. For a better understanding of the learning processes experienced by women during their individual trajectory and in the MOBI group, this case study used theoretical support studies on Family Farming, Rural Women, and Social Pedagogy. The methodology was based on qualitative approaches to the case study, supported by bibliographic research and analysis of secondary data about the group produced by the media, as well as documentary analysis of materials produced by the group itself. For data collection, we conducted a focus group, as well as participant observation and semi-structured interviews. The case study was carried out in the city of Poço Fundo-MG, more specifically with women producers of branded coffee “Feminino”, cooperated at COOPFAM and with an artisan member of the group. The study identified a complexity of learning, that due to the great network of MOBI supporters, occurred both in different contents and concerning the group's organizational process, which signaled the focus on the search for equality between men and women, in different dimensions. Learning refers to individual issues, as much as to the family, the Cooperative, market relations, as well as the group's organizational process, relations with educational institutions. It is noteworthy that the results of this research may contribute to future projects by the Department of Women and Youth at COOPFAM.

**Keywords:** Rural women. Learning. Equality.

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 - Café Feminino torrado e moído: embalagem inicial e embalagem atual. ....   | 48 |
| Figura 2 - Grupo MOBI: formação atual. ....   | 53 |
| Figura 3 - Linha do tempo do grupo MOBI. ....   | 53 |
| Figura 4 - Trajetória de aprendizado do grupo MOBI. ....  | 57 |
| Figura 5 - Práticas educativas agrupadas por área de conhecimento. ....   | 60 |
| Figura 6 - Mulher do MOBI em evento internacional na Guatemala e Coordenadora do<br>MOBI dando entrevista para repórter da EPTV. .... | 70 |
| Figura 7 - Participação da mulheres em dia de campo e visita de verificação.....  | 71 |
| Figura 8 - Participação das mulheres em cada etapa do ciclo do café. ....   | 77 |
| Figura 9 - Audiência pública: explanação de representante do MOBI e do Prefeito de<br>Poço Fundo – MG. ....                           | 82 |

## LISTA DE SIGLAS

|              |  |
|--------------|--|
| AF           | Agricultura Familiar   |
| CAPES        | Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior                |
| CNPQ         | Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico              |
| COOPFAM      | Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região             |
| EPTV         | Emissoras Pioneiras de Televisão   |
| FAO          | Food and Agriculture Organization  |
| IFSULDEMINAS | Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais |
| ONG          | Organização não Governamental  |
| SENAR        | Serviço Nacional de Aprendizagem Rural                                     |
| UNIFAL       | Universidade Federal de Alfena   |
| UOL          | Universo Online  |

## SUMÁRIO

|          |   |            |
|----------|---|------------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>13</b>  |
| 1.1      | Justificativa .....   | 15         |
| 1.2      | Questão de pesquisa .....   | 16         |
| 1.3      | Objetivos .....   | 16         |
| <b>2</b> | <b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....  | <b>18</b>  |
| 2.1      | Agricultura Familiar: breve conceituação e importância .....                                | 18         |
| 2.1.1    | Importância da Agricultura Familiar .....   | 20         |
| 2.1.2    | Cooperativismo na Agricultura Familiar: um contexto e o surgimento da<br>COOPFAM .....      | 23         |
| 2.1.3    | Mulheres agricultoras familiares e a formação de grupos .....                               | 26         |
| 2.2      | Pedagogia Social.....   | 29         |
| 2.2.1    | Influências da produção intelectual de Paulo Freire na Pedagogia Social .....               | 32         |
| <b>3</b> | <b>METODOLOGIA</b> .....  | <b>35</b>  |
| 3.1      | Delineamento da pesquisa .....  | 35         |
| 3.2      | Ambiente de concentração da pesquisa .....  | 35         |
| 3.3      | Os procedimentos de coleta dados .....  | 36         |
| 3.3.1    | Análise documental .....  | 37         |
| 3.3.2    | Observação participante .....   | 38         |
| 3.3.3    | Grupo focal .....   | 39         |
| 3.3.4    | Entrevista semiestruturada .....  | 40         |
| 3.4      | Organização e interpretação dos dados .....   | 41         |
| <b>4</b> | <b>DE AGRICULTORAS FAMILIARES INDIVIDUALIZADAS À<br/>MULHERES ORGANIZADAS NO MOBI</b> ..... | <b>44</b>  |
| 4.1      | Trajetória do grupo.....  | 45         |
| 4.2      | Construção conjunta do conhecimento e transformação .....                                   | 54         |
| 4.2.1    | Geração de renda .....  | 61         |
| 4.2.2    | Alimentação e cuidado familiar .....  | 64         |
| 4.2.3    | Participação coletiva e desenvolvimento pessoal .....                                       | 66         |
| 4.2.4    | Agricultura .....   | 71         |
| 4.2.5    | Meio ambiente .....   | 79         |
| 4.2.6    | Visibilidade externa .....  | 83         |
| <b>5</b> | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....   | <b>89</b>  |
| 5.1      | Inserção Social da Pesquisa .....   | 94         |
|          | <b>REFERÊNCIAS</b> .....  | <b>96</b>  |
|          | <b>APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO</b> .....  | <b>103</b> |
|          | <b>APÊNDICE B - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE</b> .....                              | <b>104</b> |
|          | <b>APÊNDICE C - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL I</b> .....  | <b>105</b> |
|          | <b>ANEXO A - REGIMENTO INTERNO DO GRUPO MOBI</b> .....                                      | <b>107</b> |
|          | <b>ANEXO B - MOÇÃO DE REPÚDIO</b> .....   | <b>113</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa possui como temática a produção e a transformação do conhecimento fora do ambiente formal de educação. Os espaços não formais de educação constituem-se importantes ferramentas de construção de conhecimento conjunta, não descartando a autonomia, conhecimento e cultura do indivíduo e desenvolvendo-se também no exercício da participação. “A educação não-formal é aquela que se aprende "no mundo da vida", via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas” (GOHN, 2014, p. 40).

Assim sendo, buscaremos compreender as práticas de aprendizagem ocorridas junto a um grupo de mulheres, agricultoras familiares para, assim, entender as relações entre essas práticas e a construção de igualdade e progresso do grupo Mulheres Organizadas Buscando Igualdade (MOBI).

O interesse pelo tema se deu devido às origens da autora, fazendo-se assim necessária uma prévia apresentação. Sou nascida e criada na região do campo das vertentes, em Minas Gerais. Vivi maior parte da minha vida em uma propriedade rural, há cerca de 20Km da cidade de Coronel Xavier Chaves, cidade pequena com cerca de 4 mil habitantes que conta com grande parte da população no meio rural.

Em uma pequena propriedade, minha família, caracterizada pela Agricultura Familiar, sempre buscava estratégias de superação das inúmeras dificuldades enfrentadas no meio rural, seja na produção, na comercialização ou simplesmente por um maior reconhecimento e valorização da produção do leite. Os desafios enfrentados pelo meu pai como o baixo preço do leite, escassos recursos financeiros para investimento na propriedade, sobretudo em inovações tecnológicas como ordenhadeira, tanque de resfriamento, dentre outros, o impediam de atuar de maneira competitiva no mercado.

Em uma família com duas filhas, não se pensava em sucessão rural, sempre houve grande incentivo para que estudássemos, sobretudo pela minha mãe. Em períodos de baixa do leite, o valor do cartão azul do programa Bolsa Escola do Governo Federal, poupado no decorrer do ano, representava a compra do material escolar e uniforme para o início do ano letivo escolar.

Após deixar o meio rural, aos dezoito anos, para iniciar o curso de letras na Universidade Federal de São João del-Rei, tive meus primeiros contatos com a questão de gênero e estudos sobre mulheres por intermédio das disciplinas do cursos, palestras e eventos na universidade.

No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, onde trabalho atualmente, reencontrei com as temáticas da Agricultura Familiar e mulheres rurais ao conhecer o projeto “Fortalecimento da Identidade do grupo MOBI por meio do desenvolvimento de produtos artesanais com subprodutos do Café”, por meio de sua coordenadora e servidora do IFSULDEMINAS.

Assim, por meio do projeto já citado, conheci um grupo de mulheres organizadas, não apenas em busca de independência e geração de renda, mas também em busca de igualdade, um grupo cujas discussões vão além da agricultura e do cultivo de orgânicos, perpassando também pelas relações de gênero e pensando no bem comum.

O grupo chamou atenção, pois conseguiu por meio de um trabalho coletivo e com histórias particulares se mobilizar e organizar para conquistar um espaço de luta que proporciona a cada uma colher os frutos desse esforço, em especial o respeito e a visibilidade do seu trabalho com a produção do “Café Feminino”, hoje exportado para vários países. Diante disso, surgiu o interesse em saber: como isso aconteceu? Quais foram os processos de aprendizagens vivenciados por elas até chegarem ao momento atual?

Há que ressaltar que esse grupo mulheres conta com poucos anos de educação formal, porém percebe-se serem detentoras de grande sabedoria advinda das práticas na lavoura e da luta pela visibilidade do trabalho da mulher no campo. Além disso, demonstram possuir grande entusiasmo para o aprendizado de novas técnicas para o trabalho, realizando inúmeras capacitações para o trabalho e para formação social.

Diante do apresentado, surgiu o interesse em estudar o percurso de aprendizagem desse grupo de mulheres, desde o seu ponto de partida enquanto agriculturas individuais, invisibilizadas e incomodadas com a situação de hierarquia e falta de espaço dentro da cooperativa até o estágio atual, depois das conquistas obtidas e desafios ainda existentes.

Assim sendo, a pesquisa visa entender essa história, analisando como acontecem os processos educativos, com destaque para as atividades de educativas realizadas por intermédio de ações diversas dentro do grupo MOBI.

Este trabalho foi organizado em cinco partes, sendo esta introdução a primeira, onde foram descritos os motivos que levaram à escolha do tema, sendo que os objetivos e a justificativa estão inseridos dentro da mesma.

Na segunda parte, está o referencial teórico que discorre sobre os dois temas relacionados à pesquisa. O primeiro tema tratado é Agricultura Familiar, foi realizada uma breve conceituação, tratada sua importância, o cooperativismo na Agricultura Familiar e as mulheres agricultoras familiares. O segundo tema refere-se à Pedagogia Social, sendo feita

uma contextualização e tratada as influências da produção intelectual de Paulo Freire na Pedagogia Social.

Na terceira parte do trabalho, é feita uma descrição sobre o percurso metodológico percorrido para a realização desta pesquisa. Foi realizado um delineamento da pesquisa, explanado a respeito do ambiente de concentração da mesma, dos procedimentos de coletas de dados e organização e interpretação dos mesmos.

A quarta parte trata dos resultados e discussão. Essa parte foi dividida em dois subtópicos, sendo eles; a trajetória do grupo e a construção conjunta do conhecimento e transformação. No primeiro subtópico, está o resgate histórico da constituição do grupo, onde foi descrita a trajetória do grupo e as fases que o mesmo passou ao longo de sua existência. No segundo subtópico, é tratada a construção do conhecimento pelo grupo realizado no decorrer das práticas educativas diversas realizadas, essa análise foi realizada baseada nas áreas temáticas das atividades realizadas, sendo identificadas quatro áreas temáticas: geração de renda, alimentação e cuidado, desenvolvimento pessoal e participação coletiva, agricultura, visibilidade externa e meio ambiente.

Finalmente, a quinta parte desta pesquisa foi destinada às considerações finais, onde também são apontados possível projetos e ações a serem realizados. Após as considerações finais, encontram-se os apêndices e anexos.

## **1.1 Justificativa**

As problemáticas relacionadas às relações de gênero na sociedade têm sido temas recorrentes das pesquisas na atualidade, porém ainda há muito estudo a ser feito, visto que o problema persiste e as relações são muito desiguais. No meio rural, a invisibilidade do trabalho da mulher em especial, tem levado muitas mulheres a migrarem para a cidade onde esperam ter mais reconhecimento e valorização pelo trabalho realizado. Diante disso, ações educativas surgem com o intuito de diminuir essas desigualdades.

Vários estudos, ações de extensão e práticas educativas diversas têm sido realizadas junto ao grupo MOBI, pertencente à Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM) no município de Poço Fundo em Minas Gerais, desde sua criação em 2006. Estas atividades, têm se configurado em uma grande diversidade de aprendizados, sem necessariamente se constituir em apropriação compartilhada por todas as mulheres do MOBI, das informações produzidas.

Assim, busca-se a compreensão de como os processos educativos não-formais têm contribuído para que o grupo MOBI tenha obtido avanços em sua na organização social e comercialização de um produto que leva a marca “feminino”. Pretendemos observar se o MOBI tem contribuído com a superação da questão da invisibilidade do trabalho feminino no campo. A relevância desta pesquisa consiste na possibilidade de esta servir como uma experiência teórica e prática para outros grupos de mulheres, além de tornar visível o trabalho deste grupo e das entidades de ensino, pesquisa e extensão envolvidas em trabalhos com o MOBI, evidenciando quais e como as práticas educativas podem contribuir para a superação das desigualdades sociais e equidade de gênero no campo.

A justificativa fundamental para esta pesquisa reside no fato de que antes da constituição do grupo MOBI, estas agricultoras viviam em relativo isolamento no meio rural, invisibilizadas, sem considerar a importância do trabalho que realizavam, com pouco acesso aos processos decisórios da COOPFAM, poucas relações com o mercado e com a sociedade em geral e sem engajamento político institucional. Diante disso, surge a questão desta pesquisa.

## **1.2 Questão de pesquisa**

Quais os processos de aprendizagem vivenciados pelas mulheres no grupo MOBI, em Poço Fundo - MG?

## **1.3 Objetivos**

Compreender o percurso de aprendizagem na trajetória de mulheres de agricultoras individuais, para integrantes do MOBI e exportadoras de café.

Esse objetivo geral se desdobrou e se compôs por um conjunto de objetivos delineados em seu propósito. Dessa forma, compreender o percurso de aprendizagem na trajetória do grupo MOBI implicou em:

- a) Reconstituir o processo histórico de aprendizagem do grupo MOBI;
- b) Compreender a visibilidade externa do grupo MOBI, através das informações veiculadas nos meios de comunicação, entre 2006 e 2019;
- c) Analisar em profundidade as ações educativas desenvolvidas por entidades de ensino, pesquisa e extensão, junto ao grupo MOBI, de 2006 a 2019;

- d) Evidenciar quais e como as ações de aprendizagem podem contribuir para a construção de igualdade de gênero;
- e) Perceber as associações possíveis entre algumas proposições de Paulo Freire e a Pedagogia Social para o contexto estudado;
- f) Observar o desenvolvimento da capacidade de aprender e conhecer, das mulheres do grupo MOBI, em relação aos percursos de aprendizagem percorridos, individual e coletivamente.

O próximo item tratará do referencial teórico apresentado no projeto. Especificamente, serão discutidos: Agricultura Familiar, mulheres rurais e Pedagogia Social.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Agricultura Familiar: breve conceituação e importância

A Agricultura Familiar não é um termo novo, entretanto esse grupo que é chamado hoje de Agricultor Familiar recebeu, ao longo da história, diferentes nomenclaturas, sendo a maioria de cunho pejorativo. Martins (1981) aponta que o nome dado ao trabalhador rural varia nas diversas regiões do país, sendo assim chamado de caipira, roceiro, caboclo, dentre outros. O autor supracitado destaca ainda que essas palavras trazem de maneira implícita a visão do trabalhador do campo atrasado, desprovido de conhecimento ou orientações, tratado como inferior e não importante.

Conforme Altafin (2007), a pouca importância dada a esse grupo fez com que houvesse poucos registros, nos livros de história, sobre o papel desses produtores de alimentos na construção do país, sendo a história brasileira contada sob a perspectiva das agriculturas escravistas, da monocultura e agricultura de exportação. Dessa forma, ao contar essa história, não foram considerados os grupos que estão na origem da Agricultura Familiar como os índios, escravos, mestiços, etc.

Picolotto (2014) argumenta que existiram três conjuntos de atores que promoveram a construção da categoria Agricultura Familiar no Brasil. Ele aponta o primeiro deles como sendo trabalhos acadêmicos que deram base para repensar o lugar teórico desta agricultura na história e no desenvolvimento do país, aliado às políticas do Estado e as normativas legais que deram visibilidade e definiram operacionalmente como se compreende esta categoria e, por fim, porém de suma importância, as organizações de agricultores familiares que têm identificado nesta categoria o seu projeto de agricultura e a utilizam como identidade política.

Contrariando a hipótese de que a chegada do desenvolvimento capitalista no campo levaria ao desaparecimento desses grupos, os mesmos persistiram e passaram a se organizar a fim de reivindicar ao estado políticas públicas que os incluísse no desenvolvimento do país. Altafin (2007) aponta que essas reivindicações, no ano de 1990, se tornaram pauta de prioridade do governo e a reforma agrária foi reinserida na agenda política, criados diversos projetos de assentamentos e criado o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). Dessa maneira, o termo Agricultura Familiar surge no contexto da inserção das parcelas excluídas do processo de desenvolvimento.

No ano de 2006, foi instituída a Lei nº 11.326 que estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares

Rurais. Essa legislação em seu art. 3º aponta os requisitos que caracterizam o Agricultor Familiar:

Art. 3º Para os efeitos desta Lei, considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos:

I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais;

II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento;

III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; ([Redação dada pela Lei nº 12.512, de 2011](#))

IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família. (BRASIL, 2006, s/p.).

Dessa maneira, o conceito de Agricultura Familiar combina a gestão compartilhada da propriedade pela família, mão-de-obra familiar e tamanho da propriedade. Wanderley (1999), contribui com esse entendimento apontando que Agricultura Familiar não é uma categoria recente e deve ser entendida como aquela que é proprietária dos meios de produção e assume o trabalho no estabelecimento produtivo, existindo assim, uma combinação entre propriedade e trabalho e assumindo uma grande diversidade de formas sociais.

Embora exista essa caracterização, o conceito é abrangente e inclui situações diversas existentes no país.

O uso do termo Agricultura Familiar no Brasil se refere a um amplo guarda-chuva conceitual, que abriga distintos tipos e situações, não apenas entre regiões, mas dentro de cada região, de cada estado, de cada município ou de um território (ALTAFIN, 2007, p. 15).

A autora ainda destaca que essa diversidade de situações acontece também em virtude das variadas funções que a Agricultura Familiar assume no contexto brasileiro, contribuindo para garantir a segurança alimentar, geração de emprego, preservação ambiental e contribuição sociocultural.

O grupo estudado nesta pesquisa se identifica nas organizações que constroem seu projeto de agricultura e sua identidade na categoria Agricultura Familiar, conforme argumenta Picolotto (2014), um dos conjuntos de atores que constroem a categoria Agricultura Familiar são as organizações dos próprios agricultores familiares que têm identificado nessa categoria o seu projeto de agricultura e a utilizam como identidade política.

A principal contribuição teórica para o conceito de Agricultura Familiar para este estudo é o apresentado por Wanderley (1999), que entende a categoria Agricultura Familiar como aquela que é proprietária dos meios de produção, que assume o trabalho no estabelecimento produtivo, construindo assim uma combinação entre propriedade e trabalho. Sendo nesse contexto de junção de trabalho e produção é que se inserem as mulheres membros do grupo estudado.

A argumentação da autora acima de que a associação entre propriedade e trabalho assume uma diversidade de formas sociais é complementada com Altafin (2007), no que diz respeito às funções variadas que a Agricultura Familiar assume, a serem abordadas no próximo subitem, contribuindo para a segurança alimentar, geração de renda, preservação ambiental e contribuição sociocultural.

### **2.1.1 Importância da Agricultura Familiar**

A Agricultura Familiar (AF) possui papéis estratégicos na economia do Brasil e vem sendo abordada nos últimos anos como uma prática fundamental para o desenvolvimento do país, sua importância pode ser percebida no âmbito social, econômico e ambiental.

Conforme Altafin (2007), um desses papéis é o de garantir a segurança alimentar e nutricional da população, essa função deve ser observada por duas dimensões. A autora ainda diz que a primeira diz respeito à produção agrícola em si, à capacidade de produzir volumes de alimentos no mercado e a segunda se refere à capacidade de possibilitar o acesso a esses alimentos.

De acordo com a autora, existe uma tendência atual para um modo de vida mais saudável, essa postura surge após problemas enfrentados devido ao uso excessivo de agrotóxicos, gerando e valorizando a produção mais consciente e artesanal. Dessa forma, a produção da AF passou a ser mais demandada.

Ainda de acordo com a autora supracitada, também é parte desse processo a valorização do desenvolvimento local, baseado em processos endógenos, com o aproveitamento racional dos recursos disponíveis em unidades territoriais delimitadas pela identidade sociocultural. Nesse contexto, a Agricultura Familiar é reconhecida como importante ator social, responsável por parte significativa das dinâmicas rurais e de grande relevância na articulação rural-urbana, especialmente em municípios menores. Isso significa dizer que a componente cultural do modo de vida rural tem relevância na busca de um novo

paradigma de desenvolvimento e que, nessa componente, a Agricultura Familiar tem sido identificada como tendo papel de destaque.

Outro papel importante da AF apontado por Altafin (2007) é a geração emprego e renda para as famílias que sobrevivem de atividades produtivas e representa uma parcela significativa da produção agrícola do país, havendo um melhor aproveitamento da terra.

O Agronegócio<sup>1</sup> absorve pouca mão de obra, ao passo que a Agricultura Familiar absorve famílias inteiras, além de comunidades quilombolas e ribeirinhas. “Enquanto estabelecimentos patronais seriam necessários, em média, 67 hectares para gerar um posto de trabalho, os familiares precisam de apenas oito hectares” (ALTAFIN, 2007, p. 15).

Além disso, os produtos da Agricultura Familiar vêm ganhando valor agregado com a agroindústria, circuitos curtos de comercialização e acesso aos mercados institucionais com o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

A AF também tem seu papel no que diz respeito à preservação dos recursos naturais, para Woortmann (1997), o ambiente natural possui significados distintos para pequenos e grandes proprietários, sendo que para os pequenos proprietários existe uma preocupação com a preservação ambiental como parte do espaço de trabalho ou mesmo a utilização dos recursos naturais apenas à medida das necessidades de reprodução social.

Abromavay (1998) contribui com esse entendimento destacando que a Agricultura Familiar deve ser interpretada como uma forma viável de desenvolvimento propiciando melhores condições de vida, desenvolvimento sustentável e luta contra a pobreza. É nesse contexto de fazer a agricultura e viver das famílias, buscando a preservação dos recursos naturais, é que os estabelecimentos familiares sobrevivem sem causar danos ao ambiente:

A relação da Agricultura Familiar com recursos naturais é considerada positiva quando ela está enraizada no meio físico, tendo controle sobre seu processo produtivo. Seu potencial para promoção da sustentabilidade ecológica diz respeito à sua capacidade de conviver de forma harmônica com ecossistemas naturais, percebidos como um patrimônio familiar (ALTAFIN, 2007, p. 15).

A partir da citação, percebe-se que a Agricultura Familiar no Brasil é muitas vezes marcada por uma relação particular com a terra, sendo ela seu local de trabalho e moradia, possuindo esses agricultores orgulho de criar plantar e colher, são homens e mulheres que

---

<sup>1</sup> Atividades agropecuárias que utilizam técnicas intensivas de produção visando a produtividade e utilizam mecanização e química.

unem suas famílias em torno do trabalho no campo. Dessa maneira, ela se abre para outra dimensão como a do cooperativismo, da agroecologia, na produção de uma alimentação saudável com o objetivo de promover a saúde das pessoas.

Existe a necessidade da produção de alimentos saudáveis, de uma agricultura eficaz e também necessitamos preservar a natureza, a água, os ecossistemas, a biodiversidade, preservar para a gerações futuras. Essa categoria cumpre, assim, a função social da terra prevista no art. 186, da Constituição Federal (CF/88), que aponta que a propriedade e as riquezas devem cumprir sua função social para promover o bem comum:

Art.186. A função social é cumprida quando a propriedade rural atende, simultaneamente, segundo critérios e graus de exigência estabelecidos em lei, aos seguintes requisitos:

I - aproveitamento racional e adequado;

II- utilização adequada dos recursos naturais disponíveis e preservação do meio ambiente;

III - observância dos disposições que regulam as relações de trabalho;

IV - exploração que favoreça o bem-estar dos proprietários e dos trabalhadores (BRASIL, 1988, s/p.).

A AF em virtude de sua característica familiar, estabelece também uma relação de afeto com a terra que não é vista apenas como um bem de negócio, a terra é também um bem familiar que ligará à cultura local, com a memória dos antepassados. Dessa maneira, a terra é vista como um bem que deve ser utilizado para a produção de alimentos, mas também um bem a ser preservado para que as gerações futuras possam dar continuidade nessa tradição.

Dessa forma, o conjunto de instrumentos de política pública, que envolvem desde a reforma agrária até o crédito, a extensão rural e a educação do campo, são essenciais para garantir que os agricultores familiares ampliem suas potencialidades na realização das suas funções de preservação ambiental (ALTAFIN, 2007, p. 16).

Finalmente, outro papel atribuído à Agricultura Familiar, apontado por Altafin (2007) é o sociocultural que diz respeito à preservação do modo de vida, cultura, tradição e identidade dos agricultores familiares. Entretanto, para que esse modo de vida e produção seja preservado deve ser promovido o desenvolvimento local e valorização desses agricultores para que permaneçam no campo.

Destaca-se como papel importante da AF, a criação de condições para que a famílias permaneçam no campo, preservando seus vínculos familiares, seus valores, suas culturas. As dificuldades no âmbito rural levam ao êxodo rural, visto que em virtude da desvalorização e

exclusão das trabalhadoras no campo levam às mesmas a procurarem centros urbanos. Esse constitui-se também um desafio para a Agricultura Familiar que busca ser minimizado pelos processos de organização social.

De acordo com Stropasolas (2013), muitos são os dilemas e conflitos enfrentados pela Agricultura Familiar sendo um deles o processo sucessório, sendo um fator preocupante a migração dos filhos de agricultores para o meio urbano. Assim, existe a necessidade de investimentos nos jovens como público estratégico, inserindo-os em ações implementadas em nível local para promover o desenvolvimento rural e fortalecimento da Agricultura Familiar e conter a saída para o centro urbano.

Um dos desafios da AF atualmente é preservar e criar condições para que as pessoas permaneçam no campo, Castro et. al. (2013) aponta a necessidade de políticas públicas em prol da sucessão rural, controle da propriedade e da juventude a fim de criar condições para que os jovens permaneçam no campo. Assim sendo, faz-se importante ações como a implantação de escolas família agrícola e ações para fornecer condições para que as mulheres possam exercer sua cidadania atuando no campo. Tais ações impediriam que os agricultores necessitem sair de suas terras, romper com suas raízes, com sua história e com sua comunidade para migrar para grandes cidades.

Stropasolas (2013) destaca também o papel das novas ruralidades, como a agroecologia e preservação ambiental, para o fortalecimento social das comunidades rurais e contrapor à tendência de masculinização e envelhecimento da população rural.

Pensando no mundo rural da atualidade, as cooperativas agrícolas podem cumprir o papel de fortalecer a Agricultura Familiar. É o que tem ocorrido com a COOPFAM.

### **2.1.2 Cooperativismo na Agricultura Familiar: um contexto e o surgimento da COOPFAM**

O Brasil sofreu, na década de 1950, um processo de industrialização tardia, sendo que nesse processo a agricultura foi marcada por fortes mudanças trazidas com a revolução verde, encarada como solução para os problemas agrários brasileiros. Dessa maneira, o país que possuía uma agricultura tradicional que se utilizava basicamente da mão de obra, passou a conviver com novos meios de produção. Passou-se então a uma difusão persuasiva para a venda de produtos e não para a socialização das habilidades. Conforme aponta Coelho (2014), esse processo de prescrição de produtos não levou em consideração o seu contexto de aplicação.

Esse é um processo típico do capitalismo que foi difundido com a revolução verde e, de certa forma, influenciou os agricultores familiares. Coelho (2014) destaca que essa perspectiva de difusão de produtos, promove a aquisição de insumos e a prescrição de conhecimento pelos técnicos que levam os agricultores a esses insumos através da compra, tal postura tira a autonomia do agricultor. Assim sendo, ele paga altos preços pelos produtos que precisa adquirir e no momento da comercialização consegue baixos preços pelo que produz, sendo invisibilizado pela ação de grandes produtores. Esse ciclo levou a exclusão desses agricultores da chamada revolução verde.

Para Anjos (200-?) os agricultores familiares foram excluídos das políticas públicas de maneira geral, sendo que primeiramente foram excluídos quando, nas políticas desenvolvimentistas do estado, foram priorizados os centros urbanos e o crescimento industrial. Ela aponta a segunda causa de exclusão como inexistência dos direitos de cidadania aos pobres rurais e, por fim, a exclusão desse grupo como produtores, visto que não foram incluídos nas políticas e programas destinados à estimular à agricultura.

Na presença dessas dificuldades, a organização da Agricultura Familiar faz-se importante para garantir no mercado melhores condições. Nesse contexto, o cooperativismo surge ligado a necessidade de superar esses desafios e também transformar a realidade das famílias participantes. “As cooperativas de produção são associações de trabalhadores, inclusive administradores, planejadores, técnicos etc., que visam produzir bens ou serviços a serem vendidos em mercados” (SINGER, 2002, p. 21).

A tradição do cooperativismo fortalece a AF, na sociedade competitiva atual, torna-se importante também em prol da cidadania, as pessoas se sentem responsáveis umas pelas outras em espírito de solidariedade. Singer (2002) destaca que embora os dados estatísticos não enfatizam a relevância das associações e cooperativas, é evidente que se efetivaram como estratégias de governo e da sociedade civil para reduzir as persistentes desigualdades da sociedade brasileira.

Para que os trabalhadores rurais se organizem de maneira a alcançar seus objetivos, ações de aprendizagem surgem como caminhos que podem resultar não só em melhores condições de vida e de renda, mas também contribuir em outros aspectos como o educacional, de gênero, ambiental, etc. “Participar das discussões e decisões do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza, tornando a pessoa mais realizada, autoconfiante e segura” (SINGER, 2002, p. 21).

Nessa perspectiva surgiu Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo e Região (COOPFAM), que é referência em agricultura orgânica, solidária e agroecológica.

Essa iniciativa surgiu na década de 1980 e em 1991 foi criada a Associação de Pequenos Produtores da Comarca de Poço Fundo.

Conforme Souza (1995), esse empreendimento surgiu da união e participação em prol do coletivo dos agricultores familiares para vencer os desafios enfrentados frente ao agronegócio, essa iniciativa contou com a atuação de instituições como a igreja católica por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e de Organizações Não Governamentais (ONGs) como a ONG Sapucaí. “Percebe-se que a trajetória histórica da Associação de Poço Fundo revela uma organização criada a partir das tradições culturais de solidariedade existente no meio rural” (SOUZA, 1995, p. 77).

Conforme Souza (1995), a Associação expressa seus objetivos por meio da vontade política de transformação das relações sociais, por meio de ações coletivas que extrapola os limites geográficos municipais. A autora destaca ainda que a Associação buscou seu fortalecimento por meio da gestão participativa a fim de que os produtores conseguissem se capacitar para criar melhores condições de vida e superar entraves, então, existentes como a exportação.

Em 2003, a associação tornou-se cooperativa, pautada nos princípios do cooperativismo e da participação. Pedini e Machado (2011) destacam que a criação da cooperativa surgiu da exigência de rastreabilidade da certificação do café *fair trade*<sup>2</sup>, sendo que não era possível cumprir tal exigência com o registro de Associação, visto que as notas fiscais era emitidas em nome dos produtores.

“O resultado, segundo os produtores, não foi apenas o financeiro, mas a clareza de que existia um potencial de superação da sua realidade socioeconômica por meio de sua organização” (PEDINI; MACHADO, 2011, p. 82). Os autores demonstram que a organização desses agricultores trouxe benefícios não só individuais, mas também coletivos.

O próximo item trata da organização de grupos de mulheres, em especial de mulheres agricultoras familiares e da formação de grupos pelas mesmas.

---

<sup>2</sup> Comércio justo, iniciativa regida por princípios como transparência e corresponsabilidade na gestão da cadeia produtiva e comercial, relação de longo prazo que ofereça treinamento e apoio aos produtores e acesso às informações do mercado, pagamento de preço justo e beneficiamento da comunidade, organização democrática dos produtores em cooperativas ou associações, respeito à legislação e às normas nacionais e internacionais, o ambiente de trabalho deve ser seguro e as crianças devem frequentar a escola e respeito ao meio ambiente.

### 2.1.3 Mulheres agricultoras familiares e a formação de grupos

Diante de toda a problemática que envolve a questão de gênero na sociedade, é importante pensarmos na mulher rural. De acordo com Butto (2011), as mulheres correspondem à metade de população rural e, apesar do número expressivo de mulheres, cerca de 15 milhões, não contam com o devido reconhecimento da sua condição de agricultora familiar. O autor destaca que, apesar disso, assumem de forma crescente responsabilidade pelo grupo familiar.

Diante disso, existe uma busca constante para que as políticas que promovam a igualdade de gênero sejam efetivadas em ações na geração de trabalho e renda, autonomia econômica, diminuição das desigualdades socioeconômicas e de trabalho. “As políticas de desenvolvimento rural até a década passada não reconheciam o trabalho das mulheres e o caracterizavam como mera ajuda aos homens” (BUTTO, 2011, p. 16).

Bandeira (2005) aponta que embora muitos governantes assumam compromissos em sucessivas conferências realizadas no âmbito internacional para promover a igualdade de gênero, as recomendações propostas não têm sido cumpridas efetivamente. Pouco tem sido feito no que diz respeito a fazer políticas públicas para os direitos das mulheres e traçar caminhos para alcançar os lugares mais complexos de se implantar a igualdade.

A mulher sofre ainda diante da invisibilidade de seu trabalho, em virtude de que a cultura patriarcal ainda é muito presente na cultura brasileira que separa os espaços de gênero e inferioriza o trabalho da mulher. Butto (2011) considera que as desigualdades ainda marcam a vida das mulheres rurais, sendo a economia rural ainda muito marcada pela divisão sexual do trabalho.

Os homens estão associados a atividades econômicas que geram emprego, ocupação e renda, enquanto as mulheres concentram--se em atividades voltadas para o autoconsumo familiar, com baixo grau de obtenção de renda e assalariamento (BUTTO, 2011. p. 12).

“As políticas de desenvolvimento rural até a década passada não reconheciam o trabalho das mulheres e o caracterizavam como mera ajuda aos homens” (BUTTO, 2011, p. 16). Assim, no espaço rural prevalece de forma marcante o sistema patriarcal<sup>3</sup> em que todas as decisões são tomadas pelo homem, que é o chefe da família e o trabalho destes, em

---

<sup>3</sup> Conforme Saffioti (2004) o patriarcado refere-se a milênios de história em que se implantou uma hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina, sendo as mulheres situadas abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana.

comparação ao da mulher, é considerado mais importante, atribuído muitas vezes o título de “pesado”, enquanto o da mulher se configura como ajuda ou “leve”.

Paulilo (1987) aponta que “trabalho leve” não significa trabalho agradável, desnecessário ou pouco exigente em termos de tempo ou de esforço, pode ser estafante, moroso ou nocivo à saúde, entretanto é considerado “leve” por ser realizado por mulheres e crianças. No meio rural, as mulheres, muitas vezes, são consideradas incapazes para tomar determinadas decisões, embora elas façam parte do processo de produção, estão invisibilizadas, à mulher é atribuída quase sempre uma jornada tripla como dona de casa, “ajudante” do marido na lavoura e participe nas organizações sociais locais.

De acordo com Butto (2011) a concepção da caracterização do trabalho da mulher como ajuda ou mera extensão dos cuidados dos filhos e dos demais membros das famílias contribuía para a naturalização das desigualdades de gênero e a conseqüente dependência das mulheres ao universo masculino.

Salvaro (2014) destaca que é possível considerar que a divisão sexual do trabalho na Agricultura Familiar é estabelecida de acordo com as questões de gênero, sendo atribuídas atividades diferentes para homens e mulheres.

Sorj (2008) argumenta que a manutenção das desigualdades de gênero no âmbito do trabalho é ao mesmo tempo causa e consequência do volume desproporcional de trabalho não pago realizado pelas mulheres. Assim sendo, a divisão sexual do trabalho é culturalmente determinada de acordo com as atividades executadas, repercutindo fortemente nos cargos e funções ocupados pelas mulheres e em seu pagamento.

São destinadas às mulheres principalmente tarefas e ocupações que remetem ao cuidado ou as atividades realizadas por elas, mesmo que complexas e pesadas, são menos valorizados socialmente ou invisibilizadas. “O trabalho é ‘leve’ (e a remuneração é baixa), não devido a suas características, mas devido à posição ocupada na hierarquia da família por aqueles que executam o trabalho” (PAULILO, 1987, p. 70).

Tedeschi (2004) revela que uma das raízes da desigualdade de gênero estão na educação. Ele argumenta que a educação cria uma imagem feminina voltada para a família, situando a mulher num plano de desigualdade em relação ao homem. Dessa forma, a educação cria um sistema cultural tradicional caracterizado pela desigualdade de gênero.

Diante das dificuldades enfrentadas, surgem estratégias de resistência para com o intuito de transformar esse sistema tradicional cultural, Medeiros e Paulilo (2013) apontam que a formação de grupos pode ser lida como estratégia de resistência tanto a uma situação de subordinação que vivida, enquanto mulheres, em relação ao poder masculino quanto a um

modelo produtivo dominante. Ainda de acordo com as autoras, a formação desses grupos, fenômeno ainda relativamente pouco estudado na academia, acontece espontaneamente ou a partir de estímulo advindo de organizações não governamentais ou iniciativas de políticas públicas e os motivos de sua constituição são variados.

As autoras apontam ainda os desafios enfrentados por mulheres rurais que se aventuram na formação de grupos como problemas centrais enfrentados a importância da geração de renda e autonomia para a utilização do recurso obtido, oposição no espaço doméstico visto que a nova atividade impõe o rearranjo da divisão do trabalho no interior da família, além de dificuldades de transportes e estradas.

Bruno *et al.* (2013) destaca que os objetivos da formação de grupos vão além da geração de renda, formação de laços sociais, exercícios de tomada de decisão são também almejados. “Os grupos produtivos são, ao mesmo tempo, lugar para a valorização do trabalho e o espaço de fortalecimento da sociabilidade e da amizade entre as mulheres” (BRUNO, *et al.* 2013, p. 187).

Bruno *et al.* (2013) demonstrou que a decisão de participar de grupos produtivos se deve a inúmeros fatores e não se restringe apenas a motivações de ordem econômica. Os autores evidenciaram três ordens de motivação, econômica, política e social:

Entre as motivações de ordem econômica, prevalece a perspectiva de aumentar a renda familiar ou obter uma remuneração econômica distinta da do marido. (...). A falta de retorno financeiro desestimula a participação das integrantes, e, com a pressão dos maridos para que permaneçam em casa cuidando da família, essa apresenta-se como uma das principais razões das evasões (BRUNO *et al.*, 2013, p. 227).

Do ponto de vista da motivação política, o grupo produtivo passa a ser percebido pelas entrevistadas como lugar de união e espaço de preparação para maior participação política, seja nas instâncias de decisão e de representação do assentamento, sejam outras. Quer dizer, o grupo também aparece como lugar de construção das reciprocidades políticas - uma das dimensões constitutivas das estratégias de reprodução social do campesinato (BRUNO *et al.*, 2013, p. 228).

O grupo produtivo de mulheres não é o único espaço de sociabilidade; entretanto, o fato de ser um grupo instituído nos marcos de uma política pública voltada para as mulheres o diferencia dos demais espaços e instâncias de organização. BRUNO *et al.*, 2013, p. 228).

De acordo com os autores, as mulheres rurais participantes de grupos produtivos não se referem a ele como um trabalho qualquer, mas sim como uma possibilidade de convívio e união entre elas para enfrentar as adversidades.

Bruno *et al* (2013) atentaram-se ainda para a não separação por parte das mulheres do espaço do afeto, da política, e do espaço produtivo do grupo. Eles apontam que são dimensões indissociáveis que definem e redefinem os limites da prática social e seus questionamentos.

Medeiros e Paulilo (2013) destacam ainda que o surgimento de grupos produtivos coloca novas questões para políticas públicas, pois a atuação desses grupos demanda ações específicas de programas, projetos e políticas mediadas por instituições diversas.

Os autores destacam ainda que a participação de mulheres em grupos incentivadores de uma prática democrática contribui para a construção de um olhar crítico das mulheres em relação à percepção sobre desigualdade de gênero. Logo, as ações coletivas e os aprendizados construídos nas práticas de aprendizagens realizadas surgem como possibilidades de transformação.

Para compreender os processos de aprendizagens vivenciados pelas mulheres do grupo MOBI, foi necessário buscar suporte teórico nas argumentações de Paulo Freire e da Pedagogia Social. Os próximos itens tratarão dessas associações.

## **2.2 Pedagogia Social**

Novas concepções educacionais surgiram com o objetivo de reconhecer os valores, saberes e conhecimento de mundo, assim, de acordo com Almeida (2014), o processo educacional pode ocorrer em diferentes espaços educacionais, coexistindo em diversas modalidades na sociedade.

A educação formal é representada principalmente pelas escolas e universidades. Ela depende de uma diretriz educacional centralizada como o currículo, com estruturas hierárquicas e burocráticas, determinadas em nível nacional, com órgãos fiscalizadores do Ministério da Educação (GADOTTI, 2012, p. 8).

Gohn (2014) destaca a atuação da educação não formal em dimensões variadas que visam a formação do indivíduo politizado e consciente dos seus direitos enquanto cidadão, além de promover a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades e exercício de práticas que capacitem os indivíduos a se organizarem em prol de objetivos comunitários.

Gadotti (2012) aponta que em virtude da amplitude do conceito de educação não formal e de sua associação com o conceito de cultura, a mesma encontra-se fortemente ligada à aprendizagem política dos direitos e à participação em atividades grupais. Assim sendo, considerando que a educação social, a comunitária e a popular se situam no campo pedagógico, democrático e popular, pode-se dizer que se relacionam diretamente com a educação não formal, embora não estejam presentes apenas nesse campo.

Gadotti (2012) destaca que não é possível falar de educação de maneira geral sem considerar seu contexto histórico, visto que configuram certa visão do mundo e de sociedade. Nessa perspectiva, insere-se a educação popular, a educação social e a educação comunitária as quais buscam integrar os sujeitos na sociedade almejando a transformação social, considerando as experiências de vida e os processos de aprendizagem não formal.

A relação entre educação e sociedade tem feito muitos estudiosos, sejam eles filósofos, educadores ou sociólogos, dedicarem suas pesquisas. Para Gadotti (2012) não podemos nos perder no debate sobre qual o local da educação, se é na escola ou não, sobre qual a modalidade da educação, formal ou não. De acordo com ele, válido é discutir qual a educação e qual a sociedade queremos.

“A compreensão de que uma prática educativa compõe uma prática social permite compreender que a primeira ocorre em diferentes espaços na sociedade e de várias maneiras” (MACHADO, 2013, p. 14). O autor explica ainda que a ampliação da compreensão do processo ensino-aprendizagem protagonizado pelo ser humano, que vive e se desenvolve socialmente, deixa claro que ele aprende e ensina a todo momento e em todos lugares. Ainda conforme o autor, a partir dessa lógica é compreendida e reconhecida a educação social.

Na Educação Social seriam sistematizadas as práticas educativas que acontecem em diferentes espaços e ambientes e que não seguem a didática escolar, no sentido de apenas transmitir conteúdos. Desse ponto de vista, a concepção de construção de conhecimento, a transformação da realidade e a emancipação através da conscientização crítica dos fatos do cotidiano, bem como a Educação Social podem ser considerados meios pelos quais as práticas educativas alcançam tais objetivos (MACHADO, 2013, p. 15).

A educação social se constitui nas relações estabelecidas entre os sujeitos na sociedade, relações essas que por si só são educativas e interferem no processo de desenvolvimento do sujeito em diferentes aspectos. Para Da Silva (2016), a Pedagogia Social e suas práticas leva ao entendimento de que a educação se faz ao longo da vida, em todos os espaços, sendo todos potenciais educadores.

“O Campo da educação social é muito amplo e compreende o escolar e o não escolar, o formal, o informal e o não-formal” (GADOTTI, 2012, p. 11). A educação social se refere às práticas educativas que acontecem nos diferentes espaços da sociedade e não apenas no ambiente formal de educação, podem ocorrer no espaço familiar, ambientes coletivos e também em espaços de projetos e programas de instituições presentes no local. Assim, por meio de projetos, programas e instituições, essas práticas educativas podem contribuir em um processo de transformação da realidade.

Diante disso, surge a necessidade de uma reflexão científica a respeito dessas práticas, a respeito da interação que acontece nesses espaços. Dessa necessidade surge a Pedagogia Social, constituindo-se como a teoria da Educação Social. Por meio dela, são identificadas práticas e metodologias utilizadas e realizada uma leitura teórica dessas práticas.

A Pedagogia Social surge no contexto Alemão no final do século XIX e início do século XX, sendo uma alternativa aos problemas advindos das guerras mundiais. Gadotti (2012) destaca o pioneirismo dos pensadores Paul Natorp, Bogdan Suchodolsky e Lorenzo Luzuriaga no que diz respeito ao assunto.

Machado (2012) aponta que a terminologia Pedagogia Social foi utilizada a primeira vez no Brasil por Fernando Azevedo o qual defendia uma educação conscientizadora e que proporcionasse a transformação da realidade para o povo brasileiro. Gadotti (2012) corrobora com esse entendimento ao caracterizar a Pedagogia Social como sendo um projeto de transformação social que visa o fim da exclusão e da desigualdade.

De acordo com esse autor, o exercício da Pedagogia Social implica em uma reflexão crítica e comprometida, almejando solução de problemas e protagonismo no campo social educativo. O autor destaca ainda a busca pela transformação social e emancipação humana.

A Pedagogia Social proporciona condições para pensar a formação do profissional que atua na educação social, assim sendo, essas duas terminologias sempre aparecem juntas, são duas questões que permeiam a mesma área, perspectivas que trabalham em conjunto:

A Pedagogia Social, com base em uma teoria, passa a olhar para essas práticas e sistematizá-las, categorizá-las, estudá-las, a partir de um olhar científico, teórico, com o objetivo de contribuir com essa realidade. Por isso, a Educação Social sempre está atrelada à Pedagogia Social. É muito clara a noção da práxis, relação dialética entre teoria-prática-teoria-prática (MACHADO, 2015, p. 16).

É seguindo essa perspectiva que Gadotti (2012) insere a Pedagogia Social no campo da práxis e explica que na tradição marxista foi entendida como pedagogia da práxis:

Na pedagogia da práxis é a teoria de uma prática pedagógica que procura não esconder o conflito, a contradição, mas, ao contrário, entende-os como inerentes à existência humana, explicita-os, convive com a contradição e com o conflito. Ela se inspira na dialética (GADOTTI, 2012, p. 25).

Mota Neto e Oliveira (2018) contribuem com esse entendimento e destacam a possibilidade da integração entre os saberes e as práticas cotidianas das populações socialmente excluídas com o saber científico buscando a inclusão e diversidade e se comprometendo com as problemáticas sociais.

Assim, conforme os autores toda pedagogia se refere a uma prática, pretende prolongar uma prática, constitui-se em instrumento de ação social. Nota-se a o papel da Pedagogia Social para a libertação, emancipação e autonomia em relação a estruturas sociais que oprimem.

“A Pedagogia Social não é a educação do indivíduo isolado, mas sim do homem que vive em uma comunidade, porque a sua finalidade não é somente o indivíduo”. (MACHADO, 2012, p. 62). Assim, a Pedagogia Social é marcada pelo pensamento do desenvolvimento do indivíduo vivendo em sociedade, partindo da perspectiva que a educação acontece em comunidades.

### **2.2.1 Influências da produção intelectual de Paulo Freire na Pedagogia Social**

A produção intelectual de Freire influenciou na formação de diferentes campos teóricos, dentre eles o da Pedagogia Social. Machado (2015) classifica como inovador o debate sobre a Pedagogia Social no Brasil que tem buscado relacioná-la com os fundamentos da educação popular desenvolvidos por Paulo Freire. Para Machado (2012) a terminologia Pedagogia Social nasceu atrelada ao conceito de educação popular.

Da Silva (2016) explica que embora Paulo Freire não seja o autor da concepção teórica da Pedagogia Social e não tenha escrito diretamente sobre o assunto, ele é considerado um dos pioneiros da educação social e da Pedagogia Social.

De Paula (2014) considera que tanto a educação popular como a Pedagogia Social discutem a necessidade de transformação das relações sociais desiguais e opressoras existentes. Ela aponta a inovação epistemológica, o engajamento político e a visão de mundo esperançosa componentes tanto da Educação Popular, como da Pedagogia Social que contribuem para superação de condições opressoras e emancipação das pessoas através das práticas educacionais das duas áreas supracitadas.

No que diz respeito à inovação tecnológica, para De Paula (2014) uma contribuição fundamental da educação popular à Pedagogia Social é o desafio proposto por Freire em trabalhar na perspectiva da realidade do oprimido.

Ao tratar do engajamento político a autora conclui que esse engajamento é uma das condições para a superação da opressão e autoritarismo em diferentes âmbitos, com diferentes pessoas de classes sociais diversas.

Machado (2014) contribui com esse entendimento ao afirmar que a Pedagogia Social não deve ser apenas para os oprimidos, mas também para os opressores. O autor supracitado cita Freire e enfatiza que é por meio da conscientização e da comunhão que essa realidade se transformará. Finalmente, a respeito do engajamento político, De Paula (2014) considera que toda educação é uma prática social comprometida com a transformação dos sistemas opressores em busca de libertação.

No que diz respeito à visão de mundo esperançosa, De Paula (2014) reflete como caminho de emancipação dos oprimidos o valor do sonho e da utopia. A autora cita Graciani (2009) a qual destaca a dimensão do fazer educativo que privilegia a vida, o ser humano sujeito da sua história, a construção do conhecimento e da história social da sua comunidade são as que têm potencial para contribuir para uma ação educativa emancipadora e libertadora.

Conforme a autora, Paulo Freire situa-se na origem da Educação Popular enquanto paradigma pedagógico inovador, sua obra se faz atual até os dias de hoje e influencia a formação de diferentes campos teóricos, dentre os quais é possível destacar a educação social. A autora esclarece que a Educação popular e a Pedagogia Social estão intimamente vinculadas no que diz respeito aos seus fundamentos:

Por um lado, a Educação Popular esteve diretamente vinculada aos movimentos de garantia e defesa por direitos sociais, por outro a Pedagogia Social busca um atendimento especializado àqueles que de alguma forma estão em desvantagem social (DE PAULA, 2014, p. 35).

Essa autora aponta ainda como semelhança entre essas duas áreas, a educação como direito, concebida não apenas como um modo de escolarização, mas como um processo político que contribui para a existência humana. Ela defende valorização pedagógica do processo da produção do saber diante do seu produto.

Para essa autora a problemática da exclusão tratada por Freire em suas obras requer atenção no contexto da Pedagogia Social no Brasil, direcionando esse autor como fundamento da Pedagogia Social. Ainda de acordo com ela Educação Popular se interessa em

compreender o processo de organização das pessoas para produzir e viver as experiências criadoras do conhecimento e desenvolvem estratégias de educação que promovem a cidadania e incentivam a participação.

Da Silva (2016) ressalta que na obra de Paulo Freire como um todo é possível enxergar contribuições diversas para a educação social. Conforme elenca o autor, Freire deixa contribuições ao entender a prática como base para gerar o pensamento e busca a sua teorização para a transformação, ao reconhecer o saber popular, a cultura local e suas crenças, ao apontar que ensino e a pesquisa deve partir de uma leitura da realidade, do mundo vivido pelos sujeitos dos setores populares, ao entender que o ser humano é inacabado, incompleto e programado para aprender, ao enfatizar o processo e não os resultados, ao entender a educação como ato dialógico e como uma ciência aberta às necessidades populares, ao harmonizar o formal e o não formal, ao considerar a utopia como realismo e a educação como direito humano.

Finalmente, conforme Mota Neto e Oliveira (2018), a pedagogia social, a partir de uma perspectiva de educação popular, tem sua história entrecruzada a um amplo conjunto de busca dos grupos subalternos por construir uma educação própria, emancipatória, inclusiva, baseada nos seus interesses, nos seus conhecimentos e nas suas tradições culturais.

No item 2 que trata do referencial teórico, em foi abordada a Agricultura Familiar, conceituando-a, destacando sua importância e enfatizando a questão do cooperativismo e das mulheres rurais no âmbito da Agricultura Familiar, sendo abordada também a Pedagogia Social, feita uma contextualização e tratada as influências da produção intelectual de Paulo Freire na Pedagogia Social, foi construída argumentação que deu condições de observação dos processos de aprendizagem vivenciados pelas mulheres no grupo MOBI, em Poço Fundo - MG.

Os caminhos metodológicos para alcance dos objetivos serão apresentados a seguir.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Delineamento da pesquisa**

Esta investigação foi conduzida com base nos pressupostos da pesquisa qualitativa, entendendo que por meio desse tipo de pesquisa é possível chegar a um nível de conhecimento mais profundo, dando ênfase para o processo vivenciado pelos membros do grupo a ser pesquisado. “A situação de pesquisa é concebida mais como um diálogo, em que a sondagem, novos aspectos e suas próprias estimativas encontram o seu lugar” (FLICK, 2013, p. 24).

Flick (2013) destaca que a escolha das participantes da pesquisa pelo pesquisador qualitativo acontece de forma proposital, ainda de acordo com ele, a pesquisa qualitativa aborda a captação do significado subjetivo das questões por meio das perspectivas dos participantes, considerando suas práticas sociais, meio ambiente, modo de vida e situação latente de um determinado contexto. Assim, são relevantes para essa pesquisa os indicadores subjetivos, sendo valorizado não só o produto, mas também o processo.

Esta pesquisa buscou compreender o percurso de aprendizagem na trajetória de mulheres agricultoras individuais, para integrantes do MOBI e exportadoras de café, constituindo-se como um estudo de caso. Um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos. (YIN, 2003, p. 32).

Essa modalidade de pesquisa foi adotada em virtude de que, no decorrer da pesquisa, foram consideradas questões contextuais e sua relevância para o estudo.

#### **3.2 Ambiente de concentração da pesquisa**

Esta pesquisa será desenvolvida no município de Poço Fundo-MG. O município de Poço Fundo está localizado no sul do estado de Minas Gerais, de acordo com a estimativa de população do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) publicado em 2019, conta com 16.791 habitantes e é reconhecido como um dos principais produtores de café da região, destacando-se principalmente pela produção de café orgânico.

Considerando que o grupo MOBI é um dos núcleos da COOPFAM, a pesquisa aconteceu na COOPFAM, mais precisamente no espaço de atuação das mulheres que

compõem o grupo MOBI. Esse grupo foi constituído no ano de 2006, sendo resultado de uma demanda de mulheres que buscavam autonomia sobre sua produção.

A pesquisa foi realizada no ambiente do grupo MOBI, sendo os sujeitos dessa pesquisa cerca de 14 mulheres produtoras do café orgânico da marca “Feminino”, cooperadas na COOPFAM e integrantes do grupo.

No decorrer da pesquisa foram priorizadas as mulheres produtoras do “Café Feminino”. Esse recorte foi realizado com objetivo de verificar como se deu o processo de aprendizagem para que o grupo MOBI tenha obtido êxito na organização social e comercialização de um produto que leva a marca “feminino”.

### **3.3 Os procedimentos de coleta dados**

Para esta investigação foi realizado, inicialmente, um levantamento das práticas de aprendizagem realizadas junto ao grupo MOBI, desde a sua criação até o ano de 2019. No decorrer da construção desse levantamento foram analisadas as relações não somente entre as mulheres, mas também delas com a cooperativa, família, compradores e acadêmicos.

O trabalho contou com uma revisão bibliográfica, análise documental, observação participante, grupo focal e entrevistas semiestruturadas para que fosse realizada a análise crítica das mudanças ocorridas mediante as atividades de aprendizagem realizadas.

Para alcançar o primeiro e o segundo objetivo específico, a saber: reconstituir o processo histórico de aprendizagem do grupo MOBI e compreender a visibilidade externa do grupo MOBI, através das informações veiculadas nos meios de comunicação, entre 2006 e 2019, foi realizada a análise documental e observação participante, nessa etapa foram observadas todas as participantes do grupo, inclusive as que não produzem o “Café Feminino”.

A coleta de dados foi realizada nos encontros mensais do grupo, nas atividades extras realizadas, na casa das participantes quando necessário para as entrevistas.

Coletados todos os dados, foi realizada a sistematização das informações bem como a análise e interpretação, levando em consideração a pesquisa bibliográfica realizada no decorrer do estudo, que ofereceu os fundamentos teóricos indispensáveis a ele.

### 3.3.1 Análise documental

A análise documental possibilitou a compreensão do processo de formação do grupo, além de contribuir para a construção da trajetória de aprendizado das participantes do grupo e se deu por meio do estudo de dados secundários como as atas das reuniões, regimento do grupo, publicações e reportagens sobre o MOBI e relatórios dos projetos realizados que auxiliarão na construção e entendimento do histórico de constituição, ações desenvolvidas e consolidação do grupo.

No decorrer da análise documental foi realizada a leitura das atas das reuniões mensais do grupo, desde o ano de sua criação até o ano de 2018. As atas analisadas não se encontravam digitalizadas. No decorrer dessa leitura foram levantados aspectos históricos da trajetória do grupo bem como as atividades de aprendizagem realizadas.

Com relação às reportagens a respeito do grupo, foi realizada a coleta de dados por meio de busca na internet e também realizando a digitalização de publicações impressas que estavam com as mulheres do grupo. Foi possível encontrar 20 publicações que foram organizadas cronologicamente para posterior análise e extração de dados.

Foram identificados cinco projetos realizados junto ao grupo no decorrer de sua trajetória. O primeiro deles intitulado “Projeto de Fortalecimento de Identidade do grupo MOBI” foi coordenado pelo IFSULDEMINAS e teve como objetivo principal fortalecer a identidade do grupo MOBI buscando a identificar as habilidades individuais, desenvolvimento de produtos criativos a base de subprodutos de café e a promoção da integração e envolvimento das mulheres do grupo. Esse projeto ocorreu durante o ano de 2015.

O segundo projeto, intitulado “Projeto de Implantação de unidades de Cultivo de Flores em Comunidades de Mulheres Associadas à COOPFAM”, foi também coordenado pelo IFSULDEMINAS. O projeto aconteceu durante o ano de 2014 e teve como objetivo compartilhar com o grupo tecnologia e conhecimento a respeito de Floricultura, criando assim novas alternativas produtivas com base agroecológica.

O terceiro projeto intitulado “Projeto de Certificação Participativa para Unidades Produtoras de Rosas Orgânicas do grupo de Mulheres Rurais do Município de Poço Fundo - MG” foi também coordenado pelo IFSULDEMINAS. Esse projeto teve como objetivo a Certificação Participativa para Unidades Produtoras de Rosas Orgânicas do grupo. Durante a execução das mesmas ações de capacitação técnica e de soma de experiências foram

proporcionadas, buscando, por parte das mulheres envolvidas, a apropriação de conhecimentos e técnicas ligadas a produção de rosas orgânicas.

O quarto projeto intitulado “Projeto Incubação do MOBI - Mulheres Unidas Buscando Independência”, foi coordenado pela Universidade Federal de Alfenas. Esse projeto que iniciou no ano 2016 e continua até os dias atuais busca pela prática da economia solidária trabalhar a temática de gênero pedagogicamente, e em especial, com caráter crítico.

Finalmente, no ano de 2019 iniciou-se o projeto HortMOBI, esse projeto, coordenado pelo Departamento de Mulheres e Juventude da COOPFAM, visa promover autonomia alimentar por meio e criação de hortas orgânicas para as famílias cooperadas e a comunidade em que estão inseridas. O projeto contou com várias oficinas no decorrer do ano de 2019 tais como semeando autonomia, compostagem, horta vertical, nutricionista e controle biológico.

Após o levantamento dos projetos já realizados no local, foi realizado contato com os coordenadores os quais disponibilizaram os projetos e relatórios dos mesmos para a pesquisa, assim sendo, foi feita a leitura e análise desses projetos e relatórios.

Toda a documentação coletada foi organizada em uma pasta digital, sendo construída no decorrer da pesquisa uma memória digital que será enviada ao Departamento de Mulheres e Juventude que pode servir de registro para orientar projetos futuros do grupo.

### **3.3.2 Observação participante**

Em relação à observação participante, tal instrumento foi escolhido para que houvesse aproximação da pesquisadora com a realidade estudada. Assim, a pesquisadora interagiu e compartilhou do cotidiano dos sujeitos estudados. Inicialmente, na observação participante houve aproximação com os membros do grupo estudado com o objetivo de atenuar a distância entre os mesmos e facilitar o processo de pesquisa. “A observação participante é a técnica pela qual se chega ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele mesmo”. (GIL, 2008, p. 103).

Com o auxílio da observação participante, a pesquisadora analisará a realidade social que a rodeia, tentando captar os conflitos e tensões existentes e identificar grupos sociais que tem em si a sensibilidade e motivação para as mudanças necessárias (QUEIROZ *et al.*, 2007, p. 2).

A observação participante aconteceu no decorrer das reuniões do MOBI, atividades da cooperativa em que as mulheres dos grupos estavam envolvidas, dias de campo, visita de

certificação, eventos, cursos ofertados, além de participação nas demais ações desenvolvidas. O período todo de campo aconteceu de janeiro de 2019 até novembro de 2019. Além disso, no decorrer das atividades realizadas, a pesquisadora auxiliou o grupo com revisões de texto e nos eventos realizados como o dia internacional da mulher em 2019.

Buscou-se assim a compreensão da aplicação do discurso com a prática e o entendimento das relações de gênero no grupo e na cooperativa, bem como verificar as práticas educativas desenvolvidas no grupo.

### **3.3.3 Grupo focal**

Foi prevista para o mês de setembro de 2019 a realização da coleta de informações junto às mulheres pertencentes ao grupo MOBI estudadas por meio de um grupo focal. De acordo com Dias (2000), o objetivo central do grupo focal é identificar percepções, sentimentos, atitudes e ideias dos participantes a respeito de um determinado assunto, produto ou atividade.

Diante da dificuldade em reunir as produtoras do Café Feminino em uma única data, devido ao período da colheita, foram realizados dois grupos focais em datas sugeridas por elas. Sendo que do primeiro grupo focal participaram seis membros do grupo e no segundo participaram outras três. Com relação ao número de participantes nos grupos focais, foi verificado que na literatura há uma variação entre seis a quinze participantes. Entretanto, considerando que o tamanho ideal é o que permita uma participação efetiva e discussão adequada, o segundo grupo focal, mesmo não contendo o mínimo de participantes, foi considerado. Isso ocorreu em virtude de que no mesmo houve interação e comunicação que proporcionaram a obtenção dos dados necessários à pesquisa.

Destaca-se que dentre as participantes, apenas uma não era produtora de Café Feminino, sendo ela artesã. O primeiro grupo focal contou com seis participantes e uma colaboradora. Inicialmente, foi colocada a mesa de café, feito semicírculo no salão de reuniões da COOPFAM. Feito isso, entreguei uma folha A4 a todas e solicitei que escrevessem qual foi a primeira coisa que aprenderam com o MOBI e qual foi a última coisa que aprenderam com o MOBI. Quando finalizaram, foi iniciada a segunda parte da atividade em que todas apresentaram o que escreveram. Esse momento aconteceu de maneira espontânea e descontraída, sendo que as mulheres se mostraram à vontade para dizer o que escreveram e dialogar entre si. No terceiro momento, foram lançados temas centrais do percurso de aprendizado do grupo, levantados por meio da pesquisa documental, para que

falassem livremente sobre eles. Finalmente, a última atividade foi discorrer a respeito dos desafios, do que ainda é preciso aprender.

Com relação ao segundo grupo focal, o mesmo transcorreu de maneira similar ao primeiro. A dinâmica utilizada foi a mesma, por meio da atividade foi também possível aprofundar informações obtidas no primeiro grupo focal e que se fizeram importantes para o andamento da pesquisa.

Nos grupos focais a moderadora e pesquisadora buscou manter sempre o foco na pesquisa. A moderadora introduziu a discussão de maneira a motivar a interação das participantes, além de buscar informações nas falas, buscar o aprofundamento das informações levantadas e lançar novas questões a serem discutidas que se faziam relevantes para a pesquisa. Vale ressaltar que foram ainda observadas as comunicações não verbais.

Assim sendo, por meio do grupo focal realizado coletivamente foi possível identificar informações mais profundas do que em uma entrevista individual, uma vez que permite a interação do pesquisador com os sujeitos de pesquisa bem como a interação dos sujeitos de pesquisa entre eles. “Os participantes expressam mais e vão além em suas declarações do que nas entrevistas individuais” (FLICK, 2013, p. 119).

Por meio das entrevistas de grupo focal as participantes do grupo tiveram oportunidade de expor aberta e detalhadamente seus pontos de vista, sendo possível captar respostas mais completas e permitir um conhecimento mais profundo do grupo. Desta forma, tal procedimento possibilitou conhecer mais a respeito do histórico e trajetória de aprendizados do grupo, bem como a percepção delas a respeito das práticas educativas realizadas e o diferencial que o MOBI proporcionou para cada uma delas.

O grupo focal foi desenvolvido conforme roteiro que consta nos apêndices.

### **3.3.4 Entrevista semiestruturada**

Conforme previsto, foram selecionadas duas mulheres dentre as que não puderam participar do grupo focal. Flick (2013) destaca que ao contrário do que ocorre nos questionários, nas entrevistas semiestruturadas o entrevistador pode se desviar da sequência das perguntas. Além disso, não se mantém preso a pergunta inicialmente formulada, sendo esta apenas o início de um diálogo com o entrevistado que podem discorrer de maneira livre e extensiva.

Assim sendo, essa seleção foi realizada em função do que foi falado no decorrer da discussão e necessidade de esclarecimento ou mais conhecimento sobre determinado ponto

mencionado. Assim, conforme critérios apontados, foi selecionada para entrevista a ex-coordenadora do grupo, devido à sua experiência frente à coordenação e por ela não ter podido participar do grupo focal e a atual presidente da COOPFAM e membro do grupo MOBI, devido ao fato de ela ser uma das pioneiras do grupo, sua experiência enquanto presidente ser relevante para a pesquisa e também por ela não ter podido participar do grupo focal.

Os roteiros das entrevistas foram elaborados após a realização do grupo focal, pois dessa maneira, foi possível conduzir a perguntas mais focadas, não mencionadas espontaneamente. Para a realização das entrevistas foram, com base nos resultados obtidos no grupo focal, preparadas perguntas prévias para servir de orientação para chegar aos esclarecimentos necessários.

A primeira entrevista, realizada com a ex-coordenadora do grupo, aconteceu na residência da mesma. Foi relevante para entendimento das contribuições do grupo para o aprendizado dela bem como o aprendizado obtido enquanto coordenadora do grupo. Além disso, foi possível informações relevantes que surgiram no primeiro grupo focal.

A segunda entrevista realizada com a presidente da COOPFAM foi realizada por telefone devido à agenda intensa de compromissos da entrevistada. Foi relevante para compreender as contribuições dos aprendizados adquiridos no grupo para que se tornasse presidente da cooperativa, além de vislumbrar novas propostas futuras para o Departamento de Mulheres e Juventude da cooperativa.

Além disso, em ambas as entrevistas as entrevistadas discorreram a respeito da história do grupo, das dificuldades encontradas, conquistas e desafios.

Além das mulheres do grupo, foram também entrevistados, via e-mail, os coordenadores dos projetos de extensão. Essa etapa aconteceu por e-mail devido à distância entre as cidades e disponibilidade dos coordenadores. Essas entrevistas foram importantes para conhecer quais foram as motivações para a escrita do projetos, expectativas, resultados e desafios encontrados no decorrer da realização.

As entrevistas pessoais, foram gravadas e transcritas.

### **3.4 Organização e interpretação dos dados**

Finalizada a coleta de dados, passou-se a análise dos mesmos e para tal foi utilizada a técnica da análise de conteúdo. De acordo com Minayo (1994), uma das funções da análise de conteúdo é a descoberta do que está por trás do conteúdo manifesto, sendo possível por meio

dessa técnica encontrar respostas para as questões formuladas e confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de campo.

De acordo com a autora supracitada, a análise de conteúdo abrange três fases, sendo a primeira delas a organização do material a ser analisado. Nessa fase, foi realizada leitura de todo material coletado: atas, regimentos e produção acadêmica referente ao grupo, relatórios, organização dos documentos encontrados cronologicamente e transcrição dos áudios.

Além disso, foram catalogadas todas as reportagens encontradas, sejam em formato físico que foram posteriormente digitalizadas ou publicadas on-line. Essas reportagens foram organizadas cronologicamente de maneira possibilitar à pesquisadora observar a frequência das reportagens bem como a repercussão e visibilidade externa juntamente à trajetória de aprendizado do grupo. Fazendo isso, foi criada uma memória digital a respeito da publicidade das ações do grupo.

A segunda fase, segundo Minayo (1994), consiste em aplicar o que foi definido na fase anterior. Essa fase envolveu releitura dos dados coletados, sendo construído um levantamento da trajetória do aprendizado das mulheres desde o início da existência do grupo em 2006 até o ano de 2019. Esse levantamento foi realizado com os dados coletados por meio da leitura das atas, grupos focais, entrevistas e relatórios dos projetos.

Tal trajetória foi construída em uma planilha de dados, organizada cronologicamente, na qual foi feita uma distribuição de acordo com a ação realizada que gerou determinado aprendizado. Destaca-se que muitas dessas ações aconteceram durante as reuniões mensais do grupo. Assim, foi dividida em cursos, projetos de extensão e palestras e oficinas. Consta ainda no referido levantamento a percepção das mulheres a respeito da atividade realizada, ou seja, se gostaram ou não. Nessa mesma planilha foi realizado ainda um levantamento das conquistas do grupo anualmente de maneira que as conquistas possam ser visualizadas juntamente com as práticas educativas.

Finalmente, de acordo Minayo (1994), a terceira e última fase consiste em desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Considerando o caráter qualitativo desta pesquisa, foi priorizada a análise das tendências e especificidades características do grupo estudado.

Para a realização da análise foi considerado o contexto em que as mulheres pesquisadas estavam inseridas, bem como aspectos econômicos, sociais e a história do grupo estudado.

Em função da diversidade e entrelaçamento das informações obtidas através de diferentes técnicas de coleta, foram criadas categorias temáticas de análise e subcategorias. A

leitura e estudo exaustivo das informações permitiu o aprofundamento e escolha das referidas categorias, tendo como respaldo os argumentos teóricos centrais: Agricultura Familiar e Pedagogia Social.

#### **4 DE AGRICULTORAS FAMILIARES INDIVIDUALIZADAS À MULHERES ORGANIZADAS NO MOBI**

É importante ressaltar que nesta pesquisa, foi possível identificar um conjunto complexo de ações educativas desenvolvidas junto ao grupo MOBI. Várias organizações se fizeram presentes naqueles espaços. Pode-se identificar um fio condutor não necessariamente articulado e intencional, que teve como objetivo fundamental o fortalecimento individual e coletivo de agricultores familiares em especial das mulheres, quando focalizamos as ações junto ao MOBI. As organizações que foram identificadas durante o período pesquisado, focaram suas atuações, segundo princípios próprios, sem necessariamente se articularem: UNIFAL, IFSULDEMINAS, SENAR e ONG Sapucaí. Ações ora de pesquisa e extensão, ora com capacitações, para aproveitamento e beneficiamento de produtos alimentares, com fortalecimento da Agricultura Familiar, ora com relações com o mercado, com desigualdades de gênero, com processos organizativos de mulheres, entre outras.

Sob esta perspectiva analítica, foram cruzadas informações sobre: TIPO de ações (cursos, palestras, oficinas, atividades de projetos de ONG, atividades de pesquisa e extensão do IFSULDEMINAS e UNIFAL, informações divulgadas sobre o grupo) e os CONTEÚDOS específicos trabalhados. Os aprendizados foram diferenciados, quer sejam individualmente ou incorporados pelo MOBI.

A intenção foi descobrir como as mulheres passaram da categoria de agricultoras familiares individuais a mulheres organizadas em um coletivo feminista exportadoras de Café Feminino e como os espaços de aprendizagem diversos contribuíram para essa passagem. Esta foi a questão focalizada para realização da pesquisa, já anunciada anteriormente.

Uma lente teórica importante para realização das análises em profundidade, foi descobrir algumas contribuições de Paulo Freire, como fundamento da Pedagogia Social no Brasil (De Paula, 2014).

O processo de análise das informações, como foi explicitado acima no item que trata da metodologia, procurou associar estas duas especificidades (Tipo e Conteúdo), na construção da trajetória da aprendizagem das mulheres do MOBI.

Quanto ao tipo (formato) das ações educativas, foi possível perceber que os diversos cursos, palestras, oficinas e atividades de projetos estabeleceram relações com os saberes das agricultoras. Estas relações possibilitaram ou não a criação e/ou transformação do conhecimento que já possuíam. Foi possível identificar as ações educativas que efetivamente fizeram sentido para as agricultoras, tanto tecnicamente falando, como para a vida cidadã.

Quanto ao conteúdo das ações educativas, foi importante observar que durante e/ou após as participações das mulheres nas atividades, os conteúdos eram “revirados” e modificados segundo o sentido que faziam, individualmente ou para o processo organizativo do MOBI. A participação, portanto, não era passiva e sim questionadora e mobilizadora.

Um dos exemplos que será aprofundado abaixo, ocorreu com atividades que gerassem renda e que auxiliassem especificamente no trabalho doméstico. As coordenadoras do MOBI estimulavam em seguida a ampliação de reflexões sobre as conexões existentes entre a casa e a rua, entre a vida das mulheres no espaço privado rural e suas relações com o espaço público.

Estas dinâmicas de funcionamento do MOBI se aproximam dos argumentos da Pedagogia Social, que propõem que os “problemas a serem trabalhados com os grupos, surgem a partir da própria condição social dos mesmos” (De Paula, 2014, p. 36). Com o passar do tempo, os debates foram amadurecendo e as demandas ficando mais identificadas com os interesses do grupo.

Este item apresenta as categorias temáticas criadas a partir destes cruzamentos, como estratégia de análise de conteúdo das informações.

#### **4.1 Trajetória do grupo**

A história do grupo MOBI se faz na complexidade da relação entre as trajetórias das mulheres, a trajetória de cada uma para com o grupo; o grupo MOBI; e a relação da MOBI com a COOPFAM (MARTINS, 2019, p.).

No decorrer da pesquisa de campo, sobretudo dos grupos focais, foi possível observar que as mulheres possuem orgulho em contar sua história, ainda ficou perceptível como a história do grupo encontra-se imbricada na trajetória dos aprendizados. Assim sendo, para cumprir o objetivo de reconstruir o processo histórico de aprendizagem do grupo, julgou-se necessário realizar um resgate histórico, destacando a luta e conquistas do mesmo ao longo dos anos, desde a sua criação em 2006 até o momento atual em 2019. No decorrer desse percurso foi possível identificar fases na trajetória do grupo que irão guiar a escrita deste histórico.

Retomo aqui o contexto em que a mulheres estavam inseridas quando do início das atividades do grupo. Elas estavam vinculadas, embora não possuíssem cotas e nem voz ativa, a uma cooperativa de café composta por agricultores familiares. Essa cooperativa foi criada para atender os anseios de melhorar as condições de vida das famílias participantes, além de garantir melhores condições no mercado. Singer (2002) evidencia a relevância das

cooperativas como estratégias para reduzir as desigualdades sociais. Assim sendo, a busca pela igualdade se fazia presente como um preceito do cooperativismo e, por conseguinte se despertou nas mulheres envolvidas.

Souza (1995) aponta que a trajetória histórica da Associação de Poço Fundo, atual COOPFAM, revela uma organização criada a partir das tradições culturais de solidariedade existentes no meio rural. Diante do exposto, os agricultores familiares, então cooperados, juntamente com seus familiares vivenciaram um processo de transformação das relações sociais por meio da união e da ação coletiva. Essa experiência, de acordo com Pedini e Machado (2011) deixou claro o potencial de superação de uma realidade socioeconômica por meio da organização.

Altafin (2006) comenta que os agricultores familiares, apesar da exclusão no processo de desenvolvimento do país, se organizaram para reivindicar ao estado políticas públicas que os incluísse. Assim, influenciadas pela experiência frutífera da criação da cooperativa e conscientes da importância da organização para a transformação das relações sociais foi que as pioneiras do grupo compreenderam a legitimidade da busca pelos direitos das mulheres no interior da cooperativa. Logo, foi com o objetivo de construir um espaço de fortalecimento e busca de visibilidade para suas atividades que foi constituído, em 2006, o MOBI, Mulheres Organizadas Buscando Independência<sup>4</sup>.

Baseando-se na análise qualitativa das informações obtidas no decorrer da pesquisa de campo, foi possível elencar fases no decorrer da trajetória do grupo. A caracterização de cada fase foi realizada a partir da análise do histórico do grupo bem como da trajetória e aprendizado dessas mulheres. Foram utilizados critérios tais como a ocorrência de maior ou menor número de capacitações, preferência por determinada área temática no momento da escolha, escassez ou não de registros e/ou publicações midiáticas e conquistas alcançadas.

A primeira fase experimentada pelo grupo vai do ano 2006, ano de criação do grupo, ao ano de 2008, caracterizada pelo aprendizado individual e início da estruturação do grupo. Vale ressaltar que inicialmente esse grupo de mulheres não possuía o nome de MOBI, era conhecido como grupo de mulheres da cooperativa, sendo o nome criado posteriormente.

A busca pela igualdade de direitos e por um espaço legítimo de participação nessa cooperativa, como votar e serem votadas foi um dos principais motivos para que elas iniciassem a discussão sobre a titularidade da cota na cooperativa e com isso a criação da

---

<sup>4</sup> Inicialmente o nome do grupo era Mulheres Organizadas Buscando Independência, porém no ano de 2018 o nome foi alterado mediante consenso do grupo para Mulheres Organizadas Buscando Igualdade.

marca “feminino”, em 2007, para o café produzido por elas. Conforme Martins (2019), a trajetória do grupo nasce com as contestações para a compra de cotas por parte das mulheres.

A presença das mulheres nas reuniões da cooperativa não era grande, além disso, se encontravam na situação de meras acompanhantes do marido, que se encontravam presentes na reunião, porém sem ter voz ativa. De acordo com Martins (2019), as primeiras reuniões do grupo nasceram de iniciativas de algumas mulheres que diante de suas inquietações com a situação que viviam e influenciadas pelos ideais do cooperativismo, começaram, em momentos sociais, como rezas, mobilizar a fim de criar um grupo de Mulheres. O grupo iniciou com poucas integrantes, cerca de três, se reunindo cerca de uma vez por mês, às primeiras sextas-feiras, após a missa. O motivo para esses encontros: realização de cursos tais como pintura, picles, doces, dentre outros.

Martins (2019) aponta que, embora houvesse a insatisfação por parte dessas mulheres e desejo de mudar a realidade que viviam, essas pioneiras perceberam que precisavam de algo mais para justificar os encontros, assim, passaram a realizar cursos variados de extensão ofertados pelo Senar. Dessa forma, a realização desses cursos surgiu como uma justificativa para que as reuniões e as discussões acontecessem.

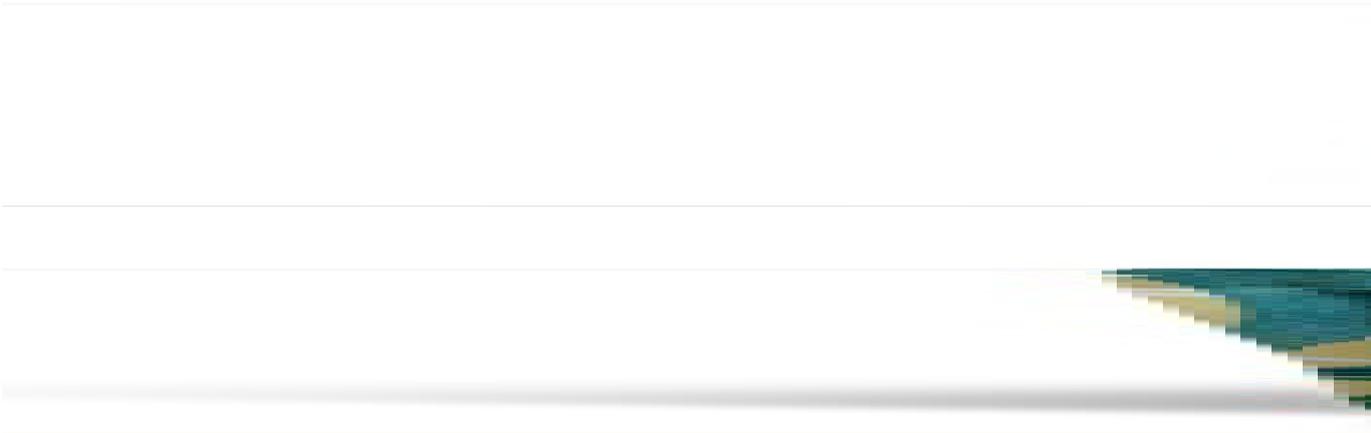
Conforme Martins (2019), no início do grupo as pioneiras convidaram “boca-a-boca”, para a realização de formação, para que os encontros acontecessem eram realizados cursos variados, tais como pós-colheitas, derivados do leite, pintura em tecido, além de palestras diversas. Na fase inicial, as mulheres não eram incentivadas diretamente a comprarem uma cota na cooperativa. Essa percepção da importância de se comprar uma cota e participar ativamente das ações da cooperativa foi desenvolvida ao longo dos momentos de formação nas diversas ações realizadas pelo grupo.

O Café Feminino Orgânico surgiu depois da criação do grupo MOBI, no ano de 2007, sua história se mostra ligada à luta das mulheres no campo e deu voz às mulheres do grupo MOBI. Inicialmente, era comercializado apenas na modalidade orgânica.

Figura 1 - Café Feminino torrado e moído: embalagem inicial e embalagem atual.

a)

b)



Fonte: Figura a: Viver Bem Saudável. Disponível em: <https://www.viverbemsaudavel.com.br/principal/loja/cafe-organico-premium-familiar-da-terra/>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Figura b: COOPFAM. Disponível em: <https://COOPFAM.com.br/cafe-feminino/>. Acesso em: 17 jan. 2020.

Atualmente, são produzidas cerca de 30 toneladas de Café Feminino por ano, sendo, desse total, 80% exportado para os Estados Unidos da América. Esse café é produzido a partir de grãos arábicas escolhidos e selecionados por especialistas, possui o *blending* diferenciado, além de cuidado com relação à quantidade de luz e calor a que são expostos e secagem natural. Descrito como um café com baixo teor de acidez, é vendido de forma torrada ou *in natura* com os selos federais da Agricultura Familiar e de produto orgânico.

O ano de 2008 foi marcado por uma importante conquista, nesse ano as mulheres conseguiram que 10% dinheiro do café processado (torrado e moído) voltasse para o grupo, para que o grupo tivesse uma fonte de renda. Essa conquista se fez importante para que planos e projetos do grupo fossem deflagrados.

Há que destacar que a ONG Sapucaí foi muito atuante na primeira fase do grupo com a ofertas de cursos de capacitação diversos. Nesse período, não havia ainda um foco para as escolhas dos cursos, eram realizados cursos diversificados, como pintura em tecido, doces, receitas, dentre outros. Ao que mostra o trabalho de campo, não foram ofertados cursos voltados para a produção do café ou para incentivar uma maior visibilidade das mulheres do grupo enquanto agricultoras familiares produtoras de café.

Nesse período, foi possível perceber uma relação de aprendizado individual, mais voltado para o doméstico e reprodutivo. Nessa primeira fase, os cursos realizados reforçavam o papel relacionado ao cuidado da mulher em casa, porém, se mostraram essenciais para a

formação do grupo. Se não fossem esses cursos, talvez elas não se reuniriam. A formação religiosa e as relações familiares poderiam não permitir que elas tivessem um encontro para falar de igualdade de gênero, o que hoje já é uma realidade.

A segunda fase aconteceu no ano 2009, marcada por uma ampliação do foco da luneta e uma relação profissional mais visível com o mercado. A relação, antes familiar, é ampliada para relações de liderança e comercialização. Aconteceu um conjunto de ações que deram maior amplitude ao movimento do grupo. O processo de construção de conhecimento acontecido até então, levou os membros do grupo a refletir sobre diversas questões e se fortalecerem para continuar querendo participar dos encontros do grupo. Fase que envolve intenção política. Nesse período, elas adquiriram maior consciência da importância da participação, passando a conquistar essa participação, que, “não é concedida como uma dádiva doada aos indivíduos uma dádiva e sim uma conquista” (RANGEL, 2019, p. 232).

Em 2009, o grupo de mulheres da COOPFAM, após discussões, passa a se chamar MOBI, Mulheres Organizadas Buscando Independência. A respeito do primeiro nome dado ao grupo, uma das mulheres membros do grupo e atual presidente da cooperativa destaca que, *“no início, era um desafio, um desejo muito grande de buscar independência, que havia por parte das pioneiras um sentimento de opressão”* (Alberta).

Na terceira fase aconteceu o fortalecimento das ações coletivas, fase que transcorreu entre os anos de 2010 e 2011. Período marcado por cursos realizados considerando o contexto no qual as mulheres estavam inseridas e não meramente a lógica de mercado. Período em que elas passam a participar de feiras e viagens. Embora tenha sido possível perceber avanços, não havia ainda por parte da COOPFAM a consciência da importância do fortalecimento e crescimento do grupo.

A quarta fase foi marcada por conflitos e um recuo estratégico. Nos anos de 2012 e 2013, houve um recuo das atividades do grupo, sejam elas reuniões ou cursos. Nesse período não foram confeccionadas atas das reuniões ocorridas. Conforme expõe Martins (2019), por meio de relatos de membros do MOBI, esse período foi marcado pelo envio de um container de Café Feminino ao Estados Unidos da América, o primeiro enviado, posteriormente, a compradora Norte Americana realizou visita à Cooperativa e às mulheres que compõem o grupo e ao constatar que nem todas as mulheres possuíam cota na cooperativa e que o café enviado não era apenas o produzido pelas mulheres, suspendeu a compra.

Após esse acontecido, houve uma retração por parte do grupo, devido ao mal-estar gerado pelo envio de café de homens como café feminino e pela cooperativa não ter passado a

bonificação devida às mulheres. Essa retração pode ser percebida ao realizar levantamento das ações de aprendizagem realizadas e também nas atas das reuniões que se tornaram escassas.

Nesse período essas mulheres percorreram um caminho enquanto coletivo de dificuldades e vitórias. No decorrer desse percurso obtiveram conquistas importantes que revelaram que a busca por igualdade continuava apesar do recuo e da diminuição dos encontros e atividades. Em 2012, conquistaram o direito de representação na diretoria da cooperativa, sendo a então coordenadora do grupo a primeira diretora a representar as mulheres. O ano de 2017 foi marcado pela perspectiva de uma mulher representar a cooperativa em um evento internacional, essa participação ocorreu na *Bio Brazil Fair* em Nuremberg, Alemanha. Assim sendo, foi o ano que a primeira mulher do grupo obteve passaporte.

Entre os anos 2014 e 2017 aconteceu a quinta fase, marcada pelo retorno às ações coletivas e pelo recebimento de projetos. O retorno aos encontros do grupo aconteceu para a realização dos cursos previstos em projetos aprovados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que previa o fortalecimento da identidade do grupo por meio de cursos de artesanato com subprodutos do café. Além desse projeto de fortalecimento aconteceram ainda nesse período outros dois; sendo um de produção de flores (rosas, copo de leite e bastão do imperador) e o terceiro que visava a certificação participativa das flores orgânicas produzidas. Ressalta-se que nesse período os encontros se tornaram mais frequentes em virtude das atividades e viagens previstas nos projetos.

No ano de 2015 o grupo viveu um momento de fortalecimento interno que veio com as atividades do projeto de extensão que visava o fortalecimento da identidade do grupo. No decorrer dos encontros destinados aos projetos foram criados o regimento Interno e a logomarca do grupo, bem como uma carteirinha de identificação para eventos e feiras.

Ainda em 2015, o IFSULDEMINAS apoiou o grupo com a execução de um projeto de extensão que instalou estufas para a produção de flores orgânicas nas propriedades das mulheres. Desde então, muitas têm dado continuidade às atividades, desenvolvendo produtos como licores e geleias de rosas.

Já em 2016, o grupo criou o festival de pratos, evento que ocorre no primeiro dia da festa do Café da COOPFAM e consiste em um concurso de pratos realizados a partir do produto café. Ainda nesse ano, o grupo conquistou espaço e representação nas reuniões de primeiro domingo da cooperativa. Essa reunião consiste em um momento de decisões e repasse de informações da diretoria, momento em que participa um representante de cada núcleo da cooperativa. Embora o grupo MOBI fosse considerado um núcleo, não havia espaço

para que participasse de tal reunião. Além disso, não era formalizado dentro da cooperativa como tal.

A autora mostra que as mulheres que compõem o grupo buscavam reconhecimento pelo seu trabalho, além de independência financeira. Com o passar do tempo, o grupo resultou em uma organização que busca visibilidade das mulheres nos espaços de tomada de decisões. Conforme ressalta Martins (2018), a independência é trazida como uma das razões para a constituição dessa organização, dessa maneira, no momento da criação do nome é referenciada.

No ano de 2017 sai do país a primeira mulher com o objetivo de representar a cooperativa numa viagem para a Alemanha, o que representou um avanço tanto no espaço público como no doméstico com relação à essa conquista.

A sexta e última fase, momento atual vivido pelo grupo, iniciou-se no ano de 2018 e constitui o ápice de toda a vivência do grupo desde o início de sua existência. O café feminino tem credibilidade e visibilidade. Foi criado o café convencional feminino e com a entrada das mulheres do café convencional no grupo, foi desenvolvido o processo de certificação do café feminino. É criado ao departamento de mulheres e tem início o projeto para realização de hortas orgânicas, o HortMOBI.

O ano de 2018 foi ano eleitoral na cooperativa e um ano de importantes conquistas para as mulheres do MOBI, marcado pela discussão da criação ou não do Café Feminino não orgânico. Nesse ano, foi também eleita a primeira mulher para presidir a cooperativa. Outra mudança importante realizada nesse ano foi a alteração do nome do grupo, que passou a ser Mulheres Organizadas em Busca de Igualdade. Além do exposto, foi também um ano de reconhecimento do trabalho realizado pelas mulheres, o Café Feminino foi um dos projetos homenageados no concurso internacional saberes e sabores.

Como desdobramento dessa discussão, foi criada, em 2019, a certificação do Café Feminino. Essa proposta baseia-se na metodologia do sistema participativo de garantia da qualidade orgânica (SPG)<sup>5</sup> em que as mulheres visitam outras mulheres para trocar experiências e validar a participação feminina na produção do café. No decorrer da visita, é realizada a verificação da participação da mulher em todas as fases da produção do café: plantio, manejo da lavoura, pré-colheita, colheita, pós-colheita, gestão e comercialização.

---

<sup>5</sup> O Sistema Participativo de Garantia é um conjunto de atividades desenvolvidas em determinada estrutura organizativa, regida por princípios, normas de organização e de funcionamento, visando a assegurar a garantia de que um produto, processo ou serviço atende a regulamentos técnicos da agricultura orgânica e que foi submetido a uma avaliação participativa da conformidade (BRASIL, 2009).

O corrente ano foi marcado pela criação do Departamento de Mulheres e Juventude e contratação de uma especialista<sup>6</sup> em Relações de Gênero para coordenar o Departamento. Também foi o ano em que aconteceu o lançamento do Café Feminino Convencional, no dia 08 de março de 2019, juntamente com a comemoração do Dia Internacional da Mulher.

É importante observar que o fortalecimento das mulheres, individualmente e no grupo MOBI, tem sido conquistado não somente pelo avanço e aprofundamento das relações de mercado. É nítida a mudança de argumentações sobre a importância da mulher em casa e na sociedade em geral. Uma conquista prática, apresentada acima, foi a criação do Departamento de Mulheres e Juventude, num ambiente essencialmente masculino da COOPFAM.

Atualmente, o grupo conta com XX mulheres conforme Hirata (2019), 17 dessas mulheres são produtoras do Café Feminino. Ainda de acordo com a autora, essas mulheres residem em diferentes comunidades rurais do município de Poço Fundo-MG e possuem idade entre 21 e 69 anos, sendo que a maioria casada, com exceção de uma viúva e duas solteiras. Essa autora destaca que são 3 gerações que convivem em grupo e dialogam sobre temas que vão desde as relações familiares, passando pelas desigualdades de gênero até aspectos produtivos e econômicos.

A autora supracitada destaca que a área de produção do Café Feminino varia de 0,5 a 4,0 ha e o número de pés de café de 1000 a 13.000. Trata-se de áreas pequenas, consideradas como talhões que são passados para o nome e responsabilidade delas. Das produtoras do café feminino, apenas duas possuem produção convencional, as demais produzem no sistema orgânico e são certificadas. A variedade predominante é o Catuaí vermelho, porém, também cultivam outras variedades como o Catuaí amarelo, Icatu, Arara, Mundo Novo, Paraíso e Rubi.

Atualmente, conforme demonstra a primeira figura, o grupo se reúne mensalmente na sala de reuniões da COOPFAM para as reuniões ordinárias que ocorrem às segundas sextas-feiras de todos os meses, além disso, se reúnem em outras ocasiões para a realização de atividades extras, tais como visitas de verificação, capacitações e dias de campo, conforme demonstra a segunda figura.

---

<sup>6</sup> Mestre em Administração, na linha de concentração de Estudos Organizacionais, Trabalhos e Sociedade pelo Centro de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração da Universidade Federal de Minas Gerais - CEPEAD/UFMG- 2019.

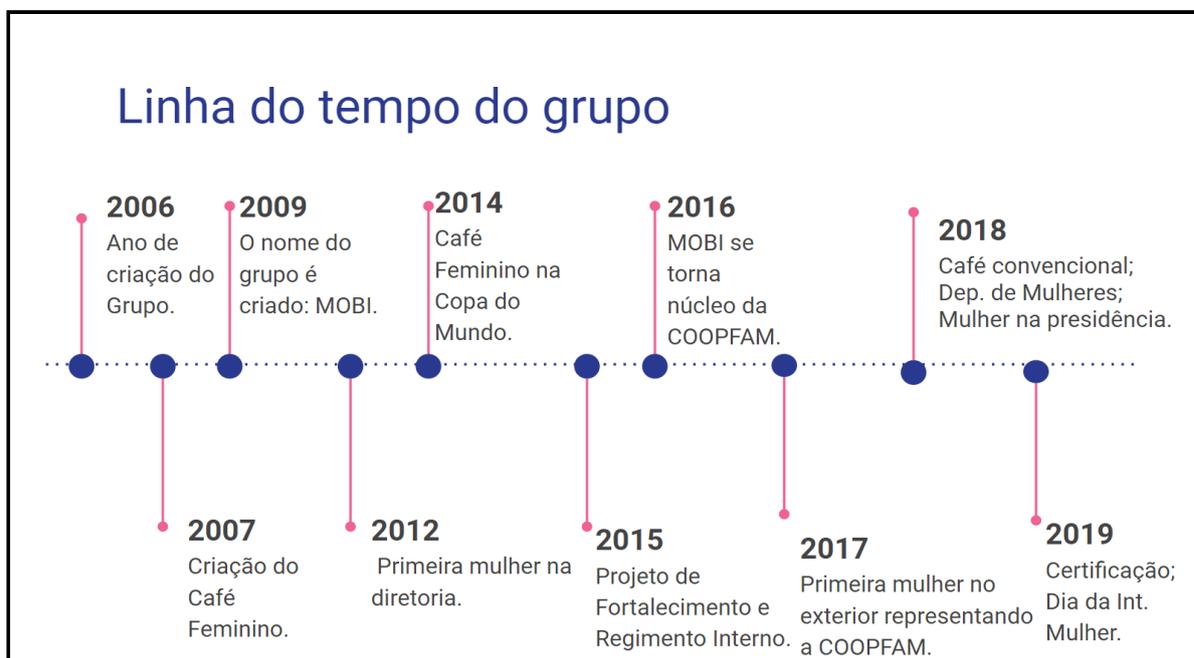
Figura 2 - Grupo MOBI: formação atual.



Fonte: MOBI (2018).

Diante da explanação acima, foi possível condensar as informações na linha do tempo do grupo que se segue:

Figura 3 - Linha do tempo do grupo MOBI.



Fonte: Elaborado pela autora.

Pode-se reforçar a observação de que a história do grupo está entrelaçada às diversas ações educativas realizadas, não há uma linha reta de processos de aprendizagem. Assim sendo, o processo histórico do grupo caminha junto a processo de aprendizagem.

## 4.2 Construção conjunta do conhecimento e transformação

Historicamente, a Agricultura Familiar busca no associativismo uma estratégia de superação das inúmeras dificuldades enfrentadas no meio rural, seja na produção, na comercialização ou simplesmente por um maior reconhecimento e valorização da atividade agrícola. São nestes espaços interativos construídos coletivamente e de interesses comuns que ocorrem práticas educativas diversas, que mesmo fora dos muros da escola, contribui na formação dos sujeitos, complementando o processo de formação para a cidadania.

Há que ressaltar que as mulheres do MOBI contam com poucos anos de educação formal, porém percebe-se serem detentoras de grande sabedoria advinda das práticas na lavoura e da luta pela visibilidade do trabalho da mulher no campo. Além disso, demonstram possuir grande entusiasmo para o aprendizado de novas técnicas para o trabalho, realizando inúmeras capacitações para o trabalho e para formação social. O interesse e a valorização do grupo pelas capacitações são evidenciados em seu regimento interno no art. 4º que trata dos objetivos do grupo, alíneas “e” e “g”: “e) *Promover a capacitação e integração entre as mulheres da COOPFAM*; g) *Participar de intercâmbios e capacitações*” (MOBI, 2014, p.1).

O valor que a educação tem para esse grupo se revela não na educação “de banco de escola” como dito por elas, mas na educação ofertada por meio de cursos profissionalizantes, de aperfeiçoamento, projetos de extensão, no processo organizativo do MOBI e na educação adquirida ao longo da vida e nos espaços coletivos. Dessa maneira, a educação social se fez presente no percurso do grupo, pois conforme Machado (2013) a educação social constitui-se de práticas educativas que ocorrem em diferentes espaços, construindo conhecimentos, transformando realidades e emancipando através da conscientização crítica dos fatos do cotidiano.

Dessa maneira, é no cotidiano do grupo MOBI que as mulheres passam por ciclo de valorização de seus saberes. Nas diversas atividades realizadas no grupo elas compartilham conhecimento sobre a produção de café e descobrem seu potencial para transformar não só suas vidas, mas também em seu entorno, sendo exemplo a ser multiplicado. Nessa atmosfera de construção conjunta do conhecimento, é que as experiências vividas pelo grupo se inserem no âmbito da Pedagogia Social. Da Silva (2016) afirma que a Pedagogia Social e suas práticas levam ao entendimento de que a educação se faz ao longo da vida, em todos os espaços, sendo todos potenciais educadores. Ainda que brevemente é importante sinalizar que muitas vezes, o conhecimento dá um significado para o saber que já existia. A passagem de se perceber como

produtora de café e mais para frente, mulher produtora de café orgânico feminino do grupo MOBI. Muitos sentidos foram incorporados a sabedoria inicial destas mulheres.

No decorrer de sua trajetória, o grupo realizou atividades variadas, através das quais foram sendo construídos aprendizados. Esses aprendizados aconteceram em espaços variados, aconteceram no espaço de reuniões da cooperativa, nas atividades dos projetos recebidos, nos dias de campo e nas visitas de verificação<sup>7</sup> nas propriedades. Assim, de maneira geral esses aprendizados acontecidos em ambientes de socialização não aconteceram no espaço formal de educação. Conforme Machado (2013), a compreensão das práticas educativas como práticas sociais, possibilita o entendimento que a educação ocorre em diferentes espaços na sociedade e de várias maneiras. Com uma intencionalidade clara de conquistar espaços de decisão, conquistar direitos negados, emancipações, poder de barganha, entre outras questões.

Mota Neto e Oliveira (2018), explicam que a Pedagogia Social possibilita a integração entre os saberes e as práticas cotidianas das populações socialmente excluídas com o saber científico buscando a inclusão e diversidade e se comprometendo com as problemáticas sociais. É nessa perspectiva que o ser humano vive e se desenvolve socialmente, ensinando e aprendendo a todo momento, que aconteceram os processos de aprendizagem do grupo MOBI. Sem desconsiderarmos relações conflituosas de poder enfrentadas pelo grupo: para ser cotista, para ter direito a voto, para ter representatividade na Cooperativa, para eleger uma mulher na presidência, para representar a Cooperativa no exterior, além das tensões hierárquicas familiares vivenciadas por estas mulheres.

Foi possível identificar uma complexidade dos aprendizados no decorrer das atividades da pesquisa de campo, isso aconteceu em função da intensa rede de instituições apoiadoras ao MOBI que contribuíram para a construção de um conhecimento compartilhado juntamente com essas agricultoras. Coelho (2014) destaca que a formação escolarizada do profissional com a formação obtida pelo mundo da vida dos agricultores resulta na ciência compartilhada em que construção do conhecimento inicia-se a partir de uma diálogo e promoção da interação com os agricultores.

O processo de construção do conhecimento desse grupo aconteceu de maneira comprometida com a problemática das mulheres rurais buscando igualdade. Diante disso, se faz importante a análise em profundidade as ações educativas desenvolvidas pelas entidades

---

<sup>7</sup> Conforme Hirata *et al.* (2018) visita de verificação consiste na avaliação da conformidade realizada com a presença de um membro da comissão de avaliação. Essas visitas acontecem de maneira planejadas em data, local e equipes pré-definidos.

de extensão e pesquisa e o evidenciamento de quais e como as essas ações contribuíram para a superação das desigualdades por essas mulheres que segue, conforme proposto nos objetivos.

Instituições variadas atuaram na construção conjunta do conhecimento com esse grupo de mulheres, são elas: ONG Sapucaí, Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL). Foi possível verificar que nos anos iniciais do grupo a ONG Sapucaí e o SENAR tiveram significativa importância, visto que contribuíram ministrando cursos e dando apoio técnico para as ações iniciais. O IFSULDEMINAS e a UNIFAL não estiveram presentes nos anos iniciais, porém se fazem presente nos dias atuais e contribuem significativamente para as conquistas atuais. Essas instituições realizaram atividades diversas, destacando-se os cursos, projetos de extensão e palestras. As práticas educativas supracitadas foram elencadas cronologicamente na planilha que se segue:

Figura 4 - Trajetória de aprendizado do grupo MOBI.

|   |                  | TRAJETÓRIA DE APRENDIZADO DO MOBI DE 2006 A 2018 |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|---|------------------|--|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Ações Educativas                            | Quando ocorreram | 2006   | 2007 | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014 | 2015 | 2016 | 2017 | 2018 | 2019 |
| <b>CURSOS</b>                               |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Processamento de café                       |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Artesanato                                  |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Culinária: práticas e processamento do café |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Pintura                                     |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Doces, geléias e polpas                     |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Derivados do café                           |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Qualidade do café no pós - colheita         |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Corte, costura e artesanato                 |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Turismo Rural                               |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Administração                               |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Oficina de produtos de limpeza              |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Psicologia                                  |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Informática                                 |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Picles? Picklagem                           |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Derivados do leite                          |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Custos de produção                          |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Paisagismo                                  |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Receitas de café                            |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Arranjo Floral                              |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Segurança do trabalho                       |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Liderança                                   |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Cafeteria                                   |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Comercialização                             |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Física Quântica Emocional Aplicada à Saúde  |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Cosméticos naturais                         |                  |  |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |

| TRAJETÓRIA DE APRENDIZADO DO MOBI DE 2006 A 2018  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
|---|------|---|------|------|------|------|------|------|---|---|---|--|---|---|
| Ações Educativas  | 2006 | 2007  | 2008 | 2009 | 2010 | 2011 | 2012 | 2013 | 2014  | 2015  | 2016  | 2017   | 2018  | 2019  |
| <i>Quando ocorreram</i>   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| <b>Formação para Eleição</b>  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |    |   |
| Prova de café ( cooperados)   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |    |
| Classificação ( cooperados)   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |    |
| Sensorial de café ( cooperados)   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |    |
| Móveis de Bambu   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |   |   |   |
| <b>PALESTRAS</b>  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Reciclagem  |      |  |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Doenças e cuidados para evitar acidentes  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Importância da análise da água  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Agroturismo e melhorias nas propriedades  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Conscientização da prevenção de doenças e importância de uma boa alimentação  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Investimento na educação dos filhos para se tornarem cidadão preocupados com MA   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Saúde da Mulher, motivação e auto-estima da mulher no campo   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |   |   |   |
| Produção Orgânica   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Pós colheita  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| Design de peças   |      |   |      |      |      |      |      |      |  |   |   |  |   |   |
| Embalagens artesanais   |      |   |      |      |      |      |      |      |  |   |   |  |   |   |
| <b>PROJETOS</b>   |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |   |
| HortiMOBI (oficinas compostagem, horta vertical, nutricionista e controle biológico)  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |   |  |
| Projeto de Fortalecimento da Identidade do Grupo MOBI   |      |   |      |      |      |      |      |      |  |   |   |  |   |   |
| Projeto de Implantação de unidades de Cultivo de Flores em Comunidades de Mulheres Associadas à COOPFAM                                       |      |   |      |      |      |      |      |      |   |  |   |  |   |   |
| Projeto de Certificação Participativa para Unidades Produtoras de Rosas Orgânicas do Grupo de Mulheres Rurais do Município de Poço Fundo - MG |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |  |  |   |   |
| Incubação do MOBI - Mulheres Unidas Buscando Independência  |      |   |      |      |      |      |      |      |   |   |   |  |  |   |

Fonte: Elaborada pela autora.

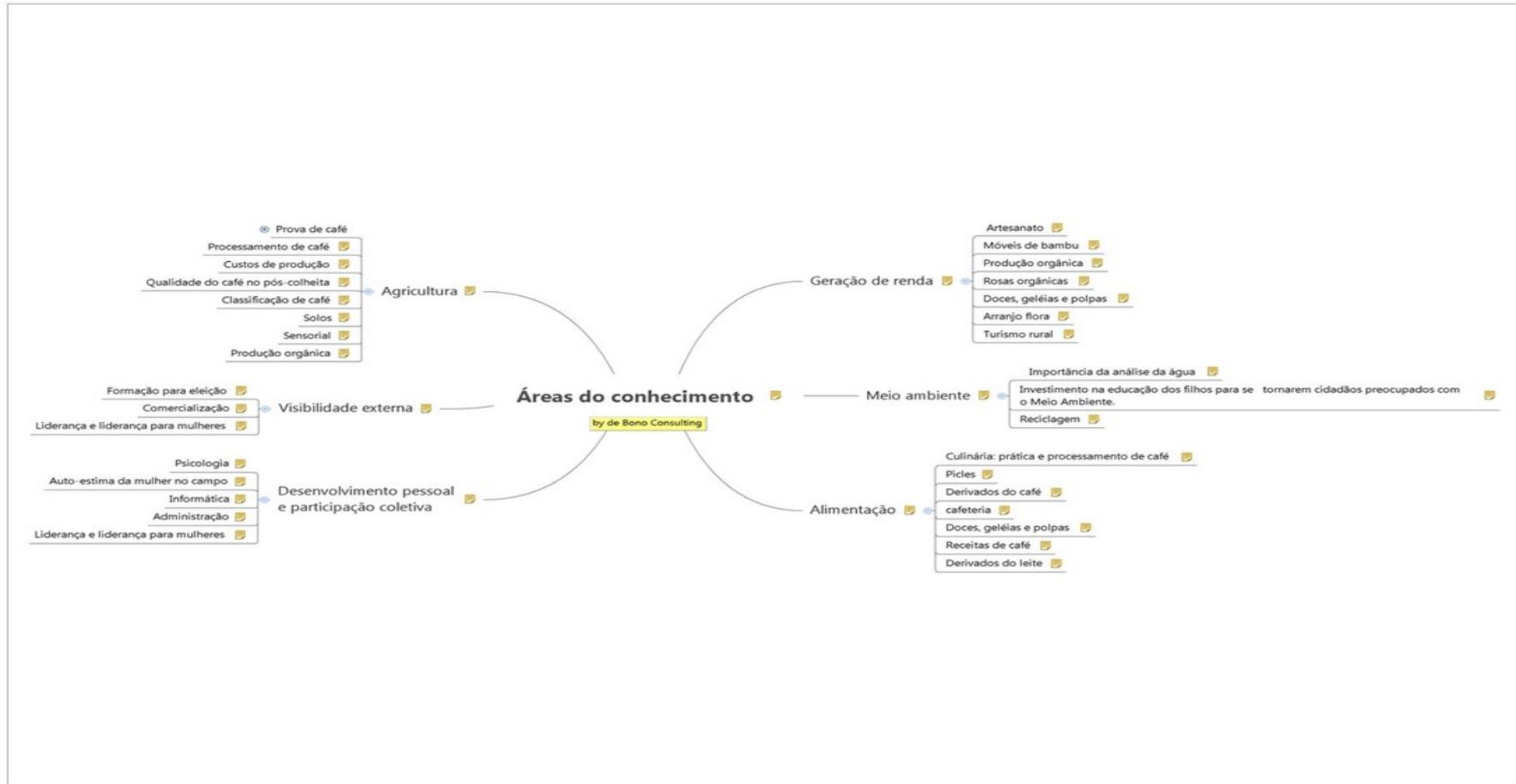
Conforme planilha acima, foi possível elencar 29 cursos ocorridos, sendo que, conforme levantamento realizado a diversidade marca esse aprendizado, os cursos não aconteceram apenas voltados para a cultura do café. Além dos cursos na área agrícola, entra em cena um grande número de cursos relacionados à área da alimentação e cuidado familiar, revelando uma preocupação com a segurança alimentar e com o bem-estar da família por parte das mulheres. Além da agricultura e alimentação e cuidado familiar, outras áreas de conhecimento relevantes foram identificadas no que diz respeito ao aprendizado adquirido pelo grupo, a saber: geração de renda, participação coletiva e desenvolvimento pessoal, visibilidade externa e meio ambiente. No que diz respeito à geração de renda, os cursos elencados nessa área constam também em outras áreas de aprendizagem.

Com relação a palestras foi possível identificar 11 palestras ocorridas, assim como os cursos, as palestras não se concentravam em uma área específica, eram bastante diversas e aconteceram em maior número a partir do ano de 2014, sendo ministradas por instituições diversas.

Finalmente, com relação aos projetos de extensão, estiveram presentes duas instituições. Três dos quatro projetos identificados que foram realizados junto ao grupo, foram iniciativas do IFSULDEMINAS e um deles da UNIFAL. Com relação à área de concentração dos mesmos, houve concentração na área agrícola e de geração de renda. Com relação a essa prática de aprendizado, foi possível verificar que foram marcantes para as mulheres, visto que tiveram período de duração maior, sendo possível estreitar relações entre as mulheres membro do grupo e delas com os profissionais das instituições que atuaram no projeto. Assim sendo, os resultados dos projetos foram mais facilmente identificados.

Segue abaixo um fluxograma com as principais áreas de conhecimento das práticas educativas realizadas pelas mulheres do grupo. O fluxograma representa uma estratégia didática para melhor visualização, sem pretender apresentar características estanques e desconexas:

Figura 5 - Práticas educativas agrupadas por área de conhecimento.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme consta na figura acima, os aprendizados aconteceram tanto em diferentes conteúdos, quanto no processo organizativo do grupo, o que sinalizou o foco na busca por igualdade entre homens e mulheres, em diversas áreas de conhecimento. Os aprendizados se referem tanto a questões individuais, quanto à família, a cooperativa, as relações de mercado, ao processo organizativo do grupo, as relações com as universidades. De Paula (2013), ao tratar dos fundamentos da Pedagogia Social em Paulo Freire, destaca o interesse pela compreensão do processo de organização das pessoas para produzir e viver as experiências criadoras do conhecimento e desenvolvem estratégias de educação que promovem a cidadania e incentivam a participação.

Diante do exposto, serão tratadas a seguir as principais áreas de conhecimento dos aprendizados dessas mulheres no decorrer de sua trajetória no grupo bem como a relação existente entre essas áreas de conhecimento e as conquistas obtidas.

#### **4.2.1 Geração de renda**

Desde o início das atividades do grupo, foi possível verificar que a motivação inicial para a participação das mulheres era a realização de cursos. Os cursos constituíam-se como as justificativas para as primeiras participações. Outra questão verificada foi que cursos que poderiam gerar renda eram mais atrativos, pois as mulheres contavam com apoio familiar para que deixassem suas casas e assim enfrentarem as dificuldades para tal objetivo. A importância dos cursos para a constituição do grupo pode ser verificada abaixo:

Os cursos foram meios, acho que a gente nem tinha essa consciência, foi uma ação inconsciente, porque o conhecimento sobre direito de mulheres, de coletivo de mulheres, era um conhecimento que a gente não tinha para falar sobre isso, mas a gente sentia a necessidade de reunir para fazer algo pras mulheres, mas chamar só pra reunião seria um pouco cansativo né, não seria atrativo, então vamos fazer um curso de pintura em tecido, fazer um curso de doces, é uma capacitação né e nesses espaços a gente falava de tudo. Por que você não foi na reunião, por que você não vai na reunião? O que falou na Assembleia? Por que que a gente não vota? E aí a gente fez muita pergunta dos porquês, muitas vezes a gente precisa perguntar o por quê, se está incomodando tem que perguntar. Então para falar dessas coisas a gente precisava de espaço, então esses cursos, eles serviam para capacitação e também para reunir para identificar o que a gente tinha de necessidade, qual que era nossa necessidade. Nossa necessidade era filiar, ter direitos e deveres, ter deveres sim, mas ter direitos (Margarida).

Bruno *et al.* (2013) destaca que existem três motivações para a organização das mulheres em grupos produtivos sendo elas a motivação econômica, social e política. No que

diz respeito à motivação econômica, a autora destaca que prevalece a perspectiva de aumentar a renda familiar e obter remuneração econômica distinta do marido. Essa motivação pode ser considerada a motivação inicial para a entrada das mulheres no grupo MOBI, é característica das ingressantes no grupo a busca por formações que gerem renda, isso contribui para que tenham o apoio familiar para a participação, além da independência financeira para garantir a continuidade da participação.

Bruno *et al.* (2013) destaca que a falta de retorno financeiro desestimula a participação e, com a pressão dos maridos para que permaneçam em casa cuidando da família, essa apresenta-se como causa de evasão. É fácil perceber essa preocupação com a geração de renda também na fala da presidente atual da cooperativa e integrante do MOBI:

Uma coisa que eu acho que atrai também essas mulheres a tá participando, é uma coisa que gere renda. Até mesmo os maridos que reclamam, que vai, ficar participando, acaba gastando para ir e não tem retorno de nada, sabe. Eu acho que a gente pensar, desde o início do grupo MOBI, eu sempre pensei e sempre falei isso pra elas, pras lideranças do grupo MOBI, que é importante a gente conseguir. E outra coisa Juliana, quando a mulher tem o dinheirinho delas e eu estou falando, assim, daquelas mesmo, que não tem mesmo, nem o dinheirinho delas, não tem autonomia em casa pra nada, que depende do marido pra tudo, se elas ficam mais independente financeiramente, não precisa ser muita coisa, elas já começam a ter a outra independência, porque elas mesmas podem tá, não vai depender de dinheiro de marido para tá indo, para tá participando (Alberta).

Assim sendo, ter uma renda própria faz-se importante e está diretamente associado à autonomia e a busca por igualdade de direitos, visto que muitas vezes a mulheres se sentem inibidas por ter que pedir dinheiro aos maridos para a participação, ou mesmo pedir que eles as levassem até o local da reunião. Medeiros e Paulilo (2013) destacam a importância da geração de renda frente aos desafios enfrentados nas formações de grupos como autonomia para a utilização do recurso obtido, oposição no espaço doméstico visto que a nova atividade impõe o rearranjo da divisão do trabalho no interior da família, além de dificuldades de transportes e estradas. Essas dificuldades puderam ser observadas também no que diz respeito a viabilização da participação das mulheres do MOBI que mesmo após todas as conquistas ainda persistem:

Até para sair de casa, já tem que ser muito independente para deixar a casa um dia, por incrível que pareça. Hoje é um dia né, um dia depois de muitos anos, que ainda não é fácil, tem que ter muita superação, contornar muita coisa (Margarida).

Assim, conforme relato das mulheres no começo a busca era por independência e essa busca estava diretamente relacionada à independência financeira e consequente autonomia, pois conforme menciona a presidente da cooperativa, a questão financeira é um dos empecilhos para a participação. Ao realizar as análises, depreende-se que para as mulheres do grupo a independência foi um primeiro passo no percurso das conquistas, existe a percepção por parte delas de que primeiramente necessita-se ter independência para que fosse garantida assim a participação no coletivo, e posteriormente partir para a busca da igualdade.

Ao perguntar a respeito da alteração do nome do grupo de Mulheres Organizadas Buscando a Independência para Mulheres Organizadas Buscando a Igualdade, segue resposta obtida por uma das mulheres que representando a opinião de todas:

E acho, no início, era um desafio, um desejo muito grande de buscar independência, elas se sentiam muito presas, muito oprimidas, nós sentíamos assim. Essa questão independência, dava força para sair, como se estivéssemos oprimidas naquela situação e depois que a gente conquistou espaço, foi conquistando mais espaços, a gente foi percebendo que na verdade não era independência, a gente não queria ser independente dos homens, dos maridos, a gente queria caminhar lado a lado, caminhar juntos, somar forças, e aí decidimos mudar para igualdade (Alberta).

O discurso da presidente da cooperativa reforça a ideia de que primeiramente era necessário a conquista da independência que aconteceu de maneira gradual e simultânea nas diversas áreas de conhecimento dos conhecimentos adquiridos pelas mulheres. Assim sendo, a área de conhecimento da geração de renda constituiu-se uma motivação inicial para começassem a frequentar o grupo, visto que, inicialmente não possuíam independência financeira para participar do grupo. Considerando o contexto rural, as mulheres dependiam dos recursos financeiros dos maridos e familiares para se deslocar até a cidade e participar das reuniões. A partir do momento que conquistaram renda própria, tornaram-se independentes dessa ajuda para participar das reuniões.

A geração de renda como atrativo inicial para a entrada de novos membros e permanência das mulheres do grupo é valorizada por ele, sendo apontada como um dos objetivos do mesmo, conforme consta no Regimento Interno, art. 4º: “*h) Criar oportunidades de geração de renda para as mulheres, por meio de atividades agrícolas e não-agrícolas*” (MOBI, 2014, p. 2).

Conclui-se que a questão econômica é um chamariz, visto que inicialmente as mulheres podem não ter consciência da situação de desigualdade que se encontram ou se sentirem incomodadas, mas não saberem como transformar essa realidade. Essa consciência

constituiu-se um aprendizado adquirido no decorrer do convívio coletivo e das práticas educativas realizadas visando instigar a reflexão crítica e conseqüentemente levar à luta pelos direitos.

#### **4.2.2 Alimentação e cuidado familiar**

O processo de aprendizagem do grupo MOBI, conforme demonstrado no item anterior iniciou-se com atividades de geração de renda, sendo esse o pontapé inicial para garantir a importância dessas mulheres enquanto mulheres que saem de casa para participar das atividades do grupo.

Na fase inicial do grupo, juntamente às práticas de aprendizagem que gerassem renda, outra área de conhecimento que foi destacada por meio da análise dos dados coletados foi a área de conhecimento da alimentação e do cuidado familiar. Os interesses por cursos voltados para essa área do conhecimento aconteceram sobretudo nos anos iniciais da atuação do grupo, entre 2006 e 2010.

Na divisão sexual do trabalho cabe às mulheres o cuidado familiar e também o cuidado alimentar. Essa divisão histórica de papéis pode ser observada na fala que segue: *“Não adianta a gente falar que..., tem casos de mulher que cuida da sogra, da mãe, cuida de tudo”*. (Joana). Nota-se nessa fala a sobrecarga das atividades de cuidado na vida dessas mulheres que, conforme mencionado cuidam de tudo, sendo que normalmente as atividades relacionadas ao cuidado não são remuneradas. A esse respeito Sorj (2008) argumenta que a manutenção das desigualdades de gênero no âmbito do trabalho é ao mesmo tempo causa e consequência do volume desproporcional de trabalho não pago realizado pelas mulheres.

O levantamento das atividades realizadas demonstrou que não houve projeto de extensão e palestras nesta área de conhecimento no decorrer da trajetória do grupo, por outro lado houve uma predominância de cursos, dentre os quais é possível citar culinária, picles, doces, arranjo floral, paisagismo, pintura e corte e costura. Nesse período inicial, estiveram presentes as instituições ONG Sapucaí e Senar que apoiaram na realização dos cursos.

Esses cursos foram atrativos iniciais e alavancaram as atividades do grupo, entretanto a escolha dos mesmos evidencia resultados de um sistema cultural tradicional ainda vigente no meio rural marcado pela divisão sexual do trabalho. Tedeschi (2004) alerta a respeito de que a educação passada de geração a geração cria uma imagem feminina voltada para a família, situando a mulher num plano de desigualdade em relação ao homem.

Considerando o meio rural marcado pela divisão de tarefas que acontece em função do sexo de quem as executa, as mulheres normalmente são responsáveis pelo cuidado da casa, alimentação, pelos filhos e “ajudam” o marido na lavoura. Nesse sentido, é responsabilidade da mulher a alimentação da família e os cuidados com a mesma, isso justifica a escolha dos cursos ligados à essa área de conhecimento na fase inicial do grupo.

Verificou-se que as mulheres do grupo valorizam tais formações e consideram que foram importantes para que aprendessem práticas diversas que as auxiliam no âmbito familiar, isso foi evidenciado na fala abaixo quando é tratado a respeito do curso de culinária:

Esse que a gente acabou de fazer (culinária) foi muito bom, eu já fiz vários cursos de culinária também, aprender a melhorar a alimentação, manejo, eu consigo hoje fazer quitandas com os cursos que eu já fiz, então foi muito bom (Rose).

Assim sendo, percebe-se influência das tradições repassadas nessas escolhas, revelando a influência do meio social e histórico que essas mulheres vivem e que foram educadas. Essa constatação vai ao encontro do entendimento de Tedeschi (2004) de que uma das raízes da desigualdade de gênero estão na educação.

Os cursos realizados e as oficinas realizadas por meio do projeto HortMOBI no âmbito da alimentação revelam uma preocupação com duas áreas de conhecimento, sendo elas a geração de renda e preocupação com a segurança alimentar. De acordo com Altafin (2007), a segurança alimentar constitui-se como um dos papéis estratégicos da Agricultura Familiar na economia brasileira.

Entretanto, as discussões ocorridas no decorrer desses cursos levaram ao desenvolvimento e construção conjunta do conhecimento pelas participantes para novas propostas, levando a uma mudança de perspectiva e nas especificidades dos cursos escolhidos, passando a escolhas de ações da área de conhecimento agrícola, da participação coletiva e desenvolvimento pessoal e meio ambiente.

Diante disso, percebe-se que as práticas de aprendizagens acontecidas no decorrer desses anos fomentaram o desenvolvimento dessas mulheres e revelaram comprometimento com as realidades e necessidades do grupo. Foi revelada uma combinação que promoveu ações de mudança no ambiente cultural e educacional preexistente.

Diante do exposto, verifica-se que as atividades realizadas no âmbito da alimentação e cuidado familiar, juntamente com as atividades realizadas no âmbito da geração de renda constituíram-se como sendo a introdução ao processo e organização coletiva do grupo.

Embora essa primeira fase tenha sido marcada pela realização de cursos reforçavam o papel da mulher vinculado ao cuidado da casa, tais atividades se mostraram relevantes para que a formação do grupo acontecesse. Se esses cursos não tivessem acontecido, talvez essas mulheres não se uniriam e não constituíram o grupo.

Além do exposto, destaca-se a formação religiosa e as relações familiares arraigadas às mulheres do grupo que poderiam não permitir que elas se reunissem para tratar de igualdade de gênero e conseqüentemente lutar por maior espaço e visibilidade dentro não só na cooperativa, mas também em outros espaços como o familiar.

#### **4.2.3 Participação coletiva e desenvolvimento pessoal**

No decorrer da caminhada do grupo, paralelamente aos cursos realizados debates acerca de temas direcionados às mulheres foram introduzidos, discussões acerca da temática da igualdade de gênero foram realizados. Tais discussões e aprendizados levaram às mulheres do grupo a desenvolverem não só individualmente, mas também como coletivo.

A formação de coletivos é apontada por Medeiros e Paulilo (2013) como estratégia de resistência tanto a uma situação de subordinação que é vivida, enquanto mulheres, em relação ao poder masculino, quanto a um modelo produtivo dominante. No decorrer da trajetória do grupo, saberes foram sendo constituídos por meios de práticas diversas realizadas, dentre esses saberes destaca-se a valorização e reconhecimento da importância da participação coletiva para a superação de condições opressoras vivenciadas. A não aceitação da situação vigente e a percepção de que para haver mudança não deve haver resignação são revelados nas falas das mulheres entrevistadas:

O que eu acho interessante, quando você fala que diferente de outros grupos, você tem razão de falar, porque assim, cá entre nós, porque esse grupo é de resistência, porque ele vê primeiro e ele entende (Margarida).

Nota-se que os processos vivenciados pelo grupo conduziram à conscientização de que o coletivo proporciona oportunidade de ter voz e conquistar novos espaços. Na fala acima é revelado o posicionamento das mulheres frente a que é imposto, não aceitar sem entender, não ter medo de não concordar.

Bruno *et al.* (2013) ao tratar da motivação de mulheres para participar de grupos produtivos destacam que não se restringe apenas a motivações de ordem econômica. Conforme aponta os autores, tão importante quanto a melhoria da renda familiar e obter

independência financeira é estreitar laços de sociabilidade, fortalecida pelo convívio e pela união para enfrentar as adversidades. Essa perspectiva foi evidenciada nas falas das mulheres do grupo MOBI tanto nos grupos focais quanto nas entrevistas, momentos em que foi exaltada a força do coletivo e a força da união, conforme trechos que se seguem:

O que eu aprendi com o MOBI foi a força que o coletivo tem, porque sem ele não teria nada, talvez não nada, mas muito menos do que se tem de representatividade dentro da cooperativa se não fosse o MOBI. Talvez, poderia até ter vindo, mas ia demorar mais (Paula).

A primeira coisa que a gente fez foi dar as mãos em busca do propósito do que queríamos porque se agente não se reunisse e não tivesse aquele propósito, igual falei com a (Joana), ser fiel ao horário daquele compromisso. Porque a gente não vai conseguir nada sem a união e ser fiel ao propósito (Dona Celina).

Conforme Bruno *et al.* (2013), a organização de mulheres em grupos contribui para que as mesmas reflitam a respeito da sua própria condição e descubram que são capazes de assumir uma atividade produtiva, fornecendo elementos simbólicos para que passem a perceber e questionar as desigualdades de gênero.

O posicionamento dos autores vai ao encontro dos resultados obtidos no projeto de extensão que visava o fortalecimento da identidade do grupo MOBI. No decorrer da execução do mesmo no grupo, de maneira participativa e reflexiva, conseguiu fortalecer sua identidade, tomar consciência sobre os objetivos e o sentido da existência enquanto coletivo de mulheres. Ficou perceptível as contribuições das ações coletivas para essa tomada de consciência, processo que seria mais difícil enquanto agricultoras individuais.

A colocação dos autores dialoga também com a entrevista da presidente da COOPFAM. A presidente ao discorrer a respeito da conquista da presidência, não só dela, mas de todas as mulheres da cooperativa, sendo representadas por uma presidente, destaca como o grupo contribuiu para que ela assumisse tão importante cargo estratégico na cooperativa.

E aí a primeira coisa que eu aprendi é que a união faz a força e que quando as mulheres, poucas mulheres que se reuniram no início. Eu fiz parte desse grupo no início, a gente se sentiu muito mais forte e com mais coragem né, porque às vezes a gente, principalmente a gente que é dona de casa, do meio rural, às vezes a gente se sente tão incapaz né e geralmente com uma baixa auto estima, o que eu posso fazer, eu não estudei, eu não me formei pra nada, não vai ter como eu buscar nenhum espaço né, no social, na cooperativa. Aí

quando a gente reuniu, a gente aprendeu muito a força da união, do grupo, de tá (sic) junto (Alberta).

Essas mulheres concebem esse momento que estão vivendo como um sonho, um desejo alcançado. Conforme Bruno (2013), o grupo produtivo representa a conquista de certa autonomia e liberdade, que foram sendo adiadas por diversas circunstâncias. Essa sede de conquistas represadas pelas circunstâncias da vida pode ser observada novamente na fala da atual presidente da COOPFAM:

[...] antes eu tinha todos aqueles sonhos, sabe, aqueles objetivos, de fazer alguma coisa, de sair, eh, não que eu não valorizasse o trabalho de dona de casa, de ser mãe, claro que isso vem em primeiro lugar, mas para mim isso era muito pouco sabe, eu não queria passar minha vida só com isso. E aí, eu não tinha nenhuma, assim, onde buscar isso, nenhuma... eh... eu não sei a palavra, onde eu buscar essas força (sic), eh essa, aí esse trabalho de grupo me deu muita força, que juntas, unidas ali, a gente podia realizar muita coisa juntas no grupo (Alberta).

Dessa maneira, é possível notar as contribuições do aprendizado da participação coletiva nas trajetórias dessas mulheres, tanto em seu percurso individual como na família e no espaço público. Os aprendizados adquiridos nos espaços convívio coletivos contribuíram também para o desenvolvimento pessoal dessas mulheres que através da força do coletivo passaram a sentir mais capazes, venciam barreiras como a timidez, baixa autoestima e passavam a valorizar seu trabalho enquanto mulheres rurais e trabalhadoras do café.

Eu acho que soma muito, eu sempre converso que eu acho diferente porque na sociedade as pessoas são muito individualistas, querem pra si e esconder, como aquelas cozinheiras que tem ciúme das receitas e não querem passar. E eu achei que aqui vocês estão dispostas a ensinar e melhorar o outro, foi o que me despertou o interesse de querer participar e conhecer o projeto (grupo MOBI) e acabou que somou muito mais, que eu vi um coletivo de mulheres diferentes, de mulheres como tem que ser, unido, e não assim, vocês estão aqui para dividir compartilhar, ensinar. Para falar a verdade é outro mundo o MOBI (Marta).

O trecho acima foi retirado da fala da última mulher que havia se ingressado no grupo, ela havia se ingressado há menos de um ano quando da realização da pesquisa. Porém, mesmo tendo pouco tempo de participação, é possível perceber em seu discurso a valorização do compartilhamento do conhecimento, da união do coletivo para a transformação. Assim, essa visão alinha-se à concepção da educação social proposta por Machado (2013) em que

construção de conhecimento, a transformação da realidade e a emancipação acontece através da conscientização crítica dos fatos do cotidiano.

Assim, essa vivência constitui-se como um aprendizado de vida para as mulheres tanto no espaço público como no doméstico que estão interligados e se misturam, sendo que o coletivo caminha paralelamente ao individual. Conforme Bruno *et al.* (2013) um grupo, muitas vezes, é visto como lugar de maior autonomia e espaço de liberdade para se reunir, “aprender a falar”, “saber como lidar com o dinheiro”.

A primeira coisa foi mesmo melhorar a timidez, aprender a conviver, aprender a falar. Foi muito bom pra (sic) mim (Rose).

Com relação ao desenvolvimento pessoal, foi possível perceber as contribuições de cursos tais como Psicologia, informática, liderança, liderança para mulheres, administração e autoestima da mulher no campo. A convivência coletiva contribuiu não só para que aprendessem uma prática nova, mas também para vencer barreiras individuais, isso pode ser percebido nos relatos que seguem:

Eu para mim, essa reunião de mulheres do grupo MOBI foi a coisa melhor do mundo, eu não saia de casa, eu não sabia andar nem aqui no Poço Fundo (Maria Ernestina).

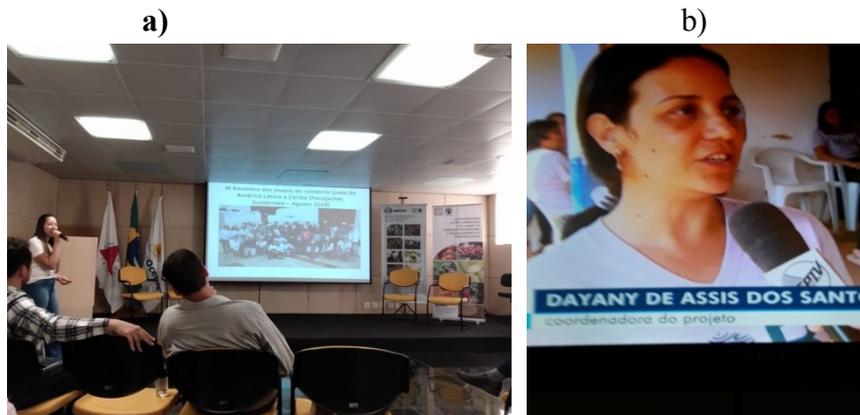
Um exemplo disso é a Aline, um dia ela falou assim: Nossa, muito obrigada por me convidar para esse grupo, porque nesse grupo eu aprendi a ser gente, porque eu não me sentia gente. Ela precisou sair do grupo, mas até hoje ela fala que de todas as experiências que ela teve, que igual ao MOBI não teve (Zilda).

Por meio dos relatos acima, depreende-se que sair de casa, com todas as adversidades e empecilhos que enfrentam para participar da reunião já representa uma conquista pessoal. As atividades realizadas contribuíram para que essas mulheres passassem de uma situação de mulher tímida que não saia de casa para mulheres participantes do grupo MOBI que venceram ou estão vencendo a timidez e já são capazes de representar a Cooperativa até mesmo em eventos internacionais e dar entrevistas para mídias diversas.

Diante disso, percebe-se por meio da atuação dessas mulheres no espaço público que elas venceram barreiras tais como a timidez e baixa autoestima, levando-as a desenvolver-se fora do espaço privado. As imagens que seguem demonstram uma atuação confiante de membros do grupo, sendo a primeira figura correspondente a um evento internacional na

Guatemala em que uma das mulheres do grupo realizou apresentação e a segundo entrevista dada à EPTV:

Figura 6 - Mulher do MOBI em evento internacional na Guatemala e Coordenadora do MOBI dando entrevista para repórter da EPTV.



Fonte: MOBI

Ressalta-se que conquistas pessoais e coletivas diversas foram acontecendo nas entrelinhas das atividades realizadas. No decorrer dos relatos foi possível notar a satisfação pessoal de cada mulher ao relatar que a participação no grupo trouxe para elas maior autonomia, se tornaram mais desinibidas, aprenderam dirigir e tiraram carteiras de motoristas, isso além da conscientização da condição desigual e de invisibilidade que viviam. Assim sendo, as diversas atividades realizadas levaram à construção de um olhar crítico das mulheres em relação à percepção sobre desigualdade de gênero. Medeiros e Paulilo (2013) evidenciam que essa percepção se dá através da participação de mulheres em grupos incentivadores de uma prática democrática.

Na análise dos relatos das participantes, é possível perceber a relevância do grupo em suas vidas, pois este estimula o crescimento individual a partir do coletivo, e do coletivo a partir do individual, enquanto mulheres que se organizaram e buscam a igualdade através do reconhecimento do seu trabalho enquanto agricultoras familiares.

Diante do exposto, entende-se que o envolvimento coletivo gerou um amadurecimento das mulheres que fortaleceu as mesmas para enfrentar as desigualdades. Além disso, esse amadurecimento conquistado ao longo do percurso levou às mesmas a um maior direcionamento das atividades realizadas para a produção do café.

#### 4.2.4 Agricultura

Dentre os três conjuntos que, de acordo com Picolotto (2014), promoveram a construção da categoria Agricultura Familiar está a organização dos próprios agricultores que tem identificado nessa categoria seu projeto de agricultura e identidade política. Essa organização de agricultores, a fim de reivindicar inclusão no desenvolvimento do país, contribui também para transformar a visão pejorativa atribuída ao trabalhador rural, que conforme Martins (1981) era tido como roceiro, caipira e com pouca instrução. Diante disso, a organização dessa categoria conduziu a uma maior valorização no âmbito social, econômico e ambiental, além de dar visibilidade ao trabalho rural realizado.

Considerando que as mulheres do grupo MOBI possuem sua trajetória individual e coletiva inserida no âmbito da Agricultura Familiar, se veem em um contexto duplo de exclusão, como agricultoras familiares e mulheres rurais. Apesar da atuação e capacitação efetivas no âmbito da agricultura, sobretudo na produção de café, conforme pode ser observado nas imagens abaixo, possuem trajetória marcada pela busca pelo reconhecimento e valorização do trabalho delas, interna e externamente.

Figura 7 - Participação da mulheres em dia de campo e visita de verificação.



Fonte: MOBI

Enquanto mulheres rurais não viam seu trabalho sendo reconhecido e valorizado. Nascidas no meio rural, iniciaram seu percurso “ajudando” a família na lavoura, posteriormente, depois de se casarem, passaram a “ajudar” o marido. Paulilo (1987) atenta-se para essa relação em que o trabalho da mulher rural é considerado ajuda ou trabalho “leve” e muitas vezes a remuneração é baixa ou mesmo a mulher não é diretamente remunerada por esse trabalho considerado auxílio. Isso foi evidenciado no relato da atual presidente da cooperativa:

O trabalho da mulher no campo é muito importante, tem uma participação muito grande e às vezes fica muito anônimo, escondido e às vezes é entendido só como uma ajudinha, o marido é ajudado pela mulher, mas na verdade, você vê que em muitos casos é a mulher que comanda mesmo, só pelo trabalho ali, meio que escravizada mesmo pelo tanto que trabalha em casa e na roça e não tem valor (Alberta).

De maneira geral, as mulheres que hoje compõem o MOBI, trabalhavam na lavoura, porém não possuíam cotas na cooperativa, não participavam da etapa de comercialização, em muitos casos das decisões de gestão da propriedade e nem mesmo das decisões estratégicas dentro da cooperativa, sendo, conforme relato acima, encarado como ajuda.

A presidente da COOPFAM e integrante do grupo MOBI em entrevista concedida para uma notícia intitulada “Produtora de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa” e publicada no site do Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento, em 06 de outubro de 2019, trata da falta confiança que enfrentou quando assumiu a presidência. A presidente relatou que *“sofreu resistência não somente por ser mulher, mas por duvidarem de sua capacidade de autonomia nos processos de tomada de decisões”*. Essa situação condiz com a situação da invisibilidade do trabalho da mulher rural retratada por Paulilo (1987) em que a mulher rural não é muitas vezes considerada capaz para tomar decisões, embora faça parte do processo e produção.

Conforme já mencionado, o grupo nasceu com o intuito de romper com a tradição que mantinha o trabalho das agricultoras sem reconhecimento, considerado apenas como ajuda, sem retorno financeiro e sem visibilidade. Essa posição de ajudante da família da lavoura, conforme apontado por Paulilo (1987) é muitas vezes comum no meio rural. Dessa maneira, buscou-se a valorização dessas mulheres no segmento agrícola em que estavam inseridas: o café.

Muitas práticas educativas foram realizadas na área de conhecimento agrícola e contribuíram para as conquistas obtidas pelo grupo, sobretudo no que diz respeito ao café, diversos aprendizados foram construídos. Essas contribuições partiram de práticas educativas tais como cursos, palestras, projetos e troca de experiências em dias de campo.

Com relação aos cursos, verificou-se que na área de conhecimento da agricultura é onde se encontram em maior número, comparando-se às outras áreas de conhecimento. Eles passaram a acontecer em maior número a partir do ano de 2014, revelando um foco na área por parte das mulheres do grupo a partir desse ano. Os cursos realizados na área agrícola foram: processamento do café, qualidade do café no pós - colheita, derivados do leite, custos de produção, comercialização, prova de café, classificação e sensorial de café.

Além dos cursos citados, verificou-se a presença de projetos de extensão nesse âmbito: projeto de implantação de unidades de cultivo de flores em comunidades de mulheres associadas à COOPFAM e projeto de certificação participativa para unidades produtoras de rosas orgânicas do grupo de mulheres rurais do município de Poço Fundo - MG.

Com relação ao Projeto de Certificação Participativa para Unidades Produtoras de Rosas Orgânicas do grupo de Mulheres Rurais do Município de Poço Fundo, MG, fomentado pelo CNPQ, o coordenador relata que além da certificação que consistiu na obtenção do Selo de Conformidade Orgânica das Unidades de Produção de Rosas, que foi o principal objetivo, ele proporcionou também maior valor agregado à produção de rosas. De acordo com ele, além dos momentos de capacitação proporcionados que culminaram na melhoria da qualidade das rosas produzidas, as flores certificadas ganharam visibilidade mercadológica e passaram a ser mais valorizadas. Ele relatou ainda que o projeto proporcionou promoção de momentos de capacitações por meio de visitas a outras propriedades de produção de rosas e mercados de comercialização e ainda criou mecanismos de empoderamento das mulheres participantes do projeto. Finalmente, destacou que percebeu o fortalecimento do grupo MOBI e a sua maior valorização, tornando as mulheres mais empoderadas e com maiores condições para a tomada de decisões cotidianas, seja diante das dificuldades encontradas nas unidades de produção, seja nas articulações e atividades em grupo.

Com relação ao projeto Implantação de unidade de cultivo de flores em comunidade de mulheres associadas à COOPFAM, a coordenadora destacou a habilidade das mulheres do grupo para o trabalho com agricultura e apontou a floricultura como uma alternativa para o período entre safra, pois, de acordo com ela em pequenas áreas é capaz de gerar uma renda que melhore padrão de vida dessas mulheres diversificando a produção e aumentando a renda nas pequenas propriedades. Ela destaca ainda a melhora da autoestima no decorrer do trabalho com flores.

No decorrer do percurso de aprendizagem construída pelo grupo, os resultados começaram a surgir. Mulheres que muitas vezes nem sequer frequentavam a cidade, passaram a compor um núcleo da Cooperativa, a possuir cota, a possuir uma lavoura própria e uma marca própria de café. O processo que levou a essas conquistas significou um universo de aprendizados no âmbito da agricultura que refletiram na produção do Café Feminino Familiar da terra e reconhecimento e visibilidade das mesmas enquanto agricultoras familiares.

A criação do Café Feminino em 2007 teve grande relevância na trajetória do grupo, embora a marca seja domínio da cooperativa e não do grupo. Hirata (2019, no prelo) ressalta que as mulheres do MOBI, desde o início, se apropriaram e deram o verdadeiro sentido à

marca. Ainda de acordo com ela, foram criadas normas e regimento para uso da marca Café Feminino, preservando e garantindo que só fosse utilizada por mulheres envolvidas na produção de café. “Em seu primeiro regimento, o direito de usar a marca Café Feminino estava restrito às agricultoras cooperadas, participantes do MOBI e com produção orgânica certificada” (HIRATA, 2019, no prelo).

Foi possível perceber que além gerar renda, esse café busca dar visibilidade ao trabalho das produtoras hoje presentes em todas as etapas de produção: gestão, comercialização, semeadura e colheita. Um passo importante para o grupo foi a conquista do direito de decidir sobre as normas do seu principal produto, o Café Feminino, que antes era uma decisão na assembleia geral da COOPFAM, composta majoritariamente por homens que desconheciam a luta e atividades do MOBI. Essa conquista se deu no decorrer da execução do projeto de extensão de fortalecimento do grupo, podendo ser considerada um dos resultados das ações acontecidas no decorrer de sua execução.

Há que ressaltar que 10% do valor do café que segue para torrefação é destinado ao grupo MOBI e utilizado para projetos sociais e realizações do grupo como viagens técnicas e cursos de capacitação. Isso demonstra a preocupação dessas mulheres com os aprendizados coletivos e a importância do fortalecimento do mesmo por meio dos projetos e cursos realizados. Essa postura vai ao encontro aos preceitos da Pedagogia Social e educação popular que se interessam pelo processo de organização das pessoas para produzir e viver as experiências criadoras do conhecimento e desenvolvem estratégias de educação que promovem a cidadania e incentivam a participação e emancipação.

No decorrer do tempo, mediante ao percurso de aprendizagem adquirido no grupo, seja através dos cursos realizados, seja através do apoio do coletivo, foram alcançadas conquistas que resultaram em uma cota na cooperativa, em uma maior participação na gestão e comercialização do café. A trajetória de aprendizado do grupo aconteceu gradualmente de maneira que os diversos aprendizados adquiridos pelo grupo influenciaram no reconhecimento do Café Feminino no mercado e do trabalho que essas mulheres rurais possuem hoje.

As atividades realizadas trouxeram discussões de temas fundamentais tais como a importância da mulher rural, autonomia das mesmas e igualdade de gênero. Tais discussões contribuíram para as conquistas alcançadas na trajetória do grupo e representaram uma melhor compreensão da importância da mulher rural e valorização dos conhecimentos locais, como pode ser observado nos relatos que seguem:

Eu aprendi muito com cursos, com formações, a gente aprendeu muito que a gente pode né, a gente tem muito valor, o trabalho rural tem que ser muito valorizado (Alberta).

O curso não pode também, não pode desprezar o que a pessoa já sabe, tudo o que você sabe não serve de nada e agora vou te ensinar a única forma certa que existe no mundo de fazer isso, nem de liderança de qualquer coisa. Existem muitos jeitos de fazer aquilo (Paula).

Por meio dos relatos acima, percebe-se que durante o percurso do grupo houve uma construção de novos saberes, havendo mudanças na caracterização do trabalho da mulher apenas como ajuda. De acordo com Tedeschi (2004) uma das raízes da desigualdade de gênero está na educação, nesse contexto, as práticas educativas realizadas por essas mulheres veem contribuindo para transformar essa educação que cria a imagem feminina voltada para a família e situando-a em um plano de desigualdade em relação ao homem. Assim sendo, por meio das formações realizadas, o grupo vem alterando o sistema cultura tradicional e conscientizando as mulheres da importância do seu conhecimento e do seu trabalho.

Até o ano de 2018, o Café Feminino era comercializado apenas na versão orgânica, entretanto nesse ano, o reconhecimento e valorização da marca no mercado gerou demanda pelo uso da marca por famílias cooperadas e pelo próprio mercado. Diante disso, a cooperativa propôs ampliar o direito de uso da marca às outras cooperadas não integrantes do grupo MOBI e produtoras do café convencional.

Conforme Hirata (2019, no prelo), essa decisão inicialmente gerou descontentamento sobretudo nas pioneiras do grupo, por haver um regimento criado que estava sendo desconsiderado. “Essa situação proporcionou a reflexão sobre o sentido da marca Café Feminino. Enquanto a COOPFAM tratava como uma marca, para o MOBI era quase uma identidade do grupo” (HIRATA, 2019, no prelo).

Essa proposta, até ser aprovada, gerou divergências dentro do grupo. A discussão sobre a criação ou não dessa nova modalidade do café dividiu opiniões e gerou conflitos do grupo com a cooperativa. Após debates, chegou-se ao consenso de que a ampliação poderia beneficiar mais mulheres que mesmo não participando do MOBI mereciam o reconhecimento do seu trabalho.

A aceitação veio com uma solicitação que fossem estabelecidas ações de controle social para garantir que somente agricultoras, de fato, envolvidas na cadeia produtiva do café, pudessem usar a marca. Assim, inspirado na metodologia utilizada para a certificação participativa dos produtos

orgânicos, foi construída a proposta da criação da certificação participativa do Café Feminino. (HIRATA, 2019, no prelo).

Diante disso, a certificação do Café Feminino surge como uma maneira de garantir que apenas as mulheres envolvidas na produção pudessem utilizar a marca e ainda de assegurar que outras mulheres envolvidas com a produção de café não orgânico pudessem utilizar a marca. Destaca-se ainda que o processo de certificação do Café Feminino conta com visitas de certificação, promovendo a interação e trocas de experiências entre as mesmas.

A problemática da criação do Café Feminino não orgânico revela um ganho de autonomia por parte do grupo, visto que o mesmo assumiu uma postura de resistência frente à decisão da cooperativa. No processo de decisão a respeito da criação ou não do café, foi possível notar uma gama de aprendizados que ocorreram diante dessa tomada de decisão:

Por causa dessa questão do café sustentável feminino sabe, chegou num ponto que falaram vai ter pronto acabou e as mulheres falaram não não vai ter, aí ficava toda reunião falando disso. E foi muita briga de vai ter, num vai ter. Até que chegou num consenso, que mesmo assim foi um consenso meio torto desgastou muito, teve umas que não quiseram posicionar, as que concordavam demais não queria vir na reunião mais, as que discordavam demais também não queriam vir na reunião mais (sic), não dava tempo de fazer outras coisas, não dava tempo de pensar em outras coisas (Paula).

Conforme o relato acima, percebe-se que a decisão pela criação do Café não orgânico não se deu de maneira pacífica, os conflitos ocorridos no âmbito da agricultura levaram a aprendizados como gestão de conflitos, tanto interno ao grupo como externo ao grupo, flexibilidade e autonomia por parte do grupo para resistir à decisão da cooperativa.

Eu defini a última coisa que aprendi em uma palavra, ser flexível, principalmente nos últimos dias, até mesmo com relação ao café feminino convencional, não adiantava nós fecharmos o grupo, nós já é (sic) visada como um grupo fechado, nunca foi, mas é visado assim. A palavra que eu defino é flexível, é a última lição. Não não tivesse sido flexível, não seria bom pra (sic) gente e nem para o grupo e nem para a cooperativa. O que seria um grupo dentro da cooperativa que não entrava no projeto da cooperativa (Zilda).

Deferida a criação do café convencional pelo grupo, condicionada ao estabelecimento de ações de controle e garantia de que o café estivesse sendo produzido por mulheres, passou-se então à construção da proposta da Certificação do Café Feminino.

Para que fosse criada uma proposta de certificação, foram realizadas reuniões e atividades diversas para a criação dos procedimentos e protocolos da certificação. Dentre as

atividades realizadas, destaca-se uma que demonstrou o envolvimento das cooperadas em cada ciclo da cadeia produtiva do café. Essa atividade realizada no Dia Internacional da Mulher, em 2019, as cooperadas presentes, produtoras do Café Feminino Orgânico ou não, se manifestaram colocando adesivos coloridos nas atividades em que estavam presentes do ciclo do café.

Esta fase da atividade teve como objetivo de identificar em que fases do processo produtivo do café as mulheres se fazem mais presentes. Participaram 21 mulheres desta atividade, sendo a mesma coordenada por dois servidores do IFSULDEMINAS: Aloisia Rodrigues Hirata e Luiz Carlos Dias Rocha, na ocasião do Dia Internacional da Mulher no ano de 2019. Seguem imagens abaixo dos resultados da atividade proposta realizada:

Figura 8 - Participação das mulheres em cada etapa do ciclo do café.

| PLANTIO                          |  |    | MANEJO E CONDUÇÃO                               |  |    |
|----------------------------------|--|----|---|--|----|
| Escolha da área para o plantio   |  | 13 | Monitoramento de incidência de pragas e doenças |  | 21 |
| Coleta de solo para análise      |  | 9  | Pulverização para controle de pragas e doenças? |  | 9  |
| Escolha da variedade             |  | 12 | Desbrota  |  | 17 |
| Produção de mudas                |  | 10 | Poda  |  | 7  |
| Preparo do solo para o plantio   |  | 8  | Calagem e adubação                              |  | 11 |
| Alinhamento do café              |  | 9  | Roçada/Capina e limpeza das ruas                |  | 9  |
| Abertura dos berços para plantio |  | 9  | Produção de insumos                             |  | 9  |
| Calagem e adubação dos berços    |  | 13 |   |  |    |
| Plantio das mudas                |  | 20 |   |  |    |

| COMERCIALIZAÇÃO E GESTÃO                              |  |    | ENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO            |  |    |
|---|--|----|--|--|----|
| Confere e acompanha a qualidade da bebida             |  | 21 | Reunião de Núcleo                      |  | 20 |
| Acompanha o mercado (Dólar) e decide a hora de vender |  | 20 | Assembleia                             |  | 21 |
| Gera e assina a nota de venda                         |  | 18 | Cursos e eventos para formação técnica |  | 17 |
| Compra de equipamentos/insumos                        |  | 17 | Participação no MOBI                   |  | 13 |
| Decisão sobre o plantio                               |  | 20 | Eventos, confraternização              |  | 16 |
| Decisão sobre as práticas de manejo                   |  | 16 | Participação como expositora em feiras |  | 10 |
| Decisão sobre a colheita                              |  | 21 | Recepção de visitas                    |  | 16 |
| Contratação e orientação de pessoal (mão-de-obra)     |  | 10 |  |  |    |
| Anotações em relação ao controle de gastos            |  | 21 |  |  |    |
| Anotações referentes as atividades no campo           |  | 19 |  |  |    |

Fonte: Hirata, 2019.

Essa atividade contribuiu para que essas mulheres tivessem um olhar de maneira geral sobre as atividades realizadas por elas mesmas e as respostas e discussão posterior levaram à afirmação de que Café Feminino é o café produzido por mulheres. Além disso, provocou reflexões a respeito da presença ou não em cada etapa e necessidades de capacitação e melhoramentos. De acordo com Hirata (2018), com maior ou menor participação, as mulheres produtoras do Café Feminino estão presentes em todas as etapas do processo produtivo, são responsáveis pela gestão e participam ativamente das atividades coletivas da cooperativa.

Conforme demonstra a imagem, a atividade foi dividida em quatro etapas, sendo elas: plantio, manejo e condução, comercialização e gestão e envolvimento e participação. Foi possível observar uma presença maior na etapa de gestão e comercialização e menor na etapa do plantio e manejo. De acordo com Hirata (2019, no prelo), isso se justifica pelo tipo de serviço que, para algumas, é considerado pesado, pelo fato de se tratar de cafezais novos e muitos manejos, como a poda, ainda não foi realizado, e ainda pelo fato de pelo menos uma delas ter adquirido o café já plantado.

Dentro de cada etapa, verificou-se ainda uma menor ou maior presença de mulheres em atividades específicas. No plantio, observou-se grande número de mulheres presentes no plantio de mudas e um pequeno número de mulheres presentes na etapa de preparação do solo para o plantio e para análise. No manejo e condução, verificou-se menor presença de mulheres na pulverização para controle de pragas e doenças e maior presença no monitoramento de incidência de pragas e doenças. Na comercialização e gestão, verificou-se maior presença na conferência e acompanhamento da qualidade da bebida e anotações em relação ao controle de gastos e menor presença na contratação e orientação de pessoal. Com relação à última etapa, verificou-se maior presença nas reuniões e assembleias e menor presença na participação como expositoras e feiras.

Os resultados da imagem acima demonstram que no decorrer da trajetória do grupo, aconteceram conquistas e transformação da realidade vivida pelo grupo, isso foi evidenciado com a grande participação delas nas etapas de comercialização e gestão, atividades muitas vezes restritas ao meio masculino.

Apesar mudanças conquistadas, ainda possuem barreiras a serem vencidas como por exemplo a participação como expositores em feiras. Os cuidados com a casa e os filhos constitui-se ainda um obstáculo para que isso aconteça, conforme relato que segue:

A gente não consegue participar muito de feiras. Não adianta a gente falar que..., tem casos de mulher que cuida da sogra, da mãe, cuida de tudo. Acho que um dos pedidos do grupo é ter mais mulheres em feiras, de acordo com

aquilo que a gente consegue acompanhar. [...] É as limitações que as mulheres tem, mas uma feira internacional você vai ter que ir e ficar 10, 15 dias. [...] Hoje por exemplo a Rose está em uma condição favorável para participar de feira. O filho dela é casado, então, assim, vai da limitação de cada uma participar daquilo que consegue mais por perto (Joana).

No relato acima nota-se que, embora muitas conquistas já terem sido alcançadas no âmbito da agricultura, existem ainda obstáculos para o crescimento das mulheres na área que surgem em virtude da divisão sexual do trabalho que conforme destaca Salvaro (2014), estabelece papéis diferentes para homens e mulheres.

Com relação ao aprendizado adquirido com relação à agricultura, percebe-se que as mulheres passaram a valorizar mais seus conhecimentos e o trabalho da mulher rural. Além disso, ganharam autonomia no que diz respeito à produção e tomar decisões da produção do café. Isso demonstra mulheres ocupando espaços que historicamente são destinados aos homens e conferindo reconhecimento ao trabalho da mulher no campo, conseqüentemente, ganhando credibilidade junto aos clientes e cooperados.

Diante do exposto, nota-se que a aprendizagem do grupo se constituiu como um ciclo, um ciclo em que uma aprendizagem influenciou e era influenciada por outras resultando em uma visibilidade positiva para o grupo. Assim sendo acontece em várias direções, uma mulher influencia a outra e ao mesmo tempo é influenciada pela outra. Nesse ciclo de aprendizagem, novas áreas de conhecimento são incorporadas em virtude da ampliação da visão do grupo e do surgimento de novas demandas. Destaca-se nesse âmbito as discussões relativas ao meio ambiente que se fortaleceram com o fortalecimento do Café Feminino Orgânico.

#### **4.2.5 Meio ambiente**

Conforme já mencionado, as mulheres do grupo MOBI estão inseridas no contexto da AF, contexto esse que de acordo com Abramovay (1998) constitui-se em uma forma viável de desenvolvimento que propicia, além de melhores condições de vida e luta contra a pobreza, o desenvolvimento sustentável. Diante disso, essas mulheres e agricultoras familiares já traziam consigo a função da preservação ambiental que a AF possui no contexto brasileiro.

A esse respeito Woortmann (1997), afirma que o ambiente natural possui significados distintos para pequenos e grandes proprietários, sendo que para os pequenos proprietários existe uma preocupação com a preservação ambiental como parte do espaço de trabalho ou mesmo a utilização dos recursos naturais apenas à medida das necessidades de reprodução social.

Inseridas na Agricultura Familiar orgânica se desenvolve em uma relação mais equilibrada com o ambiente natural, essas mulheres não visam apenas a produção e os lucros, existe um maior envolvimento para a conservação dos recursos naturais ao utilizar-se de técnicas mais naturais de plantio e manejo, conforme pode ser observado no relato que segue:

A última coisa foi o curso que teve agora do Sebastião Pinheiro, eu até coloquei no grupo o antes e depois da minha couve na horta, que o resultado do que a gente aprendeu lá, foi muito bacana, foi três dias e a gente aprendeu muito. Foi um curso de agricultura orgânica, um curso de aprender a cuidar do solo, chama a saúde do solo. Aprendeu várias coisas que você já tem no sítio a usar para melhorar, as vezes você faz curso e pessoa ensina a usar um monte de coisas que você tem que comprar. Ele não, ele faz um cursos (sic) para te ensinar aproveitar tudo o que já tem no sítio (Rose).

Nesse contexto, a partir da análise da trajetória de aprendizado das agricultoras familiares do grupo MOBI, foram encontradas formações diversas que promoveram discussões a respeito da questão ambiental. Aconteceram dias de campo com discussões no que diz respeito à questão ambiental e palestras tais como reciclagem, importância da água e Investimento na educação dos filhos para se tornarem cidadão preocupados com meio ambiente. Além disso, participaram de projetos de extensão e eventos que trataram a temática como o Encontro Sul Mineiro de Agroecologia e caminhadas agroecológicas.

Nessa dimensão, destacam-se os projetos de extensão: implantação de unidades de cultivo de flores em comunidades de mulheres associadas à COOPFAM e Projeto de Fortalecimento da Identidade do grupo MOBI por meio dos subprodutos do café.

No relatório do primeiro projeto supracitado ficou evidente a preocupação ambiental, nesse documento a coordenadora enfatizou as práticas utilizadas para a boa condução da cultura das rosas, evidenciando o método de irrigação por gotejamento como meio de evitar desperdício e os banhos preventivos com inseticidas biológicos. Ela apontou ainda a implantação das unidades de cultivo como sendo uma nova alternativa produtiva com base agroecológica.

O segundo projeto, conforme consta no relatório da coordenadora, possuía como objetivo desenvolver produtos artesanais aproveitando subprodutos do café, potencializado ações de sustentabilidade com o reaproveitamento de subprodutos da cadeia produtiva do café. De acordo com a coordenadora, o trabalho esteve diretamente relacionado às ações de frentes participativas de uma boa conduta social e sustentável, pois trabalhou o setor econômico com os resíduos que seriam descartados no meio ambiente. No decorrer do

projeto, os resíduos foram transformados em produtos com alto valor agregado e mecanismos de produção e comercialização baseados no comércio justo - *FairTrade*.

Por meio dos relatórios dos coordenadores dos projetos de extensão, nota-se uma busca conjunta do controle do processo produtivo de modo a conviver de forma pacífica com os ecossistemas naturais, considerados valiosos pelo grupo. Altafin (2007) destaca o saldo positivo da relação da Agricultura Familiar com os recursos naturais quando a mesma está enraizada no meio físico, tendo controle do processo produtivo.

Ficou evidente o engajamento das mulheres do grupo com a conservação ambiental e constatou-se a importância das formações nesse âmbito. Em decorrência disso, o fazer agricultura dessas mulheres vem cumprindo com a função da Agricultura Familiar de preservação dos recursos naturais e buscando sobreviver sem causar danos.

Em se tratando dessas formações acontecidas, foi desenvolvido um processo de conscientização coletiva e mudança de percepção que levou a ações de participação públicas em prol do meio ambiente. As mulheres do grupo passaram a perceber a conservação do meio ambiente como um dever social para a continuidade das gerações. Sendo assim, conforme aponta Brundtland (1991) a conservação da natureza é parte da obrigação moral para com os demais seres vivos e as futuras gerações.

As práticas educativas ocorridas nas diferentes atividades realizadas, embora não seguissem um didática escolar, levaram a uma conscientização crítica e a uma construção conjunta do conhecimento para assim promover transformações. Isso posto, contagiadas pelos aprendizados a respeito da conservação ambiental, as mulheres tornaram a questão ambiental um dos objetivos do grupo. Isso foi regulamentado no regimento interno do grupo, no capítulo I, art. 4º, alínea m “*conscientizar para a preservação ambiental, segurança alimentar e pela sustentabilidade*” (MOBI, 2014, p.2). Essa inclusão revela o compromisso do grupo com a causa e evidencia o papel da educação social para a promoção de transformações.

A partir dos aprendizados nessa área do conhecimento, as mulheres do MOBI, por meio da participação política, buscaram mudanças na área ambiental local. Elas se mobilizaram para a não realização da capina química nas área rural e urbana do município de Poço Fundo, considerando não só a perda da certificação do café orgânico em parte do cafezal, mas também a degradação ambiental e males causados à saúde pela ingestão de

alimentos contaminados pelo glifosato<sup>8</sup>. Bruno *et al.* (2013) percebem a formação de grupos produtivos com espaço de preparação para maior participação política.

Foi em um contexto de insatisfação com as mazelas com o meio ambiente que esse grupo se organizou para banir a capina química realizada pelo serviço municipal. A manifestação desse descontentamento aconteceu no I Encontro Sul Mineiro de Agroecologia. Na ocasião, foram feitas denúncias a respeito do uso de agrotóxicos e desse encontro resultou em uma [moção de repúdio \(em anexo\)](#) a qual foi entregue ao prefeito do município de Poço Fundo, em 25 de abril de 2018, solicitando o fim da capina química.

Diante dessa manifestação, o prefeito local consultou a população local por meio de audiência pública sobre o uso de agrotóxicos herbicidas na limpeza do mato em vias urbanas e rurais que por unanimidade optou pelo fim do uso dos agrotóxicos. Além disso, houve o comprometimento do poder público local quanto a realização de estudos para um programa municipal de redução de agrotóxicos com vistas a tornar a cidade livre de agrotóxicos. O comprometimento das mulheres do grupo, bem como do poder público, fica demonstrado nas figuras que seguem que retratam explanação de uma das mulheres e do prefeito local no dia da referida audiência pública.

Figura 9 - Audiência pública: explanação de representante do MOBI e do Prefeito de Poço Fundo – MG.



Fonte: Alan Tygel, da Campanha Contra os Agrotóxicos.

Disponível em: <https://contraosagrototoxicos.org/prefeitura-de-poco-fundo-mg-decide-nao-usar-mais-agrototoxicos-na-cidade/>. Acesso em: 17 jan. 2020.

<sup>8</sup> O Glifosato, conhecido pela eficiência em eliminar ervas daninhas, é o herbicida mais consumido no mundo. Esse agrotóxico é componente ativo do *Round- Up* da empresa Monsanto e conhecido popularmente como “mata mato”. Ele é comumente utilizado para a realização de capina química no meio rural e urbano, entretanto, pesquisadores já comprovaram os malefícios desse produto indicando a necessidade da sua retirada do mercado.

Diante do exposto, percebeu-se que uma mudança no comportamento social que aconteceu em decorrência dos aprendizados acumulados no decorrer da trajetória do grupo. Capra (2006) destaca que há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores.

Esse aprendizado constituiu-se como meio de promover transformações a fim de buscar coletivamente soluções para problemas ambientais. Além disso, gerou conscientização ambiental, comprometimento com a participação social e promoveu interferências nas decisões políticas. Os aprendizados adquiridos nas atividades diversas realizadas pelo grupo geraram o descontentamento e constituiu-se motivação para a mobilização do grupo que tomou parte no processo de tomada de decisão constituindo assim uma democracia participativa.

Assim, considerando que a Pedagogia Social o Brasil, de acordo com Machado (2012), defende uma educação conscientizada à que proporcione a transformação da realidade, as experiências vivenciadas pelo grupo e criadoras de conhecimento vem se mostrando como estratégias eficazes de educação social. Nessa perspectiva, ninguém só ensina, ensina e aprende, relação entre educador e educando, conforme aponta Freire (ano). Diante disso, no próximo item será exposta essas questões da visibilidade no decorrer do percurso e repercussão externa das atividades realizadas pelas mesmas.

#### **4.2.6 Visibilidade externa**

Conforme já mencionado, o grupo MOBI nasceu nesse contexto de organização para combater desigualdades e invisibilidade do seu trabalho. As mulheres rurais, já inseridas no contexto de exclusão e falta de reconhecimento vivido pela Agricultura Familiar, de acordo com Schmitz e Mota (2010) durante muito tempo foram consideradas irrelevantes para o desenvolvimento rural, vivenciam ainda a invisibilidade e falta de reconhecimento do seu trabalho enquanto agricultoras.

Diante disso, se articularam em busca da valorização e reconhecimento e vem conquistando visibilidade dentro de um espaço predominantemente masculino. Isso foi observado nas análises das 21 reportagens localizadas a respeito da atuação do grupo. As reportagens catalogadas mostram que foram veiculadas informações a respeito do grupo em mídias diversas, como televisão, jornal, revistas e publicações acadêmicas. Os veículos em que as notícias foram publicadas são também diversos: EPTV (Afiliada da rede Globo), jornal O Tempo, jornal Especial Mulher, revista Valente, revista Agro DBO, anais do Congresso de

Agroecologia, anais do Encontro REA, sites do MAPA, da ONU, UOL - Canal rural, Lapada Lapada, *Easycoop e Equator Initiative*.

As temáticas abordadas nas mídias acima relacionadas, concentram-se na questão de gênero<sup>9</sup> e da produção orgânica, sobretudo na primeira temática a qual é abordada na maioria das reportagens. Com relação à produção orgânica, normalmente é enaltecida a questão da produção do Café Orgânico Feminino ou da produção de rosas. Nessas reportagens, é exaltada ainda a iniciativa de cultivo orgânico, pois protege o meio ambiente e o percentual arrecadado com as vendas que é destinado às ações sociais do grupo.

Com relação à abordagem de gênero, no decorrer das mesmas, foram ressaltadas as atividades desenvolvidas pelo coletivo que levaram ao empoderamento das mulheres, autonomia econômica e visibilidade do papel das mesmas na Agricultura Familiar. O empoderamento, de acordo com Romano (2002), consiste em um processo pelo qual as pessoas, as organizações, as comunidades assumem o controle de seus próprios assuntos, de sua própria vida e tomam consciência da sua habilidade e competência para produzir, criar e gerir. Sendo esse o contexto utilizado pelos meios de comunicação para se referirem à atuação do grupo, sendo ele composto por mulheres que tomaram consciência de suas habilidades, do valor que possuem e importância do seu trabalho. Diante disso, passaram a controlar seus próprios assuntos, não apenas no que diz respeito ao Café Feminino, mas também em diversos âmbitos, seja produtivo e reprodutivo.

Percebe-se nessas publicações a valorização externa das atividades coletivas realizadas pelo grupo como cursos, dias de campo, projetos, dentre outras para as conquistas alcançadas. Esmeraldo (2013) aponta que as dificuldades de enfrentamento no plano individual e isolado dos modelos sociais e sistemas patriarcais vigentes, constituem-se como motivação para a articulação de mulheres rurais em prol do reconhecimento profissional. Dessa maneira, existe tanto por parte do grupo como por parte das mídias externas reconhecimento da importância do coletivo para alcançar objetivos e obter visibilidade e reconhecimento.

Percebe-se que o Café Feminino conferiu às mulheres visibilidade e valorização de seu trabalho enquanto mulheres rurais, que mesmo já sendo realizado por elas há anos, antes era encarado apenas como ajuda. De acordo com Hirata (2018), existe um reconhecimento por parte das mulheres de que a marca do Café Feminino leva a um reconhecimento do seu papel

---

<sup>9</sup> Questão de Gênero: neste trabalho estou considerando que questão de gênero significa uma focalização nas relações desiguais entre homens e mulheres. Imbricadas por relações de poder, as mulheres do MOBI pautaram a importância de se atentar para a construção social e histórica de papéis sociais para homens e mulheres.

enquanto mulher na agricultura e na sociedade. Ainda de acordo com a autora, a produção do café tornou-se uma estratégia de valorização para as mulheres cafeicultoras, conquistando benefícios não só no que diz respeito à geração de renda, mas também no que diz respeito a valorização e o reconhecimento com o Café Feminino como via de melhoria da autoestima.

Essa marca intimamente ligada à trajetória do grupo, ao longo do tempo foi ganhando visibilidade e obtendo reconhecimento externo. Hirata (2018) expõe que o projeto de exportação introduzido pela cooperativa significou para essas mulheres uma oportunidade de conquistar autonomia e serem reconhecidas como agricultoras e não como esposas de agricultores.

Em 2014, esse café foi escolhido para ser servido durante a Copa do Mundo sediada no Brasil. A participação rendeu visibilidade às cafeicultoras, que receberam visitas do Rio de Janeiro, São Paulo, Peru e Holanda e doação de produtores estrangeiros holandeses.

Diante da problemática da invisibilidade do trabalho da mulher rural, esforços têm sido envidados com o intuito de gerar visibilidade a esse trabalho. Dentre os quais, destaca-se a campanha #Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos, uma iniciativa coordenada pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), em parceria com a FAO, a ONU Mulheres, a Reunião Especializada sobre Agricultura Familiar do Mercosul (Reaf) e a Direção-Geral do Desenvolvimento Rural do Ministério da Pecuária, Agricultura e Pesca do Uruguai. Essa campanha busca dar visibilidade e valorizar a contribuição das trabalhadoras rurais para o alcance das metas da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.

A campanha supracitada, em 2019, publicou diariamente durante 15 dias conteúdos com diferentes temas relacionados à atuação das mulheres rurais como produtoras de alimentos saudáveis, guardiãs da terra, líderes e empreendedoras. Dentre as publicações selecionadas, o segundo dia de ativismo contou com material de divulgação a respeito do grupo MOBI. O material divulgado, em 02 de outubro de 2019, trata da igualdade de gênero no meio rural e destaca a atuação do grupo para mudar a realidade desigual e a condição de invisibilidade que ainda afetam as mulheres rurais.

Além disso, o Café Feminino já havia sido um dos 11 projetos brasileiros homenageados no concurso internacional Saberes e Sabores, no âmbito da campanha #Mulheres Rurais, Mulheres com Direitos, em 2018. O concurso teve como objetivo destacar o papel das mulheres rurais e reconhecer os empreendimentos femininos que resgatam a importância da alimentação tradicional saudável e da proteção à biodiversidade.

Além dessa campanha, reportagens diversas deram destaque para a atuação do grupo, dentre as quais podemos citar a matéria intitulada MOBI, publicada em 6 de julho de 2017, na seção *Nature-Based actions advancing sustainable development*, da página *Equator Initiative*, que versou sobre a subvalorização do trabalho das mulheres do campo, sendo apontado nessa mídia que para que exista um reconhecimento do seu trabalho, as mulheres precisam se organizar. Nessa publicação, ainda foi apontada a produção orgânica como maneira de empoderar as mulheres do campo e valorizar seu trabalho.

A matéria publicada na página da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura, em 03 de outubro de 2019, intitulada empoderamento econômico feminino para as mulheres da COOPFAM, ratifica a publicação do site *Equator Initiative*, ressaltando que o trabalho da mulher do campo ainda não é tão valorizado quanto o do homem, que as mulheres ainda sofrem com o preconceito e com a desigualdade de gênero. De acordo com a publicação, as mulheres estão se organizando em cooperativas e associações, estão fazendo alianças para se qualificarem e aumentarem as redes comerciais para assim mudar gradativamente essa realidade.

Destaca-se também reportagem da EPTV (afiliada da rede globo), exibida em 05 de novembro de 2019, a qual versa a respeito de um curso realizado pelas mulheres do grupo MOBI para a produção de cosméticos naturais. O enfoque dado pela reportagem foi que a produção natural combina com a preocupação que o grupo tem com o meio ambiente. Além disso, o jornalista destacou na reportagem como objetivo do grupo o incentivo da interação entre as mulheres e inserção das mesmas no papel de protagonistas dentro e fora da lavoura.

Os destaques supracitados reafirmam a importância dada às ações coletivas, aos saberes construídos coletivamente que levam ao reconhecimento do grupo, notou-se que, em todos esses espaços, o grupo é valorizado pela união, empreendedorismo e capacidade de trabalhar coletivamente. Para Esmeraldo (2013) novas formas, conhecimentos e capacidades são experimentados e incorporados como novos saberes e práticas materializados na luta, reivindicação, resistência, coordenação, tomada de decisão, discernimento, comunicação, debate e reflexão. Ainda de acordo com ela, esses saberes vivos e dinâmicos resultam em desejos, motivações e intencionalidade políticas que levam à tomada de consciência e a ação protagonista e transformadora das mulheres.

Diante do exposto, percebe-se que o grupo a partir de suas ações coletivas e do conhecimento conjunto construído conquistou visibilidade e reconhecimento não só no sul de minas como também internacionalmente. Como resultado disso, elas constantemente têm sido convidadas a participar das feiras, eventos e seu trabalho continua sendo divulgado em mídias

impressas e digitais. O reconhecimento externo motiva as mulheres a darem continuidade às ações coletivas e eleva a auto estima das mesmas, conforme pode ser observado no discurso da ex-coordenadora:

Eu já fiz várias feiras, tenho muitas histórias de feiras, toda vez que eu volto eu falo que todas tinham que ir pelo menos uma vez, porque quando você vai, você recebe um carinho tão grande do público lá fora, que volta tão entusiasmada que você quer que as outras vai também. Quando você vai tem contato direto como os consumidores sente a importância que o grupo tem (Rose).

Como resultado da visibilidade e reconhecimento alcançado, essas mulheres ocupam hoje espaços de tomada de decisão na cooperativa, como o Conselho Fiscal e a Mesa Diretora. Destaca-se ainda que a presidência da COOPFAM que, atualmente, está sob a gestão de uma mulher.

A atual presidente da COOPFAM, gestão que iniciou em 2019 e está em andamento, e produtora de café orgânico feminino foi uma das pioneiras do grupo MOBI e acompanhou cada conquista, a percepção de que o grupo era importante para a cooperativa. Ao longo do percurso, diante do reconhecimento conquistado, as mulheres começaram a buscar espaços antes ocupados apenas por homens na cooperativa como a diretoria e posteriormente a presidência da mesma.

Diante da visibilidade e reconhecimento do trabalho do grupo, novas questões surgiram como o aumento do interesse de compradores em visitar as lavouras de produtoras de café e também o aumento do interesse de pesquisadores em desenvolver pesquisas com o grupo.

O aumento do número das visitas nas lavouras, muitas vezes inesperadas, levou às mulheres a se reunirem para regulamentar a questão, visto que o grande número de visitas recebidas estava prejudicando a rotina de atividades diárias das mulheres. Assim sendo, iniciou-se um processo de agendamento das visitas na cooperativa por iniciativa do grupo.

No que diz respeito aos acadêmicos interessados em realizar pesquisas, devido ao aumento dos interesses de instituições diversas, foi também realizada reunião em que participaram apenas as mulheres membros do grupo para deliberar a respeito do assunto. Acordou-se então que novos pesquisadores deveriam realizar solicitação ao grupo antes de iniciar as pesquisas, assim, teriam um tempo determinado na pauta mensal para apresentar os projetos e posteriormente o grupo deliberar favoravelmente à pesquisa ou não. Além disso, passou a ser solicitado aos pesquisadores que fosse realizada uma apresentação ao final da

pesquisa para que o grupo tivesse conhecimento dos resultados e entregue uma versão impressa para arquivo.

É importante observar que a "marca feminino" do Café estabelece relações muito positivas com o mercado. No entanto, para dentro do grupo MOBI a noção de feminino vai além da inserção econômica no mercado. Potencializa os diferentes tipos de trabalhos realizados e conquistados pelas mulheres, explicitados na pesquisa.

Além disso, o reconhecimento e valorização externa do conhecimento construído coletivamente pelo grupo trouxe ao mesmo novas demandas que geram novos aprendizados como com relação aos pesquisadores e compradores. Logo, o conhecimento construído coletivamente no grupo por meios das diversas atividades realizadas constituiu-se como prática da educação social que trouxe visibilidade para essas mulheres e promoveu transformações que minimizam a situação da invisibilidade da mulher no campo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O aprendizado desenvolvido pelas mulheres no decorrer de sua trajetória, que foi o objetivo principal do trabalho, representou uma construção conjunta do conhecimento. Elas aprenderam umas com as outras, aprenderam também com as ações desenvolvidas pelos apoiadores. Conforme foi apresentado, esses aprendizados não se concentram apenas no âmbito na produção do café, foram bastante diversos, complexos, conflituosos e não lineares.

Foi possível perceber que o processo de aprendizagem do grupo MOBI iniciou-se com atividades de geração de renda, sendo esse o chamariz para que as mulheres se ingressarem e essa área de conhecimento se fez importante para garantir a participação e frequência das mulheres nas reuniões.

Percebeu-se ainda que nas atividades para que o grupo se estabelecesse, foram relevantes os cursos iniciais ministrados por instituições de ATER inseridos na área de conhecimento de alimentação e cuidado familiar. Esses cursos, embora de certa forma reforçassem o papel da mulher enquanto dona de casa, mostraram sua importância no sentido de facilitar a participação das pioneiras do grupo nas atividades propostas. As atividades dessa área de conhecimento na fase inicial do grupo se mostraram atrativas, pois não ia de encontro à formação religiosa e às relações familiares então estabelecidas.

Percebe-se que ao longo do tempo a com as formações realizadas o grupo foi ao encontro de diferentes interesses na sociedade. As atividades de geração de renda, alimentação e cuidado familiar, utilizadas ainda como estratégia inicial, perderam espaço para novas perspectivas e interesses. Atualmente, o grupo consegue ter uma renda, discutir a respeito do mercado e se inserir nas decisões estratégicas da cooperativa.

O envolvimento coletivo que aconteceu na fase inicial do grupo trouxe consigo debates e aprendizados não somente no que se proponha os cursos, mas também na temática da igualdade de gênero. As discussões realizadas geraram um amadurecimento das mulheres não só no plano coletivo, mas também no individual que fortaleceu as mesmas para enfrentar as desigualdades. Sendo assim, introduzidos aprendizados que visavam o desenvolvimento individual e participação coletiva. Tais aprendizados perpassam a atuação do grupo até os dias atuais.

O amadurecimento conquistado ao longo do percurso através das diversas práticas educativas realizadas e também no convívio coletivo levou as mulheres a um maior direcionamento das atividades realizadas para a produção do café. Diante disso, nota-se que os aprendizados realizados no âmbito da geração de renda, da alimentação e cuidado familiar

e do desenvolvimento individual e coletivo adquirido resultaram em transformações no âmbito agrícola, com conquistas relacionadas aos Café Feminino.

Os aprendizados diversos adquiridos refletiram positivamente na dimensão da agricultura, percebeu-se que as mulheres passaram a valorizar mais seus conhecimentos e a valorizar o trabalho da mulher rural. Além disso, ganharam autonomia na produção e na tomada de decisões da produção do café.

Diante disso, torna-se evidente as contribuições das ações educativas desenvolvidas por entidades de ensino, pesquisa e extensão para a superação das desigualdades sociais e equidade de gênero no campo. As conquistas obtidas pelo grupo mostraram mulheres ocupando espaços que historicamente são destinados aos homens e conferindo reconhecimento ao trabalho da mulher no campo.

Os aprendizados no âmbito da agricultura ampliaram para a inserção de uma nova área de conhecimento: o meio ambiente. O envolvimento dessas mulheres na produção orgânica levou a uma relação mais equilibrada com o ambiente natural e esforços para conservação dos recursos naturais ao utilizar-se de técnicas mais naturais no ciclo de produção do café. Com consequência dessa preocupação, conforme apresentado, o grupo por meio da participação social promoveu mudanças locais.

Os diversos aprendizados juntamente com as conquistas alcançadas levaram a um reconhecimento e valorização externa do coletivo. Essa valorização e reconhecimento externo trouxeram ao grupo novas demandas que geram novos aprendizados constituindo-se, assim, em um ciclo de aprendizagem. Logo, o conhecimento construído nesse ciclo constituiu-se como prática da educação social que trouxe visibilidade para essas mulheres e promoveu transformações que minimizam a situação da invisibilidade da mulher no campo.

Após análise em profundidade das ações educativas desenvolvidas percebeu-se que os aprendizados nas áreas de conhecimento elencadas possibilitaram transformações diversas tanto no que diz respeito a questões individuais, quanto no que diz respeito à família, à Cooperativa, às relações de mercado, ao processo organizativo do grupo e às relações com as instituições de pesquisa e extensão.

Conquistas alcançadas pelo grupo tais como a mudança na relação com a cooperativa, com as instituições de ensino, representatividade na diretoria, presidência da cooperativa, criação do Departamento de Mulheres e Juventude, criação do Café Feminino não Orgânico, alteração do nome do grupo substituindo independência por igualdade representaram avanços na busca por superação das desigualdades sociais e busca por equidade de gênero no campo.

Não existe receita de como passar de uma posição de isolamento e invisibilidade, para uma postura atuante em um grupo feminista que busca igualdade nas relações entre homens e mulheres. O silêncio foi rompido, os argumentos são consistentes e refletem um processo organizativo intenso e firme. Antes de 2006, com certeza as mulheres da COOPFAM eram esposas e a maioria não cotistas, não votavam e nem se envolviam em decisões estratégicas. Hoje em 2020, há uma agricultora familiar presidente da COOPFAM, um Departamento da Mulher e Juventude e uma série de projetos em andamento, específicos para atender demandas dessas mulheres. Sem esquecer da experiência que as jovens podem vivenciar a partir destas trajetórias de luta em diversos campos.

No que diz respeito ao âmbito desses aprendizados, percebe-se que não é possível distinguir o que diz respeito ao espaço produtivo do que faz parte do espaço reprodutivo. As duas dimensões estão entrelaçadas, sendo que uma interfere na outra. Não dá para dizer que as hierarquias familiares foram rompidas e que a estrutura patriarcal foi tensionada. Mas seguramente as famílias das mulheres envolvidas no MOBI criaram outros arranjos e pautas levadas pelas mulheres, que são consensuais ou conflitivas, mas não podem ser negadas.

Há ainda que destacar que o caráter social desses aprendizados, muitas vezes o significado de valor maior para as conquistas do grupo encontra-se no que essas mulheres aprenderam no plano de fundo dos cursos e projetos propostos. A construção de um pensamento para que chegassem ao entendimento de que buscavam igualdade não se deu espontaneamente, aconteceu diante de uma construção conjunta de conhecimentos que ocorreu no decorrer do tempo de convivência e de ações diversas realizadas. Essas ações, muitas vezes desenvolvidas por instituições parceiras, iniciavam com um propósito, na maioria das vezes de um aprendizado prático, seja a artesanato, seja, pintura, porém havia um objetivo nas entrelinhas que levaram às conquistas do grupo.

Destaca-se que o perfil dos educadores não era idêntico, cada educador atendia os princípios da sua organização, porém todos por meio de seus projetos e ações realizadas trouxeram benefícios para todas suas famílias e para a comunidade local. Os projetos e ações desenvolvidos, embora não tivessem intencionalidade explícita no combate à desigualdade de gênero, trouxeram não só a geração de trabalho e renda, que era muitas vezes o objetivo inicial, mas contribuíram para a prosperidade do grupo e para minimizar as desigualdades existentes entre homens e mulheres no meio em que vivem.

Nota-se que o grupo tem outra dinâmica de funcionamento após o processo de aprendizagem que passaram e continuam passando, as discussões ocorrem tanto no âmbito produtivo como no reprodutivo, comparando-se aos anos iniciais de criação do mesmo, as

amplitudes das demandas do MOBI estão mais complexas e as mulheres ganharam segurança e estão mais motivadas.

Finalmente, destacam-se os aspectos subjetivos da convivência com o coletivo. Essas mulheres unidas, compartilham momentos de alegria, tristeza e dor. Mas, sobretudo, compartilham o desejo de mais reconhecimento de sua organização e maior participação feminina.

No decorrer desta pesquisa, no que diz respeito às limitações, algumas limitações surgiram como a dificuldade em conciliar a rotina de trabalho institucional da pesquisadora com a dinâmica de funcionamento do MOBI e das mulheres, foi um desafio. Tempos diferentes do IFSULDEMINAS e das mulheres do MOBI, ambos com cronograma preestabelecidos e agendamentos realizados, fazendo que houvesse rearranjos para que as atividades de pesquisadora e as de servidora pública do IFSULDEMINAS alcançassem seus intuitos.

Além da dificuldade acima apresentada, houve também dificuldade no agendamento das atividades coletivas. Isso ocorreu em virtude de que o período da pesquisa de campo coincidiu com o período da colheita do café, além disso no segundo semestre acontece a festa do Café Orgânico em Poço Fundo e o grupo MOBI está presente na organização dessa festa. As atividades supracitadas, juntamente com as atividades de rotina das mulheres e as atividades já programadas pelo grupo impossibilitaram a realização de um grupo focal com todas elas. Diante disso, conforme já apontado na metodologia, foram realizados dois grupos focais em duas datas diferentes e posteriormente foram entrevistadas as mulheres que não puderam participar nas duas datas preestabelecidas para os grupos focais. Assim sendo, não foi possível a realização do grupo focal com todas as participantes, ao mesmo tempo.

Esta pesquisa não esgotou, e nem mesmo teve essa pretensão, todas as possibilidades de pesquisa junto ao grupo. Assim sendo, no decorrer da pesquisa novas possibilidades de estudos surgiram, dentre as quais, é possível elencar algumas. A primeira delas seria a busca da compreensão como tem sido construída a relação do grupo com os compradores do Café Feminino, sobretudo com a compradora dos Estados Unidos da América que se constitui uma compradora de grande importância para o grupo.

Outra possibilidade de estudo, seria o aprofundamento do sentido do Feminino no Café feminino, desde o início das atividades do grupo até a atualidade. Como as mulheres do grupo entendem o Feminino que dá nome ao café produzido por elas. Esse aprofundamento abarcaria tanto as relações com o mercado, quanto os processos individuais e coletivos vivenciados por elas.

Por fim, uma terceira proposta de pesquisa seria o aprofundamento da diferença, para as mulheres do MOBI, da palavra independência para igualdade e o significado da transição do nome do grupo de Mulheres Organizadas Buscando Independência para Mulheres Organizadas Buscando Igualdade. Assim, havendo uma percepção das relações de gênero e sendo pensando o sentido que a mudança tem para elas.

Com o intuito de contribuir com as mulheres do grupo, a partir das descobertas da pesquisa foi possível pensar algumas sugestões de ações a serem realizadas pelo grupo as quais podem não só contribuir com o fortalecimento do mesmo, como também evidenciar as atividades realizadas pelo MOBI de maneira que se torne exemplo para outros grupos. A primeira sugestão seria a aproximação com outros coletivos feministas, nesse sentido haveria não só o fortalecimento do grupo, mas o mesmo poderia ser exemplo a ser seguido para outros coletivos de mulheres rurais. Nessa perspectiva, as experiências vivenciadas e atividades experimentadas poderiam contribuir com o crescimento de outros coletivos.

Outra sugestão de ação a ser realizada pelo grupo é a construção de cursos de liderança para mulheres. Essa necessidade foi identificada nos relatos das mulheres, visto que, conforme foi apontado no gráfico 6, já foram realizados junto ao grupo dois cursos de liderança, sendo um genérico e outro voltado para mulheres, porém esses cursos não atenderam as expectativas das mesmas ou mesmo não fizeram sentidos para elas. Diante disso, com a criação do Departamento de Mulheres, sugere-se a construção conjunta de um curso de liderança voltado para as necessidades do grupo.

Pensando em uma perspectiva de longo prazo, diálogos e comunicação permanente com o Departamento de Mulheres e Juventude a partir dos interesses das mulheres se faz também importante para o fortalecimento do grupo. Embora isso já venha sendo feito para funcionária do Departamento de mulheres, faz-se importante que o grupo também perceba quais são seus interesses para demandar do departamento e estabeleça uma relação ativa frente ao departamento e não passiva. A autonomia do grupo se mostra importante para a continuidade das ações, novas conquistas e para o estabelecimento das conquistas já alcançadas com a luta dessas mulheres.

Durante a realização desta pesquisa, almejou-se trazer contribuições para o grupo, para o programa e para as instituições que atuaram junto ao grupo. Constituindo-se assim, em uma pesquisa que trouxe e ainda pode trazer contribuições sociais.

## 5.1 Inserção Social da Pesquisa

Pode-se enfatizar a inserção social das atividades desenvolvidas no decorrer desta pesquisa. Este estudo não visou a realização de uma pesquisa isolada, mas também partiu do entendimento da responsabilidade social da pesquisa e buscou, a partir dela, trazer melhorias e promover transformações sociais. Diante disso, é possível elencar as contribuições deste estudo para o programa PPGDE/DAE/UFLA, para as instituições que atuam juntamente ao grupo e para o grupo MOBI.

Com relação à contribuição ao programa, desde o ano de 2007, a inserção social constitui-se como uma categoria de avaliação dos programas de pós-graduação pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Com isso, essa coordenação busca uma reflexão a respeito dos atuais desafios que a produção científica e a formação acadêmica. Essa preocupação foi evidenciada pelo então diretor da CAPES em texto divulgado em 28 de agosto de 2007: “[...] significa o reconhecimento oficial, pela Capes, de que a pós-graduação tem uma responsabilidade social e deve, assim, não apenas melhorar a ciência, mas também melhorar o país”. Assim sendo, esta pesquisa está em consonância com esse novo olhar demonstrando por meio dos seus resultados e produção técnica a ser proposta o comprometimento do programa em exercer função social na comunidade pesquisada.

Os levantamentos realizados no decorrer da pesquisa possibilitaram a construção de um banco digital de informações a respeito do grupo. Esse banco foi constituído por documentos do grupo como o regimento, relatórios de projetos, fotografias, atas de reuniões e reportagens. Diante desse conjunto, chamou atenção as informações divulgadas nos meios de comunicação, a imagem externa desse grupo.

A análise das reportagens demonstrou que a atuação das mulheres do grupo possui reconhecimento externo, sendo as mesmas vistas como um grupo que se mobilizou para transformar a realidade que viviam e lograram êxito nesse propósito. É passada ainda a imagem de um grupo que se classifica como um movimento de luta que promove a agregação e organização das mulheres em busca do reconhecimento de seu trabalho. Além disso, o grupo vem se destacando nos meios de comunicação como um espaço para discussões que vão além da agricultura e do cultivo de orgânicos, com a promoção de palestras em que o tema é o gênero e discussões a respeito da temática.

Diante da riqueza de informações presentes nas publicações veiculadas nos meios de comunicação e de o grupo não possuir tais publicações complicadas e acessíveis a todas, surgiu o interesse pela realização de uma produção técnica. Essa produção a ser realizada após

a finalização da pesquisa terá como objetivo a confecção de uma publicação que tratará da visibilidade do MOBI nos meios de comunicação. Logo, seriam disponibilizadas a todas, as publicações que se encontram em locais diversos de maneira digital e impressa para o grupo. A construção dessa publicação teria como ponto de partida o reconhecimento externo como apoio ao processo de fortalecimento do grupo. Essa ação colocaria ao alcance do grupo os resultados desta pesquisa e contribuiria como processo organizativo delas.

A realização de uma produção técnica a ser devolvida à comunidade pesquisada se mostra também como uma preocupação com essa comunidade em retribuir o apoio dado no decorrer da pesquisa. Além disso, faz-se importante a continuidade da pesquisa junto ao grupo, cumprindo assim as premissas e o propósito do programa mestrado profissional em que esse estudo se realiza, fazendo que com que a pesquisa não se finde apenas na conclusão da dissertação, mas que continue se desenvolvendo e que seus resultados amparem futuras ações do grupo.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Agricultura Familiar e serviço público: novos desafios para a extensão rural. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 15, n. 1, p. 132-152, jan./abr. 1998. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/8932-29414-1-PB.pdf>. Acesso em: 17 set. 2019.

ALMEIDA, Maria Salete Bortholazzi; OLIVEIRA, S. S. Educação não formal, informal e formal do conhecimento científico nos diferentes espaços de ensino e aprendizagem. *In*: Secretaria da Educação do Paraná. **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor, PDE produções didático pedagógico**. Curitiba: SEP, 2014, n. 01, p. 1-18. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2014/2014\\_uel\\_bio\\_pdp\\_maria\\_salete\\_bortholazzi\\_almeida.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_uel_bio_pdp_maria_salete_bortholazzi_almeida.pdf). Acesso em: 23 mar. 2019.

ALTAFIN, Iara. **Reflexões sobre o conceito de Agricultura Familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007. p. 1-23.

ANJOS, Eliene. **Agricultura Familiar e cooperativo**: notas introdutórias para o debate. (200-?). Disponível em: [https://www.ufrb.edu.br/proext/images/Texto\\_AF\\_e\\_cooperativismo\\_GT2\\_Eliene.pdf](https://www.ufrb.edu.br/proext/images/Texto_AF_e_cooperativismo_GT2_Eliene.pdf). Acesso em: 23 mar. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1998. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm). Acesso em: 29 nov. 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 1996. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm). Acesso em: 30 jan. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm). Acesso em: 01 mar. 2019.

BRASIL. [Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento](#). **Café orgânico premiado e servido na Copa de 2014 é resultado de trabalho feminino**. [Brasília, 16 abr. 2019](#). Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/mulheres-impulsionam-producao-de-cafe-orgânico-no-sul-de-minas-gerais>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Instrução Normativa 019, 2009**. Aprova os mecanismos de controle e informação da qualidade orgânica. Disponível em: <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/sislegis/action/detalhaAto.do?method=consultarLegislacaoFederal>. Acesso em: 18 jan. 2020.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. COOPFAM. FAO. **Grupo de cafeicultoras busca igualdade de participação em cooperativa com mobilização e solidariedade.** Brasília, 02 out. 2019. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/grupo-de-cafeicultoras-busca-igualdade-de-participacao-em-cooperativa-com-mobilizacao-e-solidariedade>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Produtora de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa.** Brasília, 06 out. 2019a. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/cafeiculto>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Por meio da poesia, cafeicultora valoriza a agricultura e o trabalho da mulher rural.** Brasília, 03 out. 2019b. Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/noticias/por-meio-da-poesia-agricultora-organica-valoriza-a-agricultura-e-o-trabalho-da-mulher-rural>. Acesso em: 04 jan. 2019.

BRASIL. Ministério da Educação. **Chamada Pública MEC/SETEC/CNPq 94/2013:** relatório do projeto: implantação de unidades de cultivo de flores em comunidades de mulheres associadas à COOPFAM. Machado: [s. n.], 2016.

BANDEIRA, Lourdes. **Avançar na transversalidade da perspectiva de gênero nas políticas públicas.** Brasília: Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, 2005. v. 10.

BRUNDTLAND, Gro Harlem (org.) **Nosso Futuro Comum:** Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1991.

BUTTO, A. Políticas para as mulheres rurais: autonomia e cidadania. *In:* BUTTO, A.; DANTAS, I. **Autonomia e cidadania:** políticas de organização produtiva para as mulheres no meio rural. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2011. Disponível em: <http://repositorio.iica.int/bitstream/11324/6967/1/BVE18040146p.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2019.

CAFEICULTORAS participam de projeto para aprender a produzir cosméticos a partir do café. **G1 Sul de Minas**, **Poço Fundo**, 05 nov. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/sul-de-minas/grao-sagrado/noticia/2019/11/05/cafeicultoras-participam-de-projeto-para-aprender-a-produzir-cosmeticos-a-partir-do-cafe.ghtml>. Acesso em: 04 jan. 2019.

CANNABRAVA, B. Paz na Educação Popular Feminista. *In:* VIEIRA, V.; CHARF, C. (orgs.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica.** São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012.

CAPRA, Fritjot. **Teia da Vida:** uma nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos. Tradução Newton Roberval. São Paulo: Cultrix, 2006.

CASTRO, A. *et al.* **A juventude rural, Agricultura Familiar e políticas de acesso à terra no Brasil.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2013.

COELHO, France Maria Gontijo. A arte das orientações técnicas no campo: concepções e métodos. *In:* \_\_\_\_\_. **A arte das orientações técnicas no campo:** concepções e métodos. 2005.

CORREIA, Fábio. Produtores orgânicos estão mais profissionais. **O Tempo**, Contagem, 04 jan. 2017. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/economia/produtores-de-organicos-estao-mais-profissionais-1.1418779>. Acesso em: 04 jan. 2019.

DA SILVA, Roberto. Os fundamentos freirianos da Pedagogia Social em construção no Brasil. **Pedagogia Social. Revista Interuniversitaria**, Espanha, n. 27, p. 179-198, 2016. Disponível em: [https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com\\_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9zdGVkLmV4bGlicmlzZ3JvdXAuY29tL3ByaW1vX2xpYnJhenkvbGlid2ViL2FjdGlvb3ZWFyY2guZG8/dmlkPUNBUEVTX1Yx&Itemid=124](https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php?option=com_pmetabusc&mn=88&smn=88&type=m&metalib=aHR0cHM6Ly9ybnAtcHJpbW8uaG9zdGVkLmV4bGlicmlzZ3JvdXAuY29tL3ByaW1vX2xpYnJhenkvbGlid2ViL2FjdGlvb3ZWFyY2guZG8/dmlkPUNBUEVTX1Yx&Itemid=124). Acesso em: 15 dez. 2019.

DA SILVEIRA, Maria Lucia; TITO, Neuza (ed.). **Trabalho doméstico e de cuidados: por outro paradigma de sustentabilidade da vida humana. [S.l.]**: SOF: Sempre Viva Organização Feminista, 2008. Disponível em: <http://www.sof.org.br/wp-content/uploads/2016/07/TRABALHO-DOM%C3%89STICO-E-DE-CUIDADOS-2008.pdf>. Acesso em: 27 dez. 2019.

DE PAULA, Ercília Maria Angeli Teixeira; SANTOS, Karine. A teoria de Paulo Freire como fundamento da Pedagogia Social. **Interfaces Científicas-Educação**, Aracaju, v. 3, n. 1, p. 33-44, 2014. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/1629/0>. Acesso em: 15 dez. 2019.

DIAS, C. U. A. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 10, n. 2, 2000. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/330/252>. Acesso em: 30 jan. 2019.

EMPODERAMENTO econômico feminino para as mulheres da COOPFAM. Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura. 03 out. 2018. Disponível em: <http://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/es/c/1155672/>. Acesso em: 04 jan. 2019.

FLICK, Uwe. **Introdução à metodologia de pesquisa: um guia para iniciantes**. Penso Editora, 2012.

GADOTTI, Moacir. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos: pesquisa em extensão universitária**, Cuiabá, v. 18, n. 2, p. 10- 32, 2012. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RDL/article/view/3909/2386>. Acesso em: 04 abr. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Atlas, 2008.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. Educação não-formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. **Investigar em Educação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 35-50, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/8629/14056>. Acesso em: 10 abr. 2019.

GRUPO MOBI: Mulheres Organizadas Buscando a Independência. **Por que café feminino?** Poço Fundo: [s. n.], 2016.

GUERRA, Ana Carolina; TOLEDO, Dimitri Augusto da Cunha. **Relatório final de projeto de extensão**: Incubação do MOBI: Mulheres Unidas buscando independência. Alfenas: UNIFAL, 2018.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

Disponível em:

[https://www.emater.tche.br/site/arquivos\\_pdf/teses/Livro\\_P\\_Freire\\_Extensao\\_ou\\_Comunicacao.pdf](https://www.emater.tche.br/site/arquivos_pdf/teses/Livro_P_Freire_Extensao_ou_Comunicacao.pdf). Acesso em: 17 jun. 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 36. ed. São Paulo: Paz e terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HIRATA, Aloisia Rodrigues; ROCHA, Luiz Carlos Dias; BERGAMASCO, Sônia Maria Pessoa Pereira. A Certificação Participativa do Café Feminino. **Caderno de resumos da IX jornada de estudos em assentamentos rurais**. 9. ed. Campinas: Unicamp: FEAGRI, 2019.

Disponível em: <https://www.feagri.unicamp.br/jornada/2019/trabalhos>. Acesso em: 04 jan. 2019.

HIRATA, Aloisia Rodrigues; ROCHA, Luiz Carlos Dias; NERY, José Aloizio. **O Sistema Participativo de Garantia do Sul de Minas**. Pouso Alegre: Ifsuldeminas, 2018. Disponível em:

[https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/proex/pnae/O\\_Sistema\\_Participativo\\_de\\_Garantia\\_do\\_Sul\\_de\\_Minas.pdf](https://portal.ifsuldeminas.edu.br/images/PDFs/proex/pnae/O_Sistema_Participativo_de_Garantia_do_Sul_de_Minas.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

HIRATA, Aloisia Rodrigues (coord.). **Chamada MEC/SETEC/CNPq nº 94/2013**: projeto de fortalecimento de identidade do grupo MOBI: Projeto de extensão tecnológica para desenvolvimento de produtos artesanais com subproduto do café. Pouso Alegre: Ifsuldeminas, 2013.

HIRATA, Aloisia Rodrigues (coord.). **Relatório Técnico final**: Chamada MEC/SETEC/CNPq nº 94/2013: projeto de fortalecimento de identidade do grupo MOBI: Projeto de extensão tecnológica para desenvolvimento de produtos artesanais com subproduto do café. Pouso Alegre: Ifsuldeminas, 2016.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

MACHADO, Érico Ribas. As relações entre a Pedagogia Social e a Educação Popular no Brasil. **Revista Diálogos**, Cuiabá, v. 18, 2012. Disponível em:

<http://www.proceedings.scielo.br/pdf/cips/n4v1/24.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MACHADO, Érico Ribas. A Pedagogia Social no contexto brasileiro: análises de possíveis aproximações ou distanciamentos das áreas de Educação Popular e dos Movimentos Sociais. *In*: Proceedings of the 3rd. Congresso Internacional de Pedagogia Social, 3, 2010, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo, 2010. Disponível em:

[http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092010000100009&script=sci\\_arttext&tlng=pt](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000092010000100009&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 15 dez. 2019.

MACHADO, Érico Ribas. **Fundamentos da Pedagogia Social**. Editora: Unicentro, 2015. Disponível em:

<http://repositorio.unicentro.br:8080/jspui/bitstream/123456789/591/5/MACHADO%2C%20E.R.%20-%20Fundamentos%20da%20Pedagogia%20Social%20%28revisado%29%2001.pdf>.

Acesso em: 15 dez. 2019.

MARTINS, José de Souza. **Os camponeses e a política no Brasil**: as lutas sociais no campo e seu lugar no processo político. Petrópolis: Vozes, 1981.

MARTINS, Mariana Jária, *et al.* **Os modos de (re) existir e de se organizar**: Do “grupo de Mulheres” às “Mulheres Organizadas Buscando Independência”. Belo Horizonte: UFMG, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/30544>. Acesso em: 03 fev. 2019.

MOTA NETO, J. C. DA; OLIVEIRA, I. A. de. Contribuições da educação popular à Pedagogia Social. **Revista de Educação Popular**, Uberlândia, v. 16, n. 3, p. 21-35, 09 jan. 2018. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/38694>. Acesso em: 15 dez. 2019.

MULHERES impulsionam produção de café orgânico no sul de Minas Gerais. **EASYCOOP, Cooperativismo em revista**. 16 abr. 2019. Disponível em: <http://cooperativismo.coop.br/Noticias/44339/Mulheres-impulsionam-producao-de-cafe-organico-no-sul-de-Minas-Gerais>. Acesso em: 04 jan. 2019.

NEVES, Delma; MEDEIROS, Leonilde de. **Mulheres camponesas**: trabalho produtivo e engajamentos políticos. Niterói: Alternativa, 2013.

PAULILO, Maria Ignez S. O peso do trabalho leve. **Ciência hoje**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PEDINI, Sérgio; MACHADO, Rosa Teresa Moreira. *Fair trade*: possibilidades de empoderamento de cafeicultores familiares no sul de Minas Gerais. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 2, p. 457-481, 2014. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/392/385>. Acesso em: 22 abr. 2019.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. Os atores da construção da categoria Agricultura Familiar no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 52, p. 63-84, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20032014000600004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032014000600004). Acesso em: 01 maio 2019.

PRODUTORA de café orgânico dá exemplo de liderança em cooperativa. **Lapada Lapada**: notícia nua e crua, Cuiabá, **10 out. 2019**. Disponível em: <https://lapadalapada.com.br/2019/10/07/produtora-de-cafe-organico-da-exemplo-de-lideranca-em-cooperativa.html>. Acesso em: 04 jan. 2019.

QUEIROZ, D. T. *et al.* Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **Revista de Enfermagem UERJ**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 276-283, abr./jun. 2007. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>. Acesso em: 14 dez 2019.

RANGEL, Tauã Lima Verdan. **Segurança Alimentar a Nutricional na Região Sudeste**. Rio de Janeiro: Nonecker, 2019. Disponível em:

[https://books.google.com.br/books?id=zJqeDwAAQBAJ&pg=PA232&lpg=PA232&dq=n%C3%A3o+%C3%A9+concedida+como+uma+d%C3%A1diva+doad+a+aos+indiv%C3%ADduos+uma+d%C3%A1diva+e+sim+uma+conquista&source=bl&ots=PLYJr8eJAj&sig=ACfU3U0uyGKrcTuXHq\\_RZ0A9PZJfE84-6A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjivvGn2pLnAhXSzlkKHbZnDWEQ6AEwAHoECAoQAQ#v=onepage&q=n%C3%A3o%20%C3%A9%20concedida%20como%20uma%20d%C3%A1diva%20doad%20aos%20indiv%C3%ADduos%20uma%20d%C3%A1diva%20e%20sim%20uma%20conquista&f=false](https://books.google.com.br/books?id=zJqeDwAAQBAJ&pg=PA232&lpg=PA232&dq=n%C3%A3o+%C3%A9+concedida+como+uma+d%C3%A1diva+doad+a+aos+indiv%C3%ADduos+uma+d%C3%A1diva+e+sim+uma+conquista&source=bl&ots=PLYJr8eJAj&sig=ACfU3U0uyGKrcTuXHq_RZ0A9PZJfE84-6A&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjivvGn2pLnAhXSzlkKHbZnDWEQ6AEwAHoECAoQAQ#v=onepage&q=n%C3%A3o%20%C3%A9%20concedida%20como%20uma%20d%C3%A1diva%20doad%20aos%20indiv%C3%ADduos%20uma%20d%C3%A1diva%20e%20sim%20uma%20conquista&f=false). Acesso em: 20 jan. 2020.

ROCHA, Luiz Carlos Dias da; HIRATA, Aloísia Rodrigues (coords.). Relatório técnico final. Chamada CNPq-SETEC-MEC nº 17/2014: projeto de certificação participativa para unidades produtoras de rosas orgânicas do grupo de mulheres rurais do município de Poço Fundo, MG. Inconfidentes: Ifsuldeminas, 2017.

ROMANO, Jorge O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. *In: \_\_\_\_*. **Empoderamento e direitos no combate à pobreza**. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002, 9-20.

SAFFIOTI, Heleieth; BONGIOVANI, Iara. O conceito de patriarcado. *In: \_\_\_\_*. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; ESTEVAM, Dimas Oliveira; FELIPE, Daiane Fernandes. Mulheres em cooperativas rurais virtuais: reflexões sobre gênero e subjetividade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 34, n. 2, p. 390-405, 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932014000200010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 02 abr. 2019.

LAUSCHNER, Roque; SCHNEIDER, J. O. Evolução e situação atual do cooperativismo brasileiro. *In: \_\_\_\_*. **O cooperativismo no Brasil: enfoques, análises e contribuições**. FNS/ASSOCEP, Curitiba, 1979.

SCHMITZ, Heribert; MOTA, Dalva M. Agricultura Familiar: elementos teóricos e empíricos. **Revista Agrotrópica**, Itabuna, v. 19, p. 21-30, 2007. Disponível em: [http://www.ceplac.gov.br/paginas/agrotropica/revistas/agrotropica\\_19\\_1.pdf#page=24](http://www.ceplac.gov.br/paginas/agrotropica/revistas/agrotropica_19_1.pdf#page=24). Acesso em: 04 jan. 2019.

SINGER, Paul. A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. *In: Boaventura de Sousa Santos (org.)*. **Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 2.

SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

SOARES, V. Políticas públicas para igualdade: papel do Estado e diretrizes. *In: Godinho, T. & Silveira, M. L. (orgs.)*. **Políticas públicas e igualdade de gênero**. São Paulo: Prefeitura de São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2004.

SOUZA, M. L. O. **Participação em associação de pequenos produtores**: dilemas da administração coletiva. 1995. 147 f. Dissertação (Mestrado em Administração Rural) - Universidade Federal de Lavras, Lavras, 1995.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. A crise geracional e suas implicações na reprodução social da Agricultura Familiar. **Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 26-29, mar. 2011.  
Disponível em: <http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2011/08/artigo-5.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2018.

TEDESCHI, Losandro Antônio. Meu nome é “ajuda”: a vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na Região Noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Contexto & Educação**, Ijuí, 2004, v. 19, p. 45-64. Disponível em: <https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1132>. Acesso em: 27 dez. 2019.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. In: TEDESCO, João Carlos (org.). *Agricultura Familiar: realidades e perspectivas*. 3. ed. Passo Fundo: UPF, 2001.

WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Universidade de Brasília, 1997.

YIN, R. K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

**APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO****TERMO DE CONSENTIMENTO/MOBI**

O Grupo MOBI (Mulheres Organizadas Buscando a Independência) representado por sua Coordenadora, Sra. Maria Regina Mendes, RG MG-6.162.497 e CPF 092.466.746-00, nacionalidade brasileira, residente e domiciliado na cidade de Poço Fundo – MG, declara ter conhecimento da proposta de pesquisa intitulada *O "Café Feminino": Uma discussão sobre relações de gênero no Grupo MOBI a ser desenvolvida pela mestranda do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Sustentável e Extensão da Universidade Federal de Lavras, Juliana do Carmo Jesus Pio*. Os membros do grupo concordam com o desenvolvimento da pesquisa e estão dispostas a atuar como colaboradoras da pesquisa.

Assim por ser verdade assina o presente para os devidos fins de direito.

Poço Fundo, 11 de janeiro de 2019

Maria Regina Mendes Roqueria  
Assinatura

## **APÊNDICE B - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE**

### 1 – Objetivos

A observação participante terá como objetivo a aproximação com as mulheres do grupo e complementar as informações obtidas na análise documental em relação ao processo de aprendizagem das mulheres do grupo MOBI.

### 2 - Procedimentos

A observação participante se dará durante as reuniões ordinárias, extraordinárias e eventos. O grupo será informado da intenção da minha presença durante as visitas.

### 3 – Roteiro da observação participante, pontos a serem observados:

- Processo de organização do grupo;
- Ações de extensão que acontecem no grupo;
- Participação nas ações coletivas;
- Redes de relacionamento do grupo;
- Desafios e perspectivas futuras.

## APÊNDICE C - ROTEIRO DO GRUPO FOCAL I

**Objetivo da pesquisa:** compreender o percurso de aprendizagem de mulheres agricultoras individuais para integrantes do MOBI e exportadoras de café.

**Objetivo da atividade:** descobrir como o MOBI contribuiu para o aprendizado na vida delas.

### Preparação:

1. Montar mesa de café, colocar música de fundo;
2. Inicialmente, estabelecer um clima propício para criar outro ambiente, mudar o foco;
3. Sentar em círculo e explicar o objetivo da pesquisa e da atividade;
4. Explicar que a pesquisa não busca um consenso e por isso cada uma deve expressar sua própria opinião;
5. Explicar que a pesquisa busca ouvir a opinião de todas e por isso é importante que não haja monopólio da fala, que procurem ser objetivas para dar espaço para que todas participem.

### Atividade 1 - O que aprendi com o MOBI? (15 min)

Entregar papel, caneta e lápis de cor solicitando a elas que escrevam ou desenhem:

Qual foi a primeira coisa que aprendi com o MOBI?

Qual foi a última coisa que aprendi com o MOBI?

OBS. Deixar livre para sair, fazer a atividade fora da sala.

### Atividade 2 - Apresentação em Plenária (60 min)

Cada uma apresenta o que escreveu. Nesse momento, observar o que faz parte do espaço reprodutivo e doméstico e o que faz parte do espaço produtivo. Durante as apresentações, tentar estabelecer diálogo, elas podem conversar entre elas. Perguntar como elas aprenderam.

**OBS.** Se a discussão não fluir naturalmente, fazer tarjetas (cerca de 5) com atividades que elas realizaram e conquistas marcantes do grupo e tirar aleatoriamente para estimular a discussão.

**Tarjetas para estimular discussão (se necessário)**

- Certificação do Café Feminino;
- Projeto de artesanato;
- Curso de liderança;
- Projeto de rosas;
- Viagens internacionais;
- Dia Internacional da Mulher

**Atividade 3 - Reflexão sobre o momento atual (30 min)**

Apresentar uma questão de cada vez e deixar a fala livre para que cada uma se manifeste conforme queiram. Controlar o tempo para que gastem em média 10 min por questão.

O que está difícil aprender?

Quais são os desafios atuais?

O que gostariam de aprender?

## **ANEXO A - REGIMENTO INTERNO DO GRUPO MOBI**

### **REGIMENTO INTERNO DO grupo MOBI - POÇO FUNDO, MG**

#### **Capítulo I - Da denominação, Sede, Duração, Objetivos**

**Art.1º** - O grupo Mulheres Organizadas Buscando Independência (MOBI), é um grupo de mulheres vinculados à Cooperativa de Produtores Familiares de Poço Fundo e Região, criado em 23 de junho de 2006 com a finalidade de integração, reger-se-á por este Regimento Interno e pelas normas aplicáveis.

**Art.2º** - O grupo terá sua sede na Rua Antônio Cândido de Souza, 49 - Bairro Benedito, no município de Poço Fundo–MG, estado de Minas Gerais.

**Art.3º** - O Prazo de duração do grupo é por tempo indeterminado e o exercício social coincidirá com o ano civil.

**Art. 4º** - São objetivos do MOBI:

- a) Valorizar as mulheres no contexto social, político e produtivo;
- b) Fortalecer o grupo por meio da organização e formação;
- c) Desenvolver trabalhos de caráter coletivo;
- d) Informar e articular políticas para as mulheres;
- e) Promover a capacitação e integração entre as mulheres da COOPFAM;
- f) Lutar por espaços de autonomia do grupo dentro e fora da cooperativa;
- g) Participar de intercâmbios e capacitações;
- h) Criar oportunidades de geração de renda para as mulheres, por meio de atividades agrícolas e não-agrícolas;
- i) Fortalecer a marca do Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino;
- j) Fortalecer a unidade familiar de produção por meio da participação da mulher na atividade econômica da família;
- l) Motivar maior participação da mulher na unidade produtiva familiar;
- m) Conscientizar para a preservação ambiental, segurança alimentar e pela sustentabilidade;
- n) Lutar contra qualquer discriminação social, racial e de gênero;

**Art. 5º** - Para alcançar seus objetivos o MOBI poderá:

- a) Promover reuniões, encontros, eventos, capacitações;
- b) Estabelecer convênios e parcerias com Instituições de extensão, ensino, pesquisa, ONG's, SENAR, prefeituras e outros que puderem contribuir com o MOBI;
- c) Realizar e participar de cursos de capacitação, excursões, visitas técnicas, feiras e eventos;
- d) Instituir contribuições mensais ou esporádicas para viabilizar ações e atividades do grupo.

## **Capítulo II - Da Composição**

**Art. 6º** - O grupo MOBI será composto exclusivamente por mulheres, acima de 15 anos, divididas nas seguintes categorias:

1. Cooperadas: mulheres vinculadas à COOPFAM; mulheres cooperadas e/ou de família (esposa, filha, mãe) de cooperado que tenham vínculo com a produção de café ou atividades do grupo MOBI e concordem com as normas deste regimento
2. Colaboradoras: mulheres não vinculadas à COOPFAM, simpatizantes e colaboradoras do MOBI, que aceitem e cumpram as normas deste regimento.

## **Capítulo III - Dos direitos e deveres das componentes do grupo**

**Art. 7º** - São direitos das componentes do grupo MOBI:

### **1. Categoria cooperada**

- a) Utilizar marca “Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino” e outras marcas que vierem a ser desenvolvidas pelo grupo;
- b) Ter prioridade em todas as atividades promovidas pelo MOBI;
- c) Votar e ser votada;
- d) Ser beneficiadas de prêmios e incentivos da COOPFAM;
- e) Decidir sobre as regras e normas do Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino e outras marcas que vierem a ser desenvolvidas pelo grupo;
- f) Participar das assembleias;
- g) Indicar integrantes colaboradoras para participar das atividades do grupo;
- h) Decidir sobre toda e qualquer questão sobre as atividades do MOBI.

## **2. Categoria Colaboradora**

- a) Participar das atividades promovidas pelo grupo MOBI, desde que não concorram com as integrantes cooperadas;
- b) ter prioridade nas atividades do grupo MOBI, em relação às outras pessoas da comunidade;
- c) direito a voz e não voto nas reuniões e assembleias
- d) utilizar do nome e marca do MOBI.

**Art. 8º** - São deveres das componentes do grupo MOBI:

### **1. Categoria cooperada**

- a) Participar das reuniões ordinárias, assembleias e atividades do MOBI;
- b) Justificar toda ausência e qualquer impedimento de participar das reuniões e atividades promovidas pelo MOBI;
- c) Cumprir normas e exigências do Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino e outras marcas que vierem a ser desenvolvidas pelo grupo;
- d) Cumprir as normas deste regimento;
- e) Prezar pelo bom nome do MOBI;
- f) Cumprir normas do regimento;
- g) Primar pelo trabalho em equipe, bom relacionamento, cooperação mútua, ética e respeito.

### **2. Categoria Colaboradora**

- a) Participar das reuniões e atividades do MOBI, quando convocadas;
- b) Justificar toda ausência e qualquer impedimento de participar das reuniões e atividades que receberam convocação;
- c) Cumprir as normas deste regimento
- e) Prezar pelo bom nome do MOBI
- f) Primar pelo trabalho em equipe, bom relacionamento, cooperação mútua, ética e respeito.

#### **Capítulo IV - Da adesão/penalidade/exclusão das integrantes**

**Art. 9º** - A adesão de novas integrantes no MOBI, se dará por meio da indicação de uma integrante, preenchimento da ficha de adesão e aprovação do grupo em reunião, que deverá ser registrada em ata e comunicado à nova integrante.

**Art. 10.** - A integrante que faltar a duas reuniões receberá advertência e completando 3 reuniões, sem justificativa prévia e aceita como legítimo impedimento, receberá a penalidade de 1 ano de exclusão das atividades do grupo, inclusive o uso da marca “Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino” e qualquer outra que venha a ter.

**Parágrafo Único:** O reingresso no grupo, se dará, mediante solicitação à coordenação e aceite pela maioria simples (50% + 1) do grupo, que deverá ser registrado em ata e informado à solicitante.

**Art. 11.** - O não cumprimento das normas deste regimento, poderá acarretar a exclusão da integrante, ou penalidades, que será julgado em reunião do grupo, tendo que ser aprovado por maioria simples (50% + 1).

#### **Capítulo V - Da composição da coordenação**

**Art. 12.** - A coordenação é formada por integrantes do grupo, eleitas por maioria absoluta e distribuídas nas seguintes funções: 01 Coordenadora Geral, 01 vice-Coordenadora Geral, 01 Secretária titular e 01 Secretária suplente, 01 Tesoureira titular e 01 Tesoureira suplente;

§ 1º - O mandato da coordenação será de dois anos, sendo permitida uma única recondução consecutiva;

§ 2º - A gestão será de forma coletiva do grupo, juntamente com a coordenação;

**Art. 13.** - São deveres da equipe de coordenação:

- a) Organizar a prestação de contas mensais e apresentar ao grupo ao final de cada exercício ou quando solicitado pela Assembleia;
- b) Se responsabilizar pela conta poupança solidária do grupo;
- c) Elaborar a ata e articulação do grupo;

- d) Estimular e valorizar a participação das mulheres membros do grupo;
- e) Cumprir e zelar pelo cumprimento das regras do regimento.

#### **Capítulo VI - Da participação das Integrantes nas atividades do grupo**

**Art. 14.** - Participar das atividades desempenhadas pelo grupo MOBI, constitui um direito e um dever das integrantes.

**Parágrafo único:** As cooperadas terão sempre prioridade sobre as colaboradoras e essas sobre a população em geral.

#### **Capítulo VII - Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino**

**Art. 15** - Para uso da marca “Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino”, a integrante deverá:

- a) Ser cooperada na COOPFAM (ter sua própria cota);
- b) Ser integrante do grupo MOBI;
- c) Produzir o café orgânico de acordo com as normas brasileiras de produção orgânica;
- d) Ter seu sistema de produção, minimamente descrito, evidenciando sua participação na gestão e produção do café e enviado à coordenação, que enviará cópia à COOPFAM.

**Art. 16** - O Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino terá que seguir os seguintes requisitos:

- a) Ter a participação da mulher, em pelo menos 60% da gestão da lavoura, seja na produção, tratos culturais, colheita ou pós-colheita do café;
- b) Ter qualidade comprovada e aceita segundo as normas exigidas da COOPFAM.

**Art. 17** - O investimento e a destinação do prêmio do “Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino” será decidido entre as integrantes do MOBI, produtoras do “Café Familiar da Terra - Orgânico Feminino”, tendo prioridade os investimentos na produção, qualidade e ações coletivas.

§ 1º. O grupo Mobi deverá elaborar um planejamento anual das ações a serem executadas utilizando os recursos oriundos do prêmio do Café Familiar da Terra – Orgânico Feminino.

§ 2º. O grupo Mobi deverá elaborar um relatório anual com os resultados das ações utilizando os recursos oriundos do prêmio do Café Familiar da Terra – Orgânico Feminino.

### **Das Disposições Gerais**

**Artigo 18.** O presente Regimento Interno empenhar-se-à pela melhoria na qualidade da organização do grupo. Qualquer causa ausente nesse regimento será submetido á assembléia para análise e decisão, valendo a posição da maioria absoluta, com o devido registro em Ata.

Poço Fundo, 06 de Agosto de 2014

## **ANEXO B - MOÇÃO DE REPÚDIO**

### **Moção Contra o Uso de Agrotóxicos para Capina Química**

Nós, mais de 150 participantes do Encontro Sul Mineiro de Agroecologia, reunidos nos dias 24 e 25 de abril na cidade de Poço Fundo, nos manifestamos contrários ao uso de agrotóxicos para remoção de vegetação em ruas, estradas e outros espaços público.

Este procedimento, conhecido como Capina Química, além de ser proibido no Brasil, é perigoso, causa danos à saúde, e é uma ameaça à construção da agroecologia.

#### **A Capina Química é proibida**

De acordo com as resoluções a Anvisa, a prática da capina química não é permitida no Brasil. Não existem produtos registrados para tal fim, sobretudo porque não é possível garantir o período de reentrada após aplicação em locais públicos.

#### **A capina química é perigosa**

Um dos produtos mais utilizados para este fim é o glifosato, considerado provavelmente cancerígeno pela organização mundial da saúde.

#### **A capina química ameaça a agroecologia**

Diversos quintais agroecológicos, hortas orgânicas, criações de animais, entre outros tipos de produção agroecológica, são afetados pelas aplicações de agrotóxicos em beiras de ruas e estradas.

Denunciamos que a capina química, mesmo sendo proibida, é prática comum em diversas cidades do sul de minas gerais, como por exemplo Poço Fundo, Brazópolis, Inconfidentes, Pedralva e Caldas.

Assim, exigimos o fim da prática de capina química em defesa da saúde da população e como forma de proteger a produção agroecológica em nossa região.

Poço Fundo, 25 de abril de 2018.